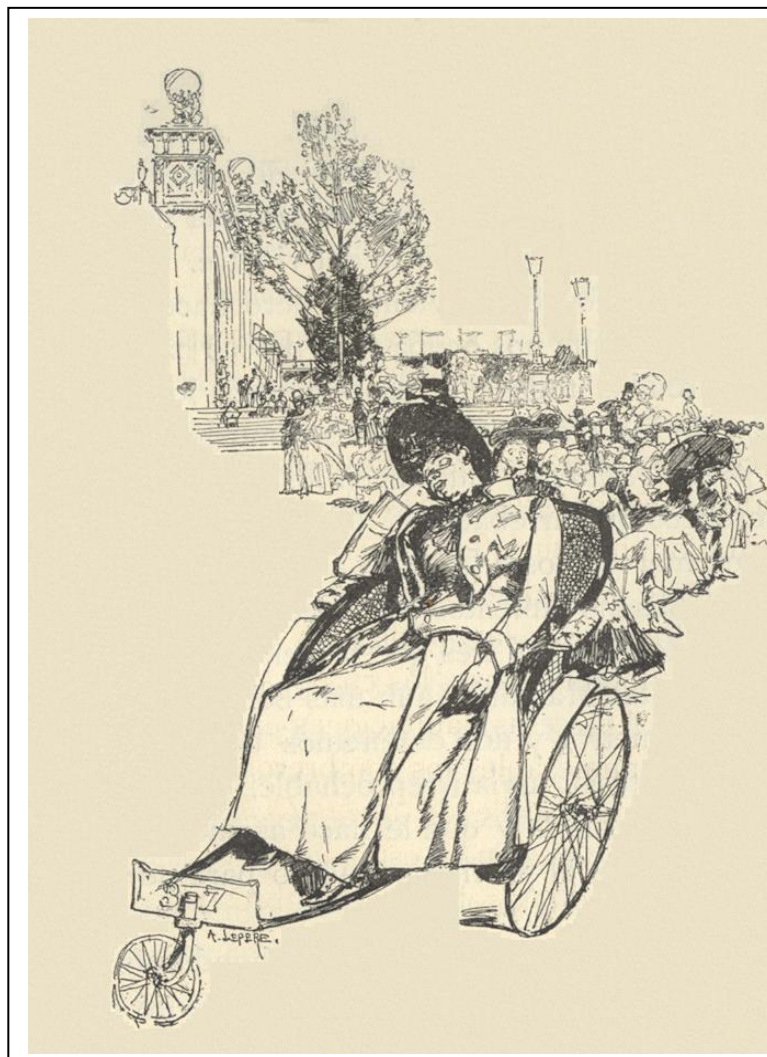


# OS PAVILHÕES DE PORTUGAL E AS EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS



Isabel Maria de Moura Anjinho Marques dos Carvalhos

Mestrado em História da Arte

Seminário: “Arte e celebração: o efémero e o durável”

Docente: Prof. Doutora Regina Anacleto

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2006

## Índice

1. As exposições universais .....	3
2. Como se implementava uma exposição universal .....	4
3. Tipos de exposições .....	5
4. Participação portuguesa .....	5
5. Reino Unido: Londres, 1851.....	6
6. França: Paris, 1855 .....	7
7. Reino Unido: Londres, 1862.....	7
8. Portugal: Porto, 1865.....	8
9. França: Paris, 1867 .....	8
10. Áustria: Viena, 1873 .....	9
11. E.U.A. : Filadélfia, 1876.....	10
12. França: Paris, 1878 .....	10
13. Holanda: Amesterdão, 1883 .....	11
14. Bélgica: Anvers, 1885.....	11
15. França: Paris, 1889 .....	11
16. França: Paris, 1900 .....	12
17. E. U. A. : São Luís, 1904 .....	13
18. E.U.A. : S. Francisco, 1915 .....	14
19. Brasil: Rio de Janeiro, 1922 .....	14
20. Espanha: Sevilha, 1929 .....	14
21. Espanha: Barcelona, 1929-30.....	14
22. França: Paris, 1937 .....	15
23. E.U.A. : Nova Iorque, 1939 .....	15
24. Bélgica: Bruxelas, 1958.....	16
25. Japão: Osaka, 1970 .....	17
26. Espanha: Sevilha, 1992.....	17
27. Portugal: Lisboa, 1998.....	17
28. Alemanha: Hanôver, 2000 .....	17
29. Fontes e bibliografia.....	18

# OS PAVILHÕES DE PORTUGAL E AS EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS

## 1. As exposições universais

As exposições foram para o séc. XIX motivo de delírio porque encontraram a sua razão de ser num dos pontos fundamentais de identificação do século consigo próprio: o nascimento do fenómeno das massas. As exposições universais da segunda metade do século XIX consagram a presença das massas, supõem a existência de um novo sujeito social que determina uma nova concepção e configuração da cidade como lugar da multidão<sup>1</sup>. Após uma primeira fase de realização de certames a nível nacional (finais do século XVIII – primeira metade do século XIX), entra-se no ciclo das exposições internacionais, com a exposição de Londres de 1851. O êxito do evento foi de tal ordem que, desde então até hoje, não mais deixou de se repetir, com escassos anos de intervalo, salvo uma ou outra excepção. O referido sucesso ficou a dever-se a diversos factores, com destaque para os de ordem cultural (o rápido progresso das ciências), socioeconómica (a necessidade de “marketing”) e política (o nacionalismo/imperialismo que vigorava). Além das exposições internacionais, tiveram igualmente lugar numerosas exposições no interior dos próprios países, de âmbito local, regional, ou nacional. No caso português, Braga, Porto, Aveiro, Coimbra, Lisboa, e outras localidades, organizaram também os seus certames<sup>2</sup>. O ano de 1867, em Paris, foi outro marco na história das exposições: os países reuniram-se para definir regras, e apareceram os pavilhões nacionais, supostamente concebidos seguindo as respectivas arquitecturas, e que na sua maioria eram, afinal, cenografias historicistas que se supunha melhor revelarem as suas essências respectivas. Constituíram, no entanto, um excelente laboratório de experimentação em termos tecnológicos, de novos materiais e novas formas de construir. Assim, lugares do futuro, as exposições eram, simultaneamente, espaços de revisitação do passado<sup>3</sup>. No entanto, apesar do esforço comum de 1867, em 1873, em Viena, continuou-se a verificar a necessidade de uma maior organização. Em Filadélfia em 1876, inaugura-se o carácter evocativo-comemorativo das exposições, começando também, a partir da exposição de Paris de 1878, a componente colonial a ganhar cada vez mais importância. Relativamente a estilos, o revivalismo arquitectónico foi, de facto, o denominador comum das exposições do século XIX, e talvez as exposições universais tenham contribuído para que o neoclassicismo fosse o último estilo unitário: a partir daí todos os estilos são uma mescla, coincidindo com a altura em que os países se passam a encontrar nestes certames. Mas, no final do século, o feérico e o lúdico tinham substituído a seriedade do didactismo e da missão formativa: as exposições já não eram entendidas como síntese e inventário, mas como testemunho da sua época e como festa, já sem objectivos comerciais reconhecidos. A estética da utopia estava a dar lugar à estética da ilusão. Se inicialmente as exposições eram essencialmente industriais, feitas para juntar produtos e produtores, em 1900, a “atração”, que se

---

<sup>1</sup> GUERREIRO, António, *Exposições universais: Paris 1900*, Lisboa, Expo 98, 1995, p.7-8.

<sup>2</sup> MENDES, José Amado, *As exposições como “Festas da Civilização”*: Portugal nas exposições internacionais (sécs. XIX - XX), “Gestão e desenvolvimento”, Número 7, Viseu, Universidade Católica Portuguesa. Centro Regional das Beiras - Pólo de Viseu, 1998, p.251.

<sup>3</sup> *Arte efémera em Portugal - 13 de Dezembro a 25 de Fevereiro de 2001- Galeria de exposições temporárias do Museu Calouste Gulbenkian*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p.354.

baseava no poder da ilusão e do feérico, tinha-se tornado a palavra de ordem, sendo a electricidade a grande fada<sup>4</sup>. Também nesta altura se começa a debater a questão da possibilidade de manutenção de algumas infra-estruturas das exposições, inaugurando-se o debate entre o efémero e o perene. A partir de S. Luís, em 1904, os planos das exposições passam a incluir a realização de congressos. Imediatamente antes da segunda grande guerra, na exposição de Paris, em 1937, foi abandonado o chamado estilo de exposição, que tentava mascarar, de perene, uma arquitectura efémera. Em Nova Iorque, em 1939, as exposições perderam parte da importância que tinham, tendo a competição passado para os Jogos Olímpicos, bem como a componente científica para os encontros e congressos internacionais, e já não eram autorizados projectos que “escondessem” a sua principal característica: a efemeridade. Em Osaka, em 1970, pela primeira vez, os pavilhões das empresas privadas competiram em arrojo e ostentação com os dos países participantes. Assim, as exposições têm vindo sucessivamente a transformar-se, cada vez mais, em espectáculos, deixando sucessivamente de ser os mostruários oitocentistas, até à realidade actual: a “exposição-espectáculo” por excelência. As exposições têm constituído, efectivamente factores de desenvolvimento. Para além de movimentarem capital são aproveitadas no sentido do desenvolvimento urbanístico e arquitectónico, contribuindo para difundir ciência e tecnologia, ideais e princípios, cultura e civilização, ao mesmo tempo que têm ajudado a intensificar o diálogo entre povos e nações. Têm, assim, contribuído fortemente, no início de forma pioneira, para a “cooperação internacional institucionalizada”<sup>5</sup>. A tendência futura parece ser que, cada vez mais, delas resultem estruturas e infra-estruturas permanentes, passíveis de diferentes utilizações, ou mesmo já concebidas nessa perspectiva.

## 2. Como se implementava uma exposição universal

Dar uma resposta completa é difícil devido ao abismo que existe entre a organização duma manifestação como a do palácio de Cristal de Londres em 1851, acolhendo 6 milhões de visitantes nos seus 7.5 hectares e a de Osaka em 1970 onde 64 milhões de visitantes invadiram 330 hectares<sup>6</sup>. De qualquer maneira existe um certo número de constantes:

Por ocasião da exposição de 1867, os comissários da Áustria, Itália, Prússia, Rússia, Grã-Bretanha e Estados Unidos, reunidos em assembleia extraordinária, definiram por unanimidade o estatuto das futuras exposições, resultado de um debate que agitava todos os países europeus na segunda metade dos anos sessenta, tendo sido também feitas recomendações que praticamente não foram seguidas<sup>7</sup>. Anos mais tarde, a Convenção de Paris de 22 de Novembro de 1928, tornada necessária pela multiplicação das exposições internacionais, e pela necessidade de garantias aos expositores, “regulamentou a frequência das exposições, e determinou as obrigações recíprocas dos países organizadores e dos convidados”. Portugal integrou o grupo dos 40 países que a assinaram. Os organizadores teriam de se conformar com

<sup>4</sup> GUERREIRO, António, *Exposições universais: Paris 1900*, Lisboa, Expo 98, 1995, p.48-49 p.57.

<sup>5</sup> MENDES, José Amado, *As exposições como “Festas da Civilização”*: Portugal nas exposições internacionais (sécs. XIX - XX), “Gestão e desenvolvimento”, Número 7, Viseu, Universidade Católica Portuguesa. Centro Regional das Beiras - Pólo de Viseu, 1998, p.262.

<sup>6</sup> *Le livre des expositions universelles 1851- 1989*, Paris, Editions des arts décoratifs- Herscher, 1983, p. 211.

<sup>7</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Les expositions universelles 1851-1900*, Paris, Belin, 1993, p. 28.

as normas pré-estabelecidas e tentar obter o registo no *Bureau International des Expositions* (B.I.E.). Este registo é feito a dois tempos: primeiro a marcação da data, depois o registo definitivo que permite que sejam feitos os convites oficiais aos outros países. É o B.I.E. que regula no caso de haver duas propostas para o mesmo ano. De facto, nem mesmo na segunda metade de XIX era suficiente para um país anunciar a sua intenção, sem o referir a nenhuma instância internacional. Os centenários históricos vieram a constituir um pretexto para estas solenidades: centenário da independência para os Estados Unidos em 1876, da revolução para Paris em 1889, a cedência da Luisiana pela França para os Estados Unidos em 1904, ou o quarto centenário do desembarque de Cristóvão Colombo em Chicago em 1893, ou o terceiro centenário do Discurso do Método em 1937 em Paris. Eram também uma oportunidade para implementar grandes obras de interesse nacional ou mundial: por exemplo o túnel do Monte Cenis em Milão, ou a abertura do canal do Panamá em S. Francisco, em 1915. Em todo o caso, uma exposição universal era sempre “uma grande operação de propaganda nacional”<sup>8</sup>.

### 3. Tipos de exposições

Relativamente ao tipo de exposição, o B.I.E. estabeleceu dois: “universais” ou “especializadas”. As primeiras com um tema extremamente genérico, construindo os participantes os seus próprios pavilhões. Nas segundas a responsabilidade de construir os pavilhões cabe ao país anfitrião, que depois os aluga aos participantes, a não ser que estes queiram construir pavilhões próprios<sup>9</sup>.

Acrescente-se, também que a classificação de “internacional”, ou “universal” tem vindo a ser usada sem grande rigor conceptual, aplicando-se mesmo de forma indiferenciada a alguns eventos, e inclusive em simultâneo. A Convenção de Paris, de 1928, aprovou a seguinte definição: “considera-se exposição internacional oficial, ou oficialmente reconhecida, toda a manifestação, seja qual for a sua designação, para a qual são convidados países estrangeiros pelas vias diplomáticas, que tem, em geral, um carácter não periódico, cujo fim principal é mostrar os progressos realizados pelos diferentes países, num ou mais ramos da produção, e onde não se faz, em princípio, distinção alguma entre compradores e visitantes para entrada nos locais da exposição”<sup>10</sup>.

### 4. Participação portuguesa

Curiosamente, foi em Portugal, em Oeiras, no tempo do Marquês de Pombal, em 1775-76, que se organizou a primeira exposição industrial do Reino e da Europa<sup>11</sup>, seguida de outras, como por exemplo a *Exposição Industrial Portuguesa* de 1803, nos Jerónimos (**Ilustração 1**). Para Portugal, as várias exposições universais do século XIX corresponderam em grande parte ao longo período da regeneração, um novo ciclo liberal através do qual se passou de uma fase de violentos conflitos e incertezas para uma época de relativa estabilidade política e pacificação social. Desde o primeiro momento o Estado Liberal

<sup>8</sup> *Le livre des expositions universelles 1851- 1989*, Paris, Editions des arts décoratifs- Herscher, 1983, p. 211.

<sup>9</sup> COELHO, Tereza, *Exposições universais: Vancouver 1986*, Lisboa, Expo 98, 1998, p.36.

<sup>10</sup> MENDES, José Amado, *As exposições como “Festas da Civilização”*: Portugal nas exposições internacionais (sécs. XIX - XX), “Gestão e desenvolvimento”, Número 7, Viseu, Universidade Católica Portuguesa. Centro Regional das Beiras - Pólo de Viseu, 1998, p.250.

<sup>11</sup> Idem, p.252.

considerou um imperativo para o processo de auto-afirmação a apresentação de produtos portugueses nesses eventos, em pavilhão próprio a partir de 1967 (quase sempre), tendo esse entendimento inclusivamente configurado, na década de 60, a vontade de realizar uma exposição internacional, ideia concretizada, em 1865, pelas elites portuenses, tendo, nessa altura, sido inaugurado o Palácio de Cristal, acontecimento pioneiro em termos nacionais, projecto dos britânicos Thomas Dillen Jones e F. W. Sheilds<sup>12</sup>. No entanto, ao contrário do seu congénere inglês, este destinava-se a ser uma estrutura permanente. A participação portuguesa verificou-se em quase todos os certames, salvo algumas excepções, nomeadamente após a implantação da República, revelando a mesma sequência evolutiva geral, ao nível tipológico (por exemplo nos pavilhões coloniais e nos elementos de cariz nacionalista), e arquitectónico (evoluindo do revivalismo ao modernismo). Uma nota ainda para a organização da Expo 1998, em Lisboa, que, à semelhança da exposição de 1865, integramos no nosso trabalho, apesar de não se tratar de exposições universais. De igual forma integramos a Ibero Americana de Sevilha, e a Internacional de Barcelona, ambas em 1929, pelo simbolismo da participação portuguesa.

Assim a selecção dos eventos aqui apresentados, mesmo no conjunto dos universais, são os que directa ou indirectamente mais influenciaram o nosso País, e não a totalidade.

## 5. Reino Unido: Londres, 1851

Após uma primeira fase de realização de certames a nível nacional, liderada pela França, entra-se no ciclo das exposições internacionais, com a exposição universal de Londres de 1851, cujo sucesso desencadeou uma verdadeira “expomania”<sup>13</sup>. A realização de exposições internacionais foi favorecida pelo progresso, boas conjunturas de desenvolvimento industrial e pela revitalização dos nacionalismos a partir do início do século XX<sup>14</sup>. O aparecimento das exposições universais foi uma consequência directa da primeira revolução industrial, e de uma concepção liberal da economia. Coube à Inglaterra vitoriana tomar a iniciativa de organizar o primeiro certame industrial, demonstrando ao mundo a sua superioridade nesse campo, e abrindo caminho para a exploração de uma dimensão nacionalista que presidiria sempre a todas as exposições universais. Em 1851 o mundo industrial e empreendedor foi chamado a Londres e o ferro e vidro do *Crystal Palace* assinalaram uma nova etapa: o ciclo das exposições universais inaugurou-se com cenários grandiosos fundo das apresentações recíprocas que os Países faziam dos seus produtos e invenções. Começaram por ser lugares de informação por excelência para o conhecimento e popularização dos avanços técnicos que se foram dando ao longo da segunda metade de oitocentos. Curiosamente, e após a realização em Londres do terceiro certame mundial (1862), os ingleses abandonaram a concretização deste tipo de mostras no seu território, investindo esforços numa especialização das exposições e na museologia, com a criação de museus permanentes da ciência e da

<sup>12</sup> *Arte efémera em Portugal - 13 de Dezembro a 25 de Fevereiro de 2001- Galeria de exposições temporárias do Museu Calouste Gulbenkian*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p.353.

<sup>13</sup> MENDES, José Amado, *As exposições como “Festas da Civilização”*: Portugal nas exposições internacionais (sécs. XIX - XX), “Gestão e desenvolvimento”, Número 7, Viseu, Universidade Católica Portuguesa. Centro Regional das Beiras - Pólo de Viseu, 1998, p.251.

<sup>14</sup> ALMEIDA, Cristina Ferreira de, *Exposições universais: Barcelona 1929*, Lisboa, Expo 98, 1995, p.35.

indústria. A França, promotora da segunda exposição universal (Paris 1855) viria a apossar-se da iniciativa destes grandes certames<sup>15</sup>. A primeira exposição de Londres (**Ilustração 2**), integrando cerca de 14 mil expositores<sup>16</sup> num palácio de cristal que cobria 110.000 m<sup>2</sup> de área (**Ilustrações 3 e 4**)<sup>17</sup>, obteve “*applauso de todo o mundo*” devido à sua originalidade<sup>18</sup>. Na intercepção da nave central com a nave principal existia uma enorme fonte de vidro (**Ilustrações 5 e 6**), que passou também a ser uma das referências simbólicas da exposição<sup>19</sup>. A pintura esteve afastada da exposição<sup>20</sup>. Na área do design, o estilo gótico, ou neo-gótico, estava no auge, tendo esta realidade sido reproduzida numa Corte Medieval (**Ilustração 8**). O sucesso económico desta exposição possibilitou o financiamento várias instituições culturais e científicas. Foi visitada por mais de 6 milhões de visitantes, tendo sido o primeiro fórum internacional do mundo moderno. Sessenta e oito anos depois, em 1919, já no pós-guerra, foi criada a Liga das Nações, ou Sociedade das Nações, traduzindo o conceito das primeiras exposições para o campo político. A Comissão Real, que a criou, ainda existe, e continua a promover a arte e a ciência. Portugal esteve presente com algumas peças, litografias e produtos agrícolas, tendo sido feitos “consideráveis esforços para representar tanto quanto possível os recursos naturais do país, embora as suas capacidades de fabrico ainda não tenham sido desenvolvidas” ... insólita foi também a presença de freiras de Coimbra com uma amostra de frutos secos<sup>21</sup>...

## 6. França: Paris, 1855

Exposição universal, nos *Champs Elisées* (**Ilustração 9**), integrando 25600 expositores<sup>22</sup>. A exposição dos produtos de belas-artes não tinha lugar no chamado Palácio da Indústria (**Ilustração 10**), mas numa grande construção provisória erguida expressamente para o efeito<sup>23</sup>. Portugal participou nesta exposição.

## 7. Reino Unido: Londres, 1862

Classificada por alguns autores como universal, e por outros somente como internacional<sup>24</sup>. Localizada no mesmo local da de 1851, integrava um palácio que já não era de cristal (**Ilustrações 11 e 12**), uma vez que a experiência tinha mostrado que “*estas leves e elegantes construções, onde não entra mais que o ferro e vidro, têm inconvenientes: no verão é difícil evitar que o sol penetre no interior com grande intensidade, sendo para isso necessário um complicado systema de toldos e cortinas immensas, ... e estando corridas, n´algumas horas do dia fazem demasiada sombra para o exame de certos objectos de arte, os quadros principalmente*” e “*quando chove, por mais bem soldadas que estejam as vidraças, nunca se evita*

<sup>15</sup> *Arte efémera em Portugal - 13 de Dezembro a 25 de Fevereiro de 2001- Galeria de exposições temporárias do Museu Calouste Gulbenkian*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p.353.

<sup>16</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Les expositions universelles 1851-1900*, Paris, Belin, 1993, p.298.

<sup>17</sup> LEITÃO, Nicolau Andersen, *Exposições universais: Londres 1851*, Lisboa, Expo 98, 1994, p.37.

<sup>18</sup> *Nova Exposição de Londres*, “*Archivo Pittoresco*”, Volume IV, Lisboa, Typographia Castro e Irmão, 1861, p.73-74.

<sup>19</sup> LEITÃO, Nicolau Andersen, *Exposições universais: Londres 1851*, Lisboa, Expo 98, 1994, p.45-47.

<sup>20</sup> *Nova Exposição de Londres*, “*Archivo Pittoresco*”, Volume IV, Lisboa, Typographia Castro e Irmão, 1861, p.73-74.

<sup>21</sup> LEITÃO, Nicolau Andersen, *Exposições universais: Londres 1851*, Lisboa, Expo 98, 1994, p.62 p.71-72 p.77 p.79.

<sup>22</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Les expositions universelles 1851-1900*, Paris, Belin, 1993, p. 299.

<sup>23</sup> *Exposição universal de Paris – Bellas Artes*, “*O Panorama*”, Volume XII, Lisboa, Typographia Franco-portuguesa, 1855, p.263.

<sup>24</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Les expositions universelles 1851-1900*, Paris, Belin, 1993, p. 299.

*completamente a infiltração da água por tão grande número de interstícios*”. No entanto, como os inconvenientes tinham a ver unicamente com as fachadas exteriores dos edifícios, no interior, as colunas e arcadas de ferro continuaram a ser adoptadas (**Ilustração 13**). O novo palácio, tinha uma construção baseada em tijolo e argamassa, que ainda permitia o rasgamento de muitas janelas e clarabóias, e ocupava o dobro da superfície do de 1851 (**Ilustração 14**). Quanto à pintura, já não estava afastada da exposição. Como já referido, após este evento, os ingleses abandonaram a concretização deste tipo de mostras, investindo esforços na especialização das exposições e na museologia (**Ilustração 15**). A comissão portuguesa nomeada para representar Portugal nesta exposição foi presidida pelo rei D. Fernando<sup>25</sup>.

## 8. Portugal: Porto, 1865

Denominada de “Exposição Internacional da Península Ibérica”, foi a primeira exposição internacional na Península<sup>26</sup>, e dela resultou o Palácio de Cristal (**Ilustração 16**) e o seu parque (**Ilustrações 19 e 20**)<sup>27</sup>, à semelhança do que se havia passado em Londres em 1851. A imprensa da altura referia que *“não se podia comparar a exposição internacional portuguesa com as de Londres e de Paris, na grandeza e magestade do edifício, nem no número dos expositores, nem na quantidade dos productos expostos, ..., mas, não obstante, os próprios indivíduos que visitaram essas exposições estrangeiras não recusaram o seu testemunho de admiração, vendo o modo por que se desempenhou Portugal da árdua e ousada empresa que a si tomara”*<sup>28</sup>. Construído em ferro, vidro e granito (destinava-se a ser uma estrutura permanente), o palácio de cristal português caracterizava-se por uma extrema elegância, e tal como o original tinha a nave principal dividida por uma nave central de tecto arqueado (**Ilustrações 17 e 18**), mas com um pormenor original: pavilhões rematando os quatro cantos do edifício. Cobria uma área de 7900 m<sup>2</sup>, sendo da autoria de dois arquitectos londrinos: Thomas Dillen Jones e F. W. Shields. Tornou-se um dos ex-libris da Cidade Invicta (**Ilustração 21**), mas infelizmente, e ao contrário do palácio de cristal londrino, que pereceu num incêndio, o português foi mandado apear pela vereação para ser substituído por uma versão de betão em 1951<sup>29</sup>.

## 9. França: Paris, 1867

Exposição universal com cerca de 52 mil expositores, e quase 9 milhões de visitantes<sup>30</sup>. O palácio de cristal, de um só pavimento, ocupava 146 588 metros quadrados (**Ilustração 23**), no meio de 300 000 transformados num *“formosissimo parque, povoado de numerosas edificações esplêndidas, em que se vê a architectura de quasi todos os povos do globo, antigos e modernos; adornado de jardins, estufas,*

<sup>25</sup> *Nova Exposição de Londres*, “Arquivo Pittoresco”, Volume IV, Lisboa, Typographia Castro e Irmão, 1861, p.73-74.

<sup>26</sup> MENDES, José Amado, *As exposições como “Festas da Civilização”*: Portugal nas exposições internacionais (sécs. XIX - XX), “Gestão e desenvolvimento”, Número 7, Viseu, Universidade Católica Portuguesa. Centro Regional das Beiras - Pólo de Viseu, 1998, p.266.

<sup>27</sup> *Exposição de Amsterdam*, “Occidente”, Volume 6º, 6º Anno, nº 167, 11 de Agosto, Lisboa, 1883, p.179.

<sup>28</sup> BARBOSA, I. de Vilhena, *Porto: exposição internacional portuguesa de 1865*, “Arquivo Pittoresco”, Volume VIII, Lisboa, Typographia de Castro e Irmão, 1865, p.337-339 p.369-371.

<sup>29</sup> LEITÃO, Nicolau Andersen, *Exposições universais: Londres 1851*, Lisboa, Expo 98, 1994, p.71, p.84-85.

<sup>30</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Les expositions universelles 1851-1900*, Paris, Belin, 1993, p. 300.



*cascatas, lagos, mirantes, pharoes, pontes, viveiros de aves exóticas, theatros e mil outras invenções*<sup>31</sup> (Ilustração 22). Relativamente ao palácio, a crítica não foi muito favorável: “*diz-se que a disposição architectónica do palácio não é logo ao primeiro aspecto, muito agradável, por quanto o olho, foge ao longo das curvas, que se vão sumindo, e não é detido por nenhuma saliência, por nenhum ângulo...*”<sup>32</sup>. E ainda: “*apesar das proporções colossaes do palácio, o seu recinto seria estreitíssimo espaço..., se não fosse dado a cada nação espaço bastante para construir anexos em volta do palácio*”. No referido parque situavam-se os pavilhões de Portugal e dos outros países, consagrados principalmente à exposição de produtos agrícolas e coloniais, bem como “*outras construcções destinadas a exposições especiais, como uma creche (Ilustração 28) e curiosíssimas*” como os aquários, um de água salgada (Ilustrações 25 e 26) e um de água doce (Ilustração 27)<sup>33</sup>. Assim, a exposição de 1867, com uma clara separação temática (nações e produtos), consubstanciou ainda outro marco neste tipo de certames: um novo processo expositivo - os pavilhões nacionais – cada vez com maior representatividade, dispersos num parque ou reunidos numa rua, um motivo de atracção para os visitantes a quem ofereciam a ideia de um museu do mundo. Os pavilhões seriam concebidos segundo as arquitecturas nacionais, mas as diversas culturas presentes optaram por cenografias historicistas que melhor revelassem as suas essências respectivas. Assim as exposições universais tornaram-se num lugar muito particular para se acompanhar o evoluir dos historicismos e ecletismos na segunda metade do século XIX, tendo-se aberto novos horizontes aos arquitectos, a partir da visão panorâmica de várias arquitecturas do globo. Para estes, as exposições constituíam um campo de manipulação de linguagens formais, permitindo viver o passado, mas ao mesmo tempo experimentar, em termos tecnológicos, novos materiais e novas formas de construir. Assim lugares do futuro, as exposições eram também espaços de revisitação do passado. O pavilhão português, na exposição universal de Paris, destinado à apresentação dos produtos coloniais, foi construído segundo os desenhos do arquitecto Rampin Mayor (Ilustração 29). Pretendeu transmitir uma imagem de fausto e exotismo, associável aos míticos tempos de glória do Império Português<sup>34</sup>. Pavilhão de arquitectura neo-manuelina conjugando imagens orientalizantes de feição anglo-indiana, do qual se dizia “*quadra perfeitamente à exposição dos productos portuguezes, para a qual foi levantado*”. Referindo-se também que “*essa architectura symbolisa a epocha do maior poderio, opulencia e gloria de Portugal*”<sup>35</sup>.

## 10. Áustria: Viena, 1873

<sup>31</sup> BARBOSA, I. de Vilhena, *Paris Exposição Universal de 1867*, “Archivo Pittoresco”, Volume X, Lisboa, Typographia de Castro e Irmão, 1867, p.97-98 p.105-106.

<sup>32</sup> *Palácio da exposição de Paris*, “O Panorama”, Volume XVII, Lisboa, Typographia Franco-portugueza, 1867, p.240.

<sup>33</sup> BARBOSA, I. de Vilhena, *Paris Exposição Universal de 1867*, “Archivo Pittoresco”, Volume X, Lisboa, Typographia de Castro e Irmão, 1867, p.97-98 p.106 p.155-157.

<sup>34</sup> *Arte efémera em Portugal - 13 de Dezembro a 25 de Fevereiro de 2001- Galeria de exposições temporárias do Museu Calouste Gulbenkian*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p.354.

<sup>35</sup> BARBOSA, I. de Vilhena, *Paris Exposição Universal de 1867*, “Archivo Pittoresco”, Volume X, Lisboa, Typographia de Castro e Irmão, 1867, p.49-50.

Referida por alguns autores como uma exposição universal, e por outros como unicamente internacional<sup>36</sup>. A crítica não foi positiva, e no dizer do próprio comissário régio de Portugal, Fradesso da Silveira, “*a exposição universal de Vienna deixou frustrados os mais elevados desígnios dos seus programmas: não deu exacta noticia do estado actual da civilização, não ofereceu aos visitantes uma fiel representação da economia nacional dos diversos povos...*” e ainda “*não se preparou convenientemente a exposição de Vienna, e demonstraria a necessidade urgentíssima da convocação de um congresso internacional para regular o serviço das futuras exposições universaes, de maneira que se desvança uma certa apparencia de feiras, com a qual se compromette gravemente a seriedade, e a importância d’estas grandes solenidades*”. Os produtos portugueses estavam distribuídos: no Palácio da Indústria, na Halle Agrícola, no Pavilhão do Comércio Universal, e em três anexos, um dos quais uma escola primária (**Ilustração 33**)<sup>37</sup>.

### 11. E.U.A. : Filadélfia, 1876

Inaugurou-se, neste evento, o carácter evocativo-comemoracionista das exposições, associando-se a eventos significativos da história dos países organizadores<sup>38</sup>. Comemorava os cem anos da declaração da Independência (**Ilustração 34**), e integrava quase 31 mil expositores, com cerca de 10 milhões de visitantes. Também referida por alguns autores como uma exposição universal, e por outros como unicamente internacional<sup>39</sup>. Portugal participou unicamente com uma mostra de produtos.

### 12. França: Paris, 1878

No campo de Marte e no *Trocadero*, em Paris (**Ilustração 37**), integrando cerca de 53 mil expositores, com 16 milhões de visitantes<sup>40</sup>. Cada nação devia edificar o seu próprio testemunho arquitectónico na secção que lhe era atribuída no Palácio da indústria, assim formando a *Rue des Nations*, que era o essencial da mostra internacional... o parque ficava disponível para os países que pretendessem construir uma segunda estrutura expositiva. Assim a *Rue des Nations* veio confirmar as reconstituições histórico-artísticas, construída numa zona central, a céu aberto, que atravessava o palácio nos 600 metros do seu comprimento (**Ilustração 38**). O responsável pelo risco das fachadas da secção portuguesa foi o arquitecto Jean Louis Pascal, uma das referências do ecletismo francês, que resolveu desenhá-lo *à l’identique*, procurando reproduzir o portal sul dos Jerónimos, com uma cuidada relação interior-exterior, citando internamente os claustros de Belém e da Batalha (**Ilustrações 39, 40 e 41**). Curiosamente, os observadores franceses entenderam os Jerónimos como “a expressão arquitectural do Portugal agitado, em progresso, colonizado”, enquanto que a Batalha era associada ao “Portugal independente sob um regime estável e

<sup>36</sup>*Arte efémera em Portugal - 13 de Dezembro a 25 de Fevereiro de 2001- Galeria de exposições temporárias do Museu Calouste Gulbenkian*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p.300.

<sup>37</sup>SILVEIRA, Joaquim Henriques Fradesso da, *Notícia da Exposição Universal de Vienna d’Austria em 1873*, Bruxellas, Typographia e Lithographia de E. Guyot, 1873.

<sup>38</sup>MENDES, José Amado, *As exposições como “Festas da Civilização”: Portugal nas exposições internacionais (sécs.XIX-XX)*, “Gestão e desenvolvimento”, Número 7, Viseu, Universidade Católica Portuguesa. Centro Regional das Beiras - Pólo de Viseu, 1998, p.255.

<sup>39</sup>AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Les expositions universelles 1851-1900*, Paris, Belin, 1993, p.24 p.300-301.

<sup>40</sup>Idem, p.301.

tranquilo”. A representação portuguesa tinha também no campo de Marte o Pavilhão das Colónias (**Ilustração 42**), que recebia os produtos coloniais, e que combinava ecleticamente elementos manuelinos com azulejos poli cromados neo-mudejares e bastantes detalhes fantasiosos, numa composição convencional e estática com um sabor vagamente orientalizante<sup>41</sup>.

### 13. Holanda: Amesterdão, 1883

Esta exposição é considerada universal por alguns autores, enquanto que nem sequer internacional por outros<sup>42</sup>. O palácio da exposição elevava-se no meio de um parque, com duas grandes torres quadradas, coroadas de figuras indianas, e enormes elefantes esculpidos no seu embasamento (**Ilustração 43**)<sup>43</sup>. Portugal não esteve representado em Amesterdão porque o Estado considerava que “*as circumstancias do thesouro não permittiam cavallarias altas*”, e apesar de todos os esforços da Sociedade Portuguesa de Geografia, que ainda tentou substituir aquele, a falta de condições económicas não o permitiu. De referir que, para o estado português, as questões económicas não eram as únicas, uma vez que existiam conflitos no que respeita às possessões coloniais<sup>44</sup>.

### 14. Bélgica: Anvers, 1885

Integrando cerca de 14,5 mil expositores, com 1,5 milhões de visitantes, é referida por alguns autores como uma exposição universal (nomeadamente pela imprensa), e por outros como unicamente internacional<sup>45</sup>. O pórtico do palácio era denominado *Mappa-mundi* por ser coroado por uma grande esfera que lhe servia de remate. As torres de ambos os lados do pórtico, tinham uma plataforma com um grande farol eléctrico giratório (**Ilustrações 44 e 45**). Portugal era figurado pela Sociedade de Geografia de Lisboa (que desta vez tinha conseguido substituir o Estado, que evocara mais uma vez o motivo financeiro para não participar) apoiada pelo Banco Nacional Ultramarino, apresentando uma boa exposição colonial<sup>46</sup>. O pavilhão português optou por uma solução de carácter mourisco, um dos registos de orientalismo normalmente bem recebidos pelo público<sup>47</sup> (**Ilustrações 47 e 48**).

### 15. França: Paris, 1889

Evento que pretendia festejar os cem anos da Revolução Francesa, integrava quase 62 mil expositores, com 32 milhões de visitantes<sup>48</sup> (**Ilustrações 50, 51, 52, 53, 61, 62 e 63**). Eiffel cumprira a sua palavra: a torre dos 300 metros estava pronta (**Ilustrações 54, 55, 56 e 57**). Depois, durante a exposição, a torre cobria Paris

<sup>41</sup> *Arte efémera em Portugal - 13 de Dezembro a 25 de Fevereiro de 2001- Galeria de exposições temporárias do Museu Calouste Gulbenkian*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p.356-357 p.362.

<sup>42</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Les expositions universelles 1851-1900*, Paris, Belin, 1993, p. 301.

<sup>43</sup> *Exposição de Amsterdam*, “Occidente”, Volume 6º, 6º Anno, nº 167, 11 de Agosto, Lisboa, 1883, p.179 p.181.

<sup>44</sup> CORDEIRO, Luciano, *Exposição universal de Anvers*, “Occidente”, Volume 8º, 8º Anno, nº 231, 21 de Maio, Lisboa, 1885, p.113-116 p.193 p.195-196 p.211 p.214 p.235 p.246, p.267-270 p.287.

<sup>45</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Les expositions universelles 1851-1900*, Paris, Belin, 1993, p. 301-302.

<sup>46</sup> CORDEIRO, Luciano, *Exposição universal de Anvers*, “Occidente”, Volume 8º, 8º Anno, nº 231, 21 de Maio, Lisboa, 1885, p.113-116 p.193 p.195-196 p.211 p.214 p.235 p.246, p.267-270 p.287.

<sup>47</sup> *Arte efémera em Portugal - 13 de Dezembro a 25 de Fevereiro de 2001- Galeria de exposições temporárias do Museu Calouste Gulbenkian*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p.362.

<sup>48</sup> *Arte efémera em Portugal - 13 de Dezembro a 25 de Fevereiro de 2001- Galeria de exposições temporárias do Museu Calouste Gulbenkian*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p. 302.

de raios de luz eléctrica deixando “boquiabertos todos quantos a vêem de perto ou de longe”<sup>49</sup> (**Ilustração 58**)<sup>50</sup>. A atracção eram os diversos pavilhões dos países, referindo a imprensa que: “*cada paiz logo se distingue pela architectura do seu pavilhão, e que essa diversidade de construções, em estylos diferentes, são um dos attractivos mais curiosos da exposição, além da história da habitação humana, representada em 44 habitações indígenas de cada paiz...*” (**Ilustração 67**). Uma vez que a exposição comemorava o centenário da revolução francesa, Portugal não se fez representar oficialmente...isto é “*não se fez representar o governo da nação, mas fez-se representar a própria nação. Singular contraste. O mesmo fez a Inglaterra, a Bélgica, a Allemanha, a Alsace-Lorena, a Rússia, Itália, Áustria-Hungria, Dinamarca, Brazil, Luxemburgo, e Roumania*”. Representado pela Real Associação de Agricultura, a exposição portuguesa dividia-se em duas secções, uma no palácio das exposições diversas, a industrial, e outra no seu pavilhão próprio no Cais d’Orsay, na margem do Sena (**Ilustração 69**), esta última a agrícola e colonial. O pavilhão representava um palácio “*no estylo D. João V (Ilustração 70), um tanto alterado, mas que à primeira impressão se acceita, sendo o seu aspecto geral agradável*”, tendo sido o seu arquitecto o francês M. Hermant<sup>51</sup>. Já Mariano Pina se lhe refere como “*Luz XV portuguez! Um novo estylo architectonico acabado de pôr em circulação*”<sup>52</sup>. Uma nota curiosa sobre o pavilhão: era totalmente construído em madeira, e coberto, posteriormente, por um pano pintado de branco. Ao longe parecia pedra, mas ao primeiro toque o segredo era desvendado. A crítica era favorável, mormente a dificuldade do visitante em encontrar uma entrada<sup>53</sup>. Apesar do carácter eclético do conjunto, e presente ainda a glória das especiarias, inaugurava-se aqui uma nova genealogia nos estilos revivalistas portugueses: o barroco nacional vinha permitir uma imediata identificação com a família das arquitecturas ditas civilizadas, indubitavelmente ocidentais, modernas. Portugal já não se mostrava como uma cultura definida por componentes exóticos, mas como um País plenamente europeu<sup>54</sup>.

## 16. França: Paris, 1900

Nascida sob o signo da fronteira simbólica da passagem do século (**Ilustrações 73, 75 e 76**), integrando cerca de 83 mil expositores, com quase 51 milhões de visitantes. A Arte Nova assumiu, na exposição de Paris, um lugar importante, não tanto na arquitectura, mas na decoração dos pavilhões. Foi nesta altura que se generalizou o debate entre o efémero e o perene: se por um lado o séc. XIX foi o século dos museus, por outro era preciso devolver à cidade as zonas ocupadas, e evitar submeter os edifícios à agonia cruel do envelhecimento e da erosão, para que a impressão deixada pelo esplendor e a grandiosidade do cenário não fosse aniquilada. A exposição foi completamente dominada pelas visões panorâmicas, também com uma utilização lúdica: o Transiberiano, o Cinerama (**Ilustração 83**), o Mareorama (**Ilustração 84**), o *Tour du*

<sup>49</sup> *Exposição universal de 1889 (A)*, “Ilustração (A)”, Volume VI, 6º ano, Dir. Mariano Pina, Paris, s/e, 1889, p.190-193.

<sup>50</sup> REIS, Patrícia, *Exposições universais: Paris 1889*, Lisboa, Expo’98, 1994, p.44.

<sup>51</sup> SILVA, A. da, *Exposição universal de Paris 1889*, “Occidente”, Volume 12º, 12º Anno, nº 383, 30 de Novembro, Lisboa, 1899, p.178-179 p.202-203.

<sup>52</sup> *Portugal em Paris*, “Ilustração (A)”, Volume VI, 6º ano, Dir. Mariano Pina, Paris, s/e, 1889, p.227.

<sup>53</sup> REIS, Patrícia, *Exposições universais: Paris 1889*, Lisboa, Expo’98, 1994, p.58.

<sup>54</sup> *Arte efémera em Portugal - 13 de Dezembro a 25 de Fevereiro de 2001- Galeria de exposições temporárias do Museu Calouste Gulbenkian*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p.361.

*Monde, o diorama, o cosmorama, o diafanorama, o pleorama , ... inclusivamente a visão panorâmica de toda a exposição e da própria cidade*<sup>55</sup>. Portugal apresentava dois pavilhões, do arquitecto Ventura Terra: o pavilhão colonial (**Ilustração 93**) e o das mattas, caça e pesca (**Ilustrações 89 e 90**). A crítica foi-lhes parcialmente favorável (muitos achavam que não eram suficientemente “portugueses”). Quanto ao primeiro: *“Basta olhar para o pavilhão das colónias e logo se adivinha um âmbito vasto e iluminado pela luz que entra a jorros por quatro amplíssimas vidraças, e irresistivelmente parece encaminhar-se para uma entrada franca, convidativa, ... construção ephemera, erguendo-se em linhas simples e sobrias”*<sup>56</sup>. O segundo tinha planta rectangular, com telhado projectado, apoiado sobre uma estrutura aparente em madeira, evocando a tipologia de *chalet*, e num dos topos elevava-se um corpo em primeiro andar<sup>57</sup>. Aproveitava o azulejo como elemento decorativo, era “de construção levíssima”, pretendendo ser menos imponente que o pavilhão colonial<sup>58</sup>, e destinava-se a apresentar “os productos do solo continental”. A crítica rezava assim: *“O pavilhão da caça e pesca por forma ainda mais nítida exemplifica o seu duplo destino, espécie de rendez-vous de caça, campesino e simples, com a sua decoração de elementos florestaes e appendices ruralistas, assentando numa base sólida que se alonga em linha de ancoradouro, cingida de cordas, com argolas espaçando-se na muralha do caes, em cuja solução de continuidade uma linda cancella se desenha em curvas de bote...”*. Significativo é ainda o remate da crítica: *“Facil seria ao hábil tira-linhas do nosso distincto artista reproduzir a nossa habitação histórica no que ella tem suggestivo e poético, agrupando os elementos decorativos que a todos nos sorriem como um delicioso echo do passado, mas, como se não tratasse aqui de uma exposição histórica e retrospectiva, mas de pavilhões onde se collocassem productos modernos, pensou com seguro e honesto critério o sr. Ventura Terra que devia fazer obra sua, cingido ás exigências do momento, e tanto quanto possível reunindo qualidades monumentaes e de adaptação ao destino a que eram sujeitos.”*<sup>59</sup>. Como a história não é linear, um facto, relacionado com a escolha dos nossos projectos para esta exposição, iria marcar a história da arquitectura portuguesa do séc. XX: no concurso haviam sido preteridos os projectos de Raul Lino (**Ilustração 91**) a favor dos de Ventura Terra, no entanto ambos os projectos se revelaram importantíssimos pois marcam as duas tendências fundamentais que acompanhariam o novo século. A arquitectura moderna em Portugal irá situar-se entre a procura e a afirmação de uma “arquitectura portuguesa” com Raul Lino, e o cosmopolitismo de Ventura Terra. No entanto, muitas vezes os valores estéticos e culturais, com uma afirmação claramente nacional, foram confundidos com nacionalismo ideológico e político<sup>60</sup>.

## 17. E. U. A. : São Luís, 1904

<sup>55</sup> GUERREIRO, António, *Exposições universais: Paris 1900*, Lisboa, Expo 98, 1995, p.38-39 p.46-47 p.65.

<sup>56</sup> BARREIRA, João, *Os pavilhões portugueses na exposição de Paris*, “Brasil-Portugal”, nº 26, Lisboa, s/e, 1900, p.20-21.

<sup>57</sup> *Arte efémera em Portugal - 13 de Dezembro a 25 de Fevereiro de 2001- Galeria de exposições temporárias do Museu Calouste Gulbenkian*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p.365.

<sup>58</sup> *Exposição Universal de Paris em 1900. Projectos para os pavilhões portugueses*, “Occidente”, Volume 22º, 22º Anno, nº 753, 30 de Novembro, Lisboa, 1899, p.261-264.

<sup>59</sup> BARREIRA, João, *Os pavilhões portugueses na exposição de Paris*, “Brasil-Portugal”, nº 26, Lisboa, s/e, 1900, p.20-21.

<sup>60</sup> GUERREIRO, António, *Exposições universais: Paris 1900*, Lisboa, Expo 98, 1995, p.84-86.

Festejava o centenário da compra da Luisiana à França por quinze milhões de dólares<sup>61</sup> (**Ilustrações 92 e 93**), com cerca de 40 mil expositores, e quase 20 milhões de visitantes<sup>62</sup>. O plano da exposição incluía a realização de um congresso em que seria exposto o progresso das ciências em cem anos<sup>63</sup>. Referida por alguns autores como uma exposição universal, e por outros como unicamente internacional<sup>64</sup>. Incluía um monumental parque de atracções. Ficou, por esta altura, provado que as massas já não acudiam às exposições universais para serem intelectualmente estimuladas por novos conhecimentos, mas para serem entretidas e surpreendidas. O público estava cansado de ver máquinas em vitrinas, preferia o caos e o bulício das zonas de diversão<sup>65</sup>. Portugal participou com uma mostra de produtos.

### **18. E.U.A. : S. Francisco, 1915**

Oito anos depois do terramoto de 1906, São Francisco quis mostrar ao mundo a sua rápida recuperação (**Ilustração 94**). Esta exposição apresentava um sofisticado diorama do Canal do Panamá, em que o passageiro recebia igualmente estímulos sensoriais (**Ilustração 95**). De destacar também o perpétuo fluir de uma cadeia de montagem de automóveis Ford, que captava melhor o espírito de época do que qualquer produto industrial<sup>66</sup> (**Ilustração 96**). É por muitos considerada unicamente internacional. Portugal participou com uma mostra de produtos.

### **19. Brasil: Rio de Janeiro, 1922**

Evocava o 1º centenário da independência do Brasil. Portugal participou com um pavilhão próprio (**Ilustração 97**).

### **20. Espanha: Sevilha, 1929**

Apelidada de Exposição Ibero-americana, precedeu em dez dias a Exposição Internacional de Barcelona<sup>67</sup> (**Ilustração 98**). Portugal teve uma representação oficial, com um pavilhão projectado pelos irmãos Rebelo de Andrade, construído em 357 dias, e que hoje é o consulado português em Sevilha<sup>68</sup> (**Ilustração 99**).

### **21. Espanha: Barcelona, 1929-30**

Em 1929, Espanha acolheu simultaneamente, por questões políticas, duas exposições internacionais: uma na Catalunha, outra na Andaluzia, e Portugal foi, além dos anfitriões, o único País a participar em ambas, a primeira mais voltada para a Europa e mundo industrializado, a segunda para o universo colonial da África e das Américas<sup>69</sup>. Apelidada de Exposição Internacional de Barcelona, durou mais de um ano (o dobro do habitual), passando a meio do acontecimento a ter um carácter só nacional, tendo sido bastante afectada pela Queda da Bolsa de Nova Iorque. Os jogos de água e luzes foram o principal ponto de

<sup>61</sup> *Exposição de S. Luiz (A)*, “Occidente”, Volume 27º, 27º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1904, p.189.

<sup>62</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Les expositions universelles 1851-1900*, Paris, Belin, 1993, p. 302.

<sup>63</sup> *Exposição de S. Luiz (A)*, “Occidente”, Volume 27º, 27º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1904, p.189.

<sup>64</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Les expositions universelles 1851-1900*, Paris, Belin, 1993, p. 303-304.

<sup>65</sup> CANOGAR, Daniel, *Ciudades efímeras. Exposiciones universales: espectáculo y tecnología*, Madrid, Julio Ollero Editor, 1992, p.67.

<sup>66</sup> CANOGAR, Daniel, *Ciudades efímeras. Exposiciones universales: espectáculo y tecnología*, Madrid, Julio Ollero Editor, 1992, p.68-69.

<sup>67</sup> ALMEIDA, Cristina Ferreira de, *Exposições universais: Barcelona 1929*, Lisboa, Expo 98, 1995, p.44.

<sup>68</sup> SILVA, João Alfacinha da, *Exposições universais: Sevilha 1929*, Lisboa, Expo 98, 1998, p.46.

<sup>69</sup> Idem, p.45-46.

atração da exposição (**Ilustração 100**). Portugal, com uma representação não oficial, apostou modestamente na exposição de Barcelona, sem pavilhão próprio, ao contrário do que aconteceu em Sevilha, na exposição Ibero-Americana que decorria paralelamente<sup>70</sup>.

## **22. França: Paris, 1937**

Precedendo em dois anos o início da segunda Grande Guerra, foi a última encenação da habitual celebração da paz, no meio de graves crises económicas e sociais (**Ilustração 102**). Apelidada de internacional, e não de universal, unicamente por motivos políticos, adaptada à generalizada recessão económica, o tema oficial era “Artes e técnicas na vida moderna”, e pretendia fomentar a cooperação intelectual da humanidade. Mas nela estiveram patentes alguns dos dualismos que mais dividiam a humanidade: o fosso entre a capital e as províncias, entre a metrópole e as colónias, entre arte e ciência, entre socialismo e capitalismo, entre fascismo e democracia... Uma das inovações artísticas na exposição era a decoração, sendo o artesanato tão valorizado como a arte. Além disso pretendia-se promover uma arquitectura “sincera”, que não tentasse transmitir a pavilhões provisórios a aparência de definitivos “pelo emprego de formas que seriam aceitáveis em materiais duráveis mas que, realizados em materiais ligeiros, acusariam a mentira, sempre deplorável em matéria de arquitectura”. A tensão entre classicismo e modernismo estava patente num bom número de pavilhões<sup>71</sup>. O pavilhão português, da autoria de Keil do Amaral, procurava também conciliar o moderno com as velhas tradições, repartindo por dois andares as produções de um país que se tentava apresentar, não tanto como moderno, mas como país onde o progresso não tinha destruído as heranças de uma cultura ancestral, representada por uma exposição de artesanato típico e por dois barcos rabelos (**Ilustração 103**).

## **23. E.U.A. : Nova Iorque, 1939**

Exposição universal que se inaugurou na altura em que as tropas de Hitler iniciavam a invasão da Polónia, mostrando ironicamente várias nações em guerra na “Praça da Paz”. A temática foi o espectáculo das novas tecnologias e o tributo visionário a um futuro harmónico do homem com a arte, a produção e a paisagem<sup>72</sup>, pretendendo também ser a imagem da reabilitação dos Estados Unidos, após dez anos de extrema crise. É geralmente apontada como um marco histórico, uma vez que as exposições perderam alguma da sua importância a partir daí. E talvez porque se cumpriu “O mundo de amanhã” anunciado (**Ilustrações 106 e 107**), não sendo necessário sair de casa para ver as novidades, e porque a enorme quantidade de novos produtos e bens de consumo tornou impossível a sua apresentação numa exposição global, tendo-se multiplicado as feiras especializadas. Duas outras componentes que também se perderam foram: a competição que passou para os Jogos Olímpicos, e a componente científica, intimamente relacionada a partir de aí com encontros e congressos internacionais<sup>73</sup>. Em termos de arquitectura, à excepção dos pavilhões estrangeiros, não se admitia qualquer edifício. Ao contrário da exposição de Paris

<sup>70</sup> ALMEIDA, Cristina Ferreira de, *Exposições universais: Barcelona 1929*, Lisboa, Expo 98, 1995, p.39-40.

<sup>71</sup> OLIVEIRA, Rosa Neves de, *Exposições universais: Paris 1937*, Lisboa, Expo'98, 1996, p.7 p.40 p.43-46 p.50-51 p.60-61.

<sup>72</sup> MARTINS, Rui Cardoso, *Exposições universais: Nova Iorque 1939*, Lisboa, Expo'98, 1996, p.21 p.55.

<sup>73</sup> COELHO, Tereza, *Exposições universais: Vancouver 1986*, Lisboa, Expo 98, 1998, p.14-15.

em 1937, esta foi planeada até ao mínimo pormenor. Não seriam autorizados projectos que “escondessem” a sua principal característica: a efemeridade. Imperava agora a “profunda convicção de que os edifícios têm de ser feitos para parecerem aquilo que são, neste caso estruturas temporárias de exposição”, acabando assim, definitivamente, o ciclo das arquitecturas históricas e as imitações dos materiais perenes. O ex-libris da exposição foi o “Perisfério e o Trilão”, uma espécie de templo futurista redondo, um globo flutuante do 55m de diâmetro (**Ilustração 104**), também um enorme ecrã gigante, que tentava oferecer uma experiência utópica do futuro, albergando no seu interior o tema central: “Democraticidade”, uma curiosa rede interdependente de áreas urbanas, suburbanas e rurais, uma vista aérea do que pretendia ser a América de 2039 (**Ilustração 108**). Não se calculava ainda até que ponto as invenções expostas iriam mudar o mundo: a televisão (**Ilustração 111**), o cinema 3D, a célula fotoeléctrica, o néon, o primeiro sintetizador de voz, roupa de nylon, ... Apesar de tudo, a zona de diversões ultrapassou em sucesso todas as mostras científicas de Nova York, fazendo um apelo à curiosidade, emoção, baixo preço, actuação curta, ... A participação portuguesa foi, devido ao momento político, vista como um grande objectivo nacional. O comissário português era António Ferro que tinha convidado pessoalmente o arquitecto Jorge Segurado. Os objectivos da participação portuguesa eram, nas palavras de Oliveira Salazar, “prestar homenagem ao povo americano e à sua obra; reivindicar para Portugal o seu justo quinhão na formação dos Estados Unidos da América do Norte; e, por fim, dar a portugueses e americanos uma pálida ideia do esforço de reconstituição realizado nos últimos anos em Portugal”<sup>74</sup>. O nosso pavilhão era um edifício que, apesar de linhas algo tradicionalistas, tinha uma inteligente interligação entre diferentes espaços. O estilo era um tranquilo modernismo português dos finais da década de trinta (**Ilustração 112**). Desde Sevilha, em 1929, depois em Paris, em 1937, que os modernistas conseguiam lugar nas grandes exposições internacionais em que Portugal participava oficialmente.

## 24. Bélgica: Bruxelas, 1958

Foi a primeira exposição universal do pós-guerra, com o tema “Balanço de um Mundo para um Mundo mais humano”. Numa área de 200 hectares, foi visitada por 40 milhões de pessoas. Foi um acontecimento dos anos cinquenta, marcado pelo conflito entre Leste e Oeste, evidenciava uma grande fé no progresso técnico (embora ensombrado pelo medo da bomba atómica), e um grande optimismo quanto ao futuro. O “átomo pacífico” acabou por ser o ex-libris da exposição, com um arrojado edifício designado por Atomium (**Ilustrações 114 e 115**). Para além da “guerra-fria”, outra realidade se perfilava como pano de fundo da exposição: a descolonização: o fim dos impérios coloniais, britânico e francês, estava à vista. Quando caía a noite e os pavilhões nacionais fechavam as suas portas, as ruas transformavam-se em rios de luz, os pavilhões transfiguravam-se, e as esferas do Atomium pareciam flutuar livres da gravidade (**Ilustração 113**). A organização da exposição recomendara que o estilo dos pavilhões principais deveria ser modernista, o que ia no sentido dos gostos prevalecentes, não se verificando imposição de fórmulas rígidas. Assim cada um interpretou o modernismo como quis... O pavilhão português, projecto do

<sup>74</sup> MARTINS, Rui Cardoso, *Exposições universais: Nova Iorque 1939*, Lisboa, Expo'98, 1996, p.22 p.25-26 p.54-55 p.66.



arquitecto Pedro Cid, quase todo em vidro foi concebido de forma a funcionar “como uma grande mostra iluminada durante a noite, solicitando a curiosidade dos milhares de visitantes nocturnos da exposição” (*Ilustrações 117 e 118*)<sup>75</sup>.

## **25. Japão: Osaka, 1970**

Vinte e cinco anos depois da derrota militar o Japão organiza uma exposição universal cujo tema é “Progresso e harmonia para a Humanidade”, aparecendo como a terceira potência mundial (*Ilustração 119*). Com um “plano director” do arquitecto Kenzo Tange, a Natureza foi excluída do conceito arquitectónico de exposição: a natureza deveria ser, aí, o Homem. No entanto, a planta do recinto mimetiza e recria uma forma arbórea, com tronco (área central com a Grande Praça, etc.), ramos (os caminhos e a passadeira tubular) e flores (os pavilhões). Uma das novidades: as passadeiras rolantes com ar condicionado, e que serviam toda a enorme área da exposição, a mais longa passadeira jamais construída (*Ilustração 120*). Outra característica de Osaka: pela primeira vez na história das exposições internacionais, os pavilhões das empresas privadas competiram em arrojo e ostentação com os dos países participantes. O móbil expositivo comum era mostrar a capacidade tecnológica e económica. O pavilhão português era de arquitectura simples e funcional, a fazer lembrar as obras mais recentes de Cassiano Branco. Na fachada central figurava o nome de Portugal, em caracteres latinos e em Kanji, um dos três alfabetos nipónicos<sup>76</sup> (*Ilustração 121*).

## **26. Espanha: Sevilha, 1992**

O espírito da exposição universal de Sevilha era demonstrar como as viagens de quinhentos foram um factor decisivo na nova visão e no desenvolvimento futuro do planeta, comemorando os 500 anos da chegada de Cristóvão Colombo à América, em 1492. O tema era “A era das descobertas” (*Ilustração 122*). O pavilhão português tinha a forma semi-elíptica, e era desmontável, projecto dos arquitectos Manuel Graça Dias e Egas José Vieira (*Ilustração 123*). O edifício continua em Sevilha, tem cinco andares e os seus dois corpos estão unidos por um pátio de vidro.<sup>77</sup>

## **27. Portugal: Lisboa, 1998**

Exposição internacional com o tema “Os oceanos, um património para o futuro”, comemorava também os 500 anos da chegada de Vasco da Gama à Índia, em 1498 (*Ilustração 124*). O pavilhão de Portugal, de Siza Vieira, é um belo exemplo de arquitectura moderna, com uma delgada pala em betão armado que faz apelo, no limite, às propriedades deste material (*Ilustração 125*).

## **28. Alemanha: Hanôver, 2000**

A primeira exposição universal do século XXI decorreu na Alemanha, em 2000. Portugal apresentou-se com um pavilhão da autoria dos arquitectos Siza Vieira e Souto de Moura (*Ilustração 126*).

<sup>75</sup> CARDOSO, Rui, *Exposições universais: Bruxelas 1958, Lisboa, Expo 98, 1997*, p.7 p.9 p.18 p.22 p.25 p.40.

<sup>76</sup> FONTOURA, Miguel, *Exposições universais: Osaka 1970, Lisboa, Expo 98, 1997*, p.11-12 p.22 p.24 p.29 p.59.

<sup>77</sup> SILVA, João Alfacinha da, *Exposições universais: Sevilha 1992, Lisboa, Expo 98, 1998*, p.16 p.47-48.

## 29. Fontes e bibliografia

### A. Fontes

#### Icononímicas

Mapa da exposição de Bruxelas em 1958, propriedade da autora.

*Sevilha - Exposición ibero-americana*, Barcelona, Foto Ducker, s/d, conjunto de gravuras propriedade da autora.

### B. Bibliografia

#### Livros

*ACIC - Associação Comercial e Industrial de Coimbra 140 anos 1863 a 2003*, Coimbra, ACIC, 2003.

AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Le esposizioni universali 1851-1900 Il progresso in scena*, Torino, Umberto Allemandi & C., 1990.

AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Les expositions universelles 1851-1900*, Paris, Belin, 1993.

ALMEIDA, Cristina Ferreira de, *Exposições universais: Barcelona 1929*, Lisboa, Expo'98, 1995.

*Arte efémera em Portugal- 13 de Dezembro a 25 de Fevereiro de 2001- Galeria de exposições temporárias do Museu Calouste Gulbenkian*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

CANOGAR, Daniel, *Ciudades Efímeras. Exposiciones universales: espectáculo y tecnologia*, Madrid, Júlío Ollero editor, 1992.

CARDOSO, Rui, *Exposições universais: Bruxelas 1958*, Lisboa, Expo'98, 1997.

COELHO, Tereza, *Exposições universais: Vancouver 1986*, Lisboa, Expo'98, 1998.

FIGUEIREDO, José de, *Portugal na exposição de Paris*, Lisboa, Empresa da Historia de Portugal, 1901.

FONTOURA, Miguel, *Exposições universais: Osaka 1970*, Lisboa, Expo'98, 1997.

FRANÇA, José-Augusto, *A arte em Portugal no século XIX*, primeiro volume, Lisboa, Bertrand Editora, 1990.

GUERREIRO, António, *Exposições universais: Paris 1900*, Lisboa, Expo'98, 1995.

*Guia oficial Expo '92*, Sevilha, Expo'92, 1992.

*Le livre des expositions universelles 1851- 1989*, Paris, Editions des arts décoratifs- Herscher, 1983.

LEITÃO, Nicolau Andersen, *Exposições universais: Londres 1851*, Lisboa, Expo 98, 1994.

MARTINS, Rui Cardoso, *Exposições universais: Nova Iorque 1939*, Lisboa, Expo 98, 1996.

OLIVEIRA, Rosa Neves de, *Exposições universais: Paris 1937*, Lisboa, Expo'98, 1996.

OLMO, Carlo, AIMONE, Linda, *Le esposizioni universali 1851-1900 Il progresso in scena*, Torino, Umberto Allemandi & C., 1990.

OLMO, Carlo, AIMONE, Linda, *Les expositions universelles 1851-1900*, Paris, Belin, 1993.

*Pavilhão de Portugal. Catálogo oficial*, Lisboa, Expo'98, 1998.

RASMUSSEN, Anne, SCHROEDER-GUDEHUS, Brigitte, *Les fastes du progrès. Le guide des expositions universelles 1851-1992*, Paris, Flammarion, 1992.

REIS, Patrícia, *Exposições universais: Paris 1889*, Lisboa, Expo'98, 1994.

*Revista de la exposition universal de Paris en 1889*, Barcelona, Montaner y Simón, editores, 1889.

ROGER-MILÈS, M. L., *La renaissance*, Paris, J.Rouam & Compagnie éditeurs, s/d.

SILVA, Armando Carneiro da, *Medalhística Coimbrã*, Coimbra, Coimbra Editora, Limitada., 1968.

SILVA, João Alfacinha da, *Exposições universais: Sevilha 1992*, Lisboa, Expo 98, 1998.

SILVEIRA, Joaquim Henriques Fradesso da, *Congresso Meteorológico de Vienna de Áustria em 1873. Relatório*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1874.

SILVEIRA, Joaquim Henriques Fradesso da, *Notícia da Exposição Universal de Vienna d'Áustria em 1873*, Bruxellas, Typographia e Lithographia de E. Guyot, 1873.

SCHROEDER-GUDEHUS, Brigitte, RASMUSSEN, Anne, *Les fastes du progrès. Le guide des expositions universelles 1851-1992*, Paris, Flammarion, 1992.

VIEIRA, Joaquim, *Portugal. Século XX. Crónica em imagens 1990-2000*, Lisboa, Circulo de Leitores, 2001.

### **Publicações periódicas**

*Archivo Pittoresco*, Volume IV, Lisboa, Typographia de Castro e Irmão, 1861.

*Archivo Pittoresco*, Volume VIII, Lisboa, Typographia de Castro e Irmão, 1865.

*Archivo Pittoresco*, Volume IX, Lisboa, Typographia de Castro e Irmão, 1866.

*Archivo Pittoresco*, Volume X, Lisboa, Typographia de Castro e Irmão, 1867.

*Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação (A)*, Ano XXX, 3ª série, nº 22, Editor Jaime Roussado dos Santos, 1937.

*Brasil-Portugal*, nº 26, Lisboa, s/e, 1900.

*Brasil-Portugal*, nº 87, Lisboa, s/e, 1902.

*Brasil-Portugal*, nº 112, Lisboa, s/e, 1903.

*Ilustração (A)*, Volume II, 2º anno, Dir. Mariano Pina, Paris, s/e, 1885.

*Ilustração (A)*, Volume VI, 6º anno, Dir. Mariano Pina, Paris, s/e, 1889.

*Ilustração Portuguesa*, 1ºano 1ºsemestre, Lisboa, José Joubert Chaves editor, 1903.

*Ilustração Portuguesa*, 2ºano 2ºsemestre, Lisboa, José Joubert Chaves editor, 1904.

*Ilustração Portuguesa*, Volume 16º,Lisboa, Empreza do jornal O Século, 1913.

*Ilustração Portuguesa*, Volume 34º,Lisboa, Empreza do jornal O Século, 1922.

*Ilustração Portuguesa*, Volume 35º,Lisboa, Empreza do jornal O Século, 1923.

*Instituto (O)*, Volume XXX, Julho de 1882 a Junho de 1883, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1883.

*Gestão e desenvolvimento*, Número 7, Viseu, Universidade Católica Portuguesa. Centro Regional das Beiras - Pólo de Viseu, 1998.

*Occidente*, Volume 1º, 1º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1878.

*Occidente*, Volume 3º, 3º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1880.

*Occidente*, Volume 5º, 5º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1882.

*Occidente*, Volume 6º, 6º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1883.

*Occidente*, Volume 7º, 7º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1884.

*Occidente*, Volume 8º, 8º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1885.

*Occidente*, Volume 12º, 12º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1889.

*Occidente*, Volume 16º, 16º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1893.

*Occidente*, Volume 19º, 19º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1896.

*Occidente*, Volume 22º, 22º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1899.

*Occidente*, Volume 23º, 23º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1900.

*Occidente*, Volume 24º, 24º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1901.

*Occidente*, Volume 26º, 26º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1903.

*Occidente*, Volume 27º, 27º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1904.

*Occidente*, Volume 28º, 28º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1905.

*Panorama (O)*, Volume XII, Lisboa, Typographia Franco-portugueza, 1855.

*Panorama (O)*, Volume XVI, Lisboa, Typographia Franco-portugueza, 1866.

*Panorama (O)*, Volume XVII, Lisboa, Typographia Franco-portugueza, 1867.

### **Artigos**

A., I., *O 37º anniversario do Palácio de Crystal do Porto*, “Brasil-Portugal”, nº 112, Lisboa, s/e, 1903, p.241-243 p.246 p.289.

*Arte portugueza na exposição de S. Luiz (A)*, “Ilustração Portugueza”, 1ºanno 1ºsemestre, Lisboa, José Joubert Chaves editor, 1903, p.312-313.

BARBOSA, I. de Vilhena, *Palácio de Monserrate*, “Archivo Pittoresco”, Volume IX, Lisboa, Typographia de Castro e Irmão, 1866, p.185-187.

BARBOSA, I. de Vilhena, *Paris: exposição universal de 1867*, “Archivo Pittoresco”, Volume X, Lisboa, Typographia de Castro e Irmão, 1867, p.49-50 p.89 p.97-98 p.105-106 p.129-130 p.155-157 p.260-262.

BARBOSA, I. de Vilhena, *Porto: exposição internacional portugueza de 1865*, “Archivo Pittoresco”, Volume VIII, Lisboa, Typographia de Castro e Irmão, 1865, p.337-339 p.369-371.

BARBOSA, I. de Vilhena, *Porto: exposição internacional portugueza de 1865*, “Archivo Pittoresco”, Volume IX, Lisboa, Typographia de Castro e Irmão, 1866, p. 9-11 p.30-31 p.65-67 p.137-140 p.163-164 p.183-184 p.246-247 p.253-255 p.269-270 p.277-279 p.313-315.

- BARREIRA, João, *Os pavilhões portugueses na exposição de Paris*, “Brasil-Portugal”, nº 26, Lisboa, s/e, 1900, p.20-21.
- CASTRO, Abbade de, *A exposição retrospectiva portuguesa em Paris*, “Archivo Pittoresco”, Volume X, Lisboa, Typographia de Castro e Irmão, 1867, p.72 p.183-184 p.192 .
- CORDEIRO, Luciano, *Exposição universal de Anvers*, “Occidente”, Volume 8º, 8º Anno, nº 231, 21 de Maio, Lisboa, 1885, p.114-115 p.116 p.193 p.211 p.214 p.235 p.246 p.267-270 p.287.
- CORDEIRO, Luciano, *Exposição universal de Anvers*, “Occidente”, Volume 8º, 8º Anno, nº 231, 21 de Maio, Lisboa, 1885, p.113-116 p.193 p.195-196 p.211 p.214 p.235 p.246 p.267-270 p.287.
- Exposição agrícola no Porto*, “Occidente”, Volume 26º, 26º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1903, p.209 p.211.
- Exposição de Amsterdam*, “Occidente”, Volume 6º, 6º Anno, nº 167, 11 de Agosto, Lisboa, 1883, p.179 p.181.
- Exposição de Anvers (A)*, “Ilustração (A)”, Volume II, Dir. Mariano Pina, Paris, s/e,1885, p.227 p.229-230.
- Exposição de Chicago (A)*, “Occidente”, Volume 16º, 16º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1893, p.185-188 p.227 p.229.
- Exposição de Manufaturas do distrito de Coimbra*, “Occidente”, Volume 6º, 6º Anno, nº 167, 11 de Agosto, Lisboa, 1883, p.207.
- Exposição de S. Luiz (A)*, “Ilustração Portuguesa”, 1ºano 2ºsemestre, Lisboa, José Joubert Chaves editor, 1904, p.482 p.491.
- Exposição de S. Luiz (A)*, “Occidente”, Volume 27º, 27º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1904, p.189-190.
- Exposição do Panamá em 1915 (A)*, “Ilustração Portuguesa”, Volume 16º,Lisboa, Empreza do jornal O Século, 1913, p.392-393.

*Exposição do Rio de Janeiro (A)*, “Ilustração Portuguesa”, Volume 34º, Lisboa, Empreza do jornal O Século, 1922, p.246 p.697.

*Exposição industrial portugueza (A)*, “Occidente”, Volume 16º, 16º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1893, p.209-211.

*Exposição portugueza em Anvers (A)*, “Ilustração (A)”, Volume II, Dir. Mariano Pina, Paris, s/e, 1885, p.227-228 p.233.

*Exposição Universal de Paris*, “Occidente”, Volume 23º, 23º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1900, p.51 p.53 p.110 p.112-113 p.166-168 p.175-176 p.221-226.

*Exposição Universal de Paris*, “Occidente”, Volume 24º, 24º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1901, p.32.

*Exposição Universal de Paris em 1900. Projectos para os pavilhões portugueses*, “Occidente”, Volume 22º, 22º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1899, p.261-264.

*Exposição universal de 1889 (A)*, “Ilustração (A)”, Volume VI, 6º anno, Dir. Mariano Pina, Paris, s/e, 1889, p.35-37 p.45 p.65 p.67 p.91 p.93 p.198-109 p.113 p.115 p.121 p.125 p.129-132 p.141 p.144-149 p.153 p.157 p.161 p.163-166 p.169-170 p.172-173 p.176-181 p.185-193 p.197 p.200 p.211-213 p.216-219 p.222 p.226 p.235-238 p.240-241 p.243-246 p.253-254 p.259-260 p.265-266 p.268-269 p.273 p.275-277 p.280 p.284-285 p.289 p.291-296 p.298-301 p.304-305 p.307-310 p.324-325 p.331-333 p.338 p.342 p.344 p.346-349 p.357 p.359-361 p.365 p.374 p.376-377 p.382 p.384.

*Exposição universal em Paris (A)*, “O Panorama”, Volume XII, Lisboa, Typographia Franco-portugueza, 1855, p.51-52.

*Exposição universal de Paris – Bellas Artes*, “O Panorama”, Volume XII, Lisboa, Typographia Franco-portugueza, 1855, p.263.

*Fachada das nações no Palácio do Campo de Marte em Paris (A)*, “Occidente”, Volume 1º, 1º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1878, p.109-110.

*Fachada do pavilhão portuguez na rua das nações (A)*, “Occidente”, Volume 1º, 1º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1878, p.97 p.102-103.



*Festas no Palácio de Cristal do Porto*, “Occidente”, Volume 3º, 3º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1880, p.119-120.

*Galeria Nacional de Londres*, “O Panorama”, Volume XVI, Lisboa, Typographia Franco-portugueza, 1866, p.140-142.

HENRIQUES, J., *Exposição Agrícola em Lisboa*, “O Instituto”, Volume XXX, Julho de 1882 a Junho de 1883, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1883, p.307-308.

*Medalha da exposição universal de Anvers*, “Occidente”, Volume 19º, 19º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1896, p.59 p.64.

*Medalha da exposição universal de Paris de 1900*, “Occidente”, Volume 24º, 24º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1901, p.27 p.32.

MEINE, A., *As escolas Berlitz*, “Occidente”, Volume 28º, 28º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1905, p.255-256.

MENDES, José Amado, *As exposições como “Festas da Civilização”*: Portugal nas exposições internacionais (sécs.XIX-XX), “Gestão e desenvolvimento”, Número 7, Viseu, Universidade Católica Portuguesa. Centro Regional das Beiras - Pólo de Viseu, 1998.

MESQUITA, Alfredo, *A exposição se S. Luiz*, “Brasil-Portugal”, nº 112, Lisboa, s/e, 1903, p.551-552.

*Nova exposição de Londres*, “Archivo Pittoresco”, Volume IV, Lisboa, Typographia de Castro e Irmão, 1861, p.74.

*Palácio da exposição de Paris*, “O Panorama”, Volume XVII, Lisboa, Typographia Franco-portugueza, 1867, p.240.

OSÓRIO, Paulo, *Na exposição de Gand - Os Palácios das Nações*, “Ilustração Portuguesa”, Volume 16º, Lisboa, Empreza do jornal O Século, 1913, p.305-308.

*Pavilhão de Portugal em Paris (O)*, “Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e edificação (A)”, Ano XXX, 3ª série, nº 22, Editor Jaime Roussado dos Santos, 1937.

*Pavilhão portuguez na exposição universal de Paris (O)*, “Ilustração Portuguesa”, Volume 35º, Lisboa, Empreza do jornal O Século, 1923, p.143 p.784-785.

*Pavilhão portuguez na exposição universal de Paris (O)*, “O Panorama”, Volume XVII, Lisboa, Typographia Franco-portugueza, 1867, p. 169-170.

PINA, Mariano, *Portugal em Anvers (A)*, “Ilustração (A)”, Volume II, Dir. Mariano Pina, Paris, s/e, 1885, p.226.

PINA, Mariano, *Pavilhão portuguez (O)*, “Ilustração (A)”, Volume VI, 6º anno, Dir. Mariano Pina, Paris, s/e, 1889, p.212.

*Portugal em Paris*, “Ilustração (A)”, Volume VI, 6º anno, Dir. Mariano Pina, Paris, s/e, 1889, p.35-37 p.66 p.227-228 p.230-234 p.237.

R., *A exposição universal de S. Luiz em 1904*, “Occidente”, Volume 26º, 26º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1903, p.257-258.

R., *A República Argentina e a exposição portugueza em Buenos-Ayres*, “Occidente”, Volume 26º, 26º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1903, p.219-220.

*Salão do Palácio de Cristal (O)*, “Brasil-Portugal”, nº 87, Lisboa, s/e, 1902, p.619.

SILVA, A. da, *Exposição universal de Paris 1889*, “Occidente”, Volume 12º, 12º Anno, nº 378 nº 379 nº 383 nº386 nº 387, Lisboa, 1889, p.139-141 p.147-150 p.177-179 p.202-203 p.212.

TELLES, Alberto, *Monserate*, “Occidente”, Volume 22º, 22º Anno, nº 753, 30 de Novembro, Lisboa, 1899, p.110-113.

# ILUSTRAÇÕES

# OS PAVILHÕES DE PORTUGAL NAS EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS

1. As exposições universais
2. Como se implementava uma exposição universal
3. Tipos de exposições
4. Participação portuguesa

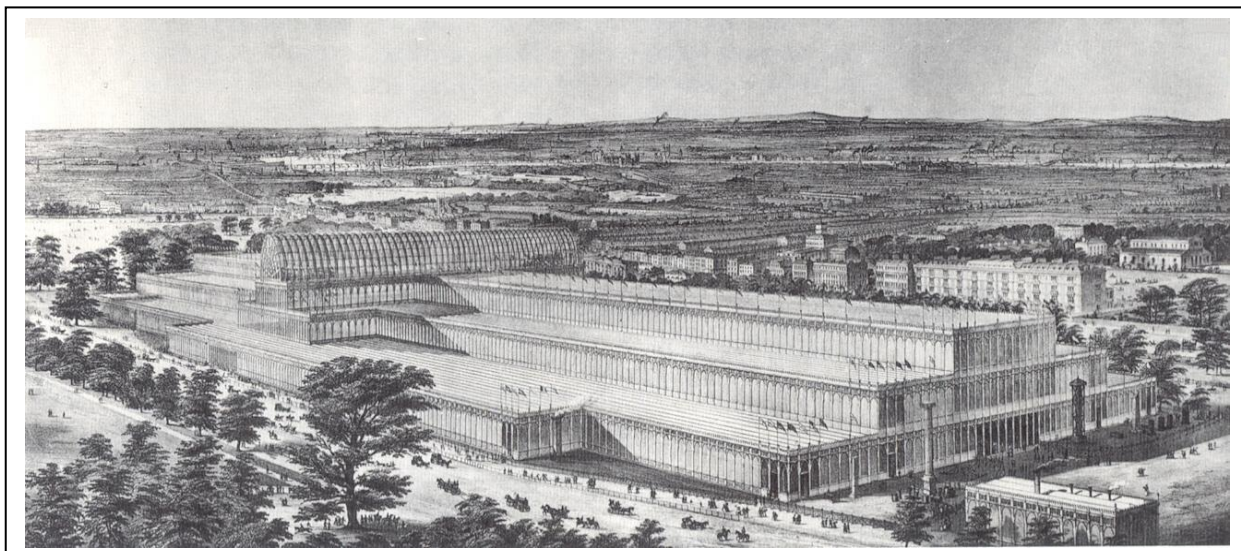


**Ilustração 1: Exposição Industrial Portuguesa de 1803, inaugurada em 28 de Julho de 1803, no Museu Industrial e Commercial de Lisboa, no edifício dos Jerónimos<sup>1</sup>.**

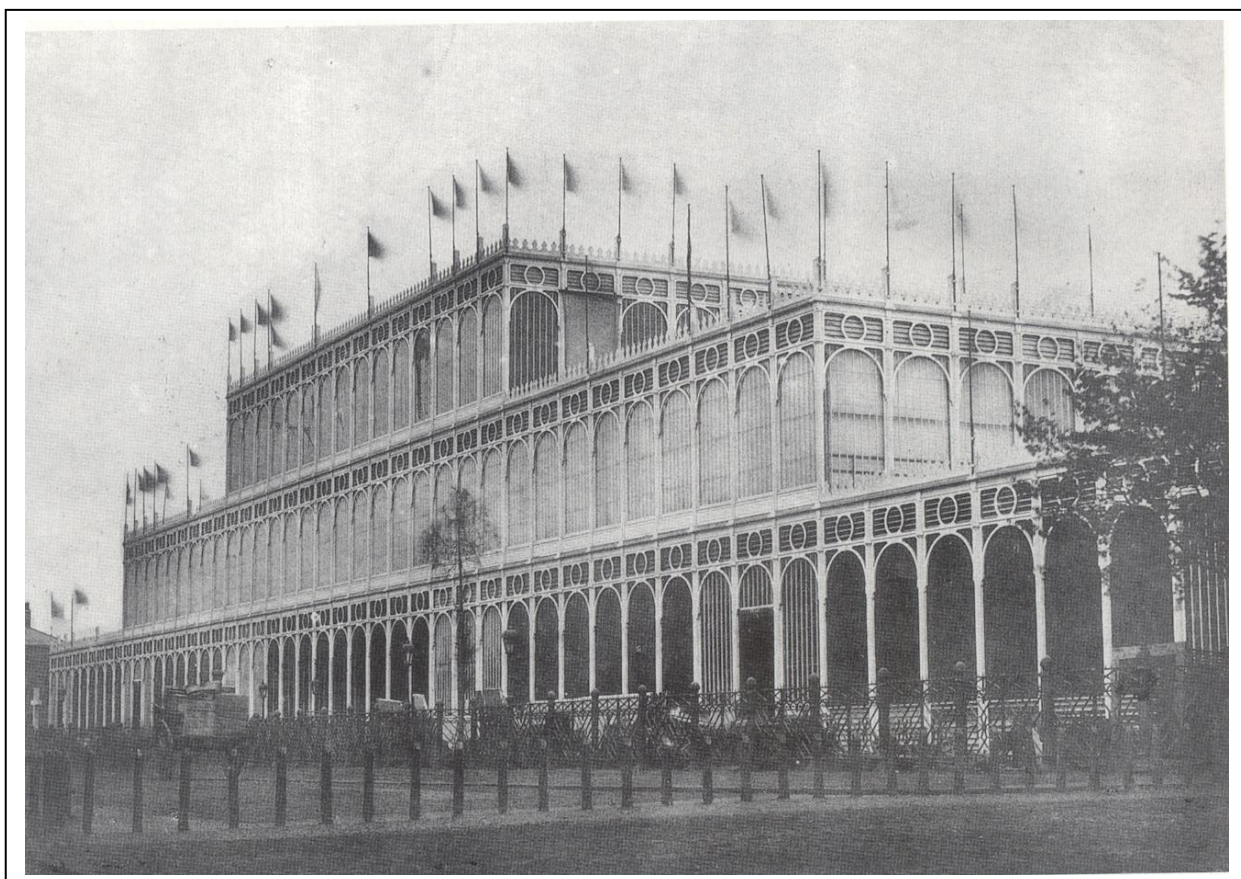
## 5. Reino Unido: Londres, 1851

---

<sup>1</sup> *Exposição industrial portuguesa (A)*, “Occidente”, Volume 16º, 16º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1893, p.209.



**Ilustração 2: Vista aérea do palácio de cristal de Londres, em 1851<sup>2</sup>.**



**Ilustração 3: Palácio de Cristal de Londres, em 1851<sup>3</sup>.**

<sup>2</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Le esposizioni universali 1851-1900 Il progresso in scena*, Torino, Umberto Allemandi & C., 1990, fig.4.

<sup>3</sup> Idem, fig.30.

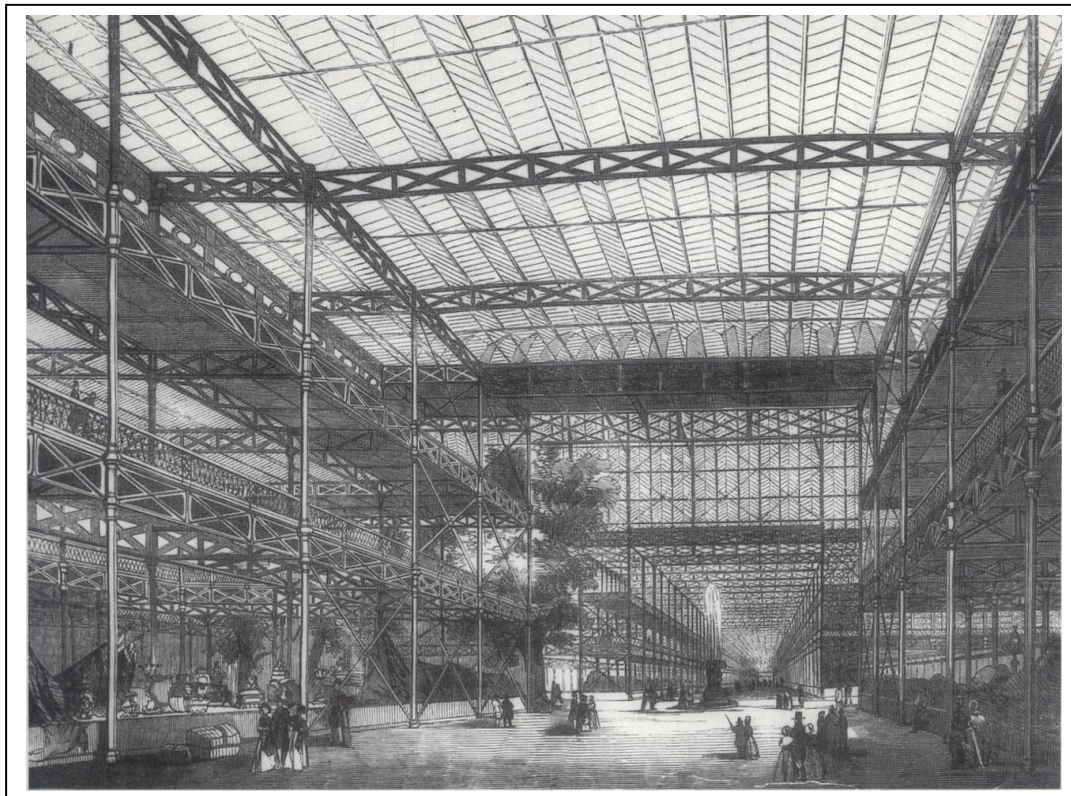


Ilustração 4: Vista interior do palácio de cristal, em Londres, em 1851<sup>4</sup>.



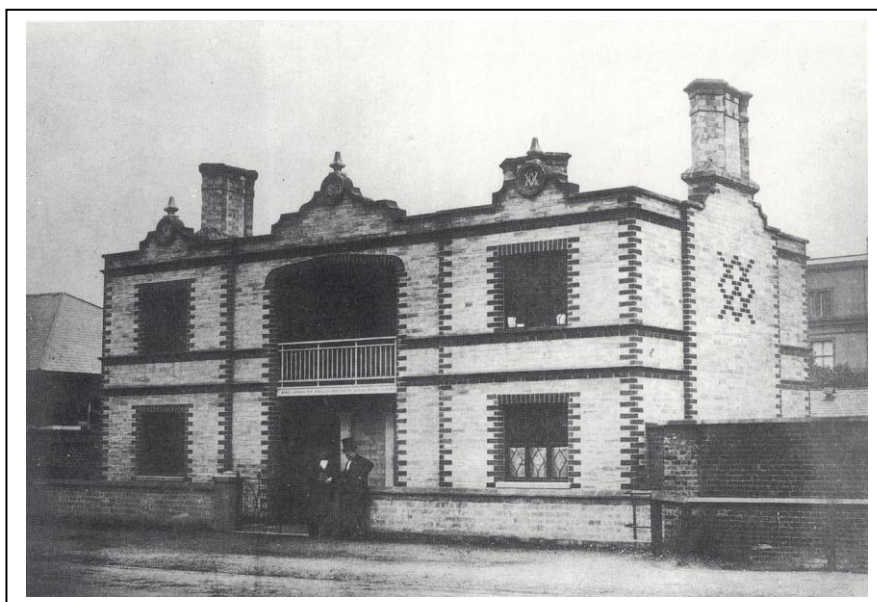
Ilustração 5: Vista através das portas de ferro, da entrada Sul, do Palácio de Cristal<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Idem, fig.6.

<sup>5</sup> CANOGAR, Daniel, *Ciudades Efímeras. Exposiciones universales: espectáculo y tecnología*, Madrid, Júlio Ollero editor, 1992, fig. 4.



**Ilustração 6: Fonte de cristal, construída em vidro, desenhada por Follet Osler<sup>6</sup>.**



**Ilustração 7: Casa operária modelo desenhada pelo Príncipe Alberto e exposta em Londres, em 1851<sup>7</sup>.**

<sup>6</sup> LEITÃO, Nicolau Andersen, *Exposições universais: Londres 1851, Lisboa, Expo 98, 1994*, p.47.

<sup>7</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Le esposizioni universali 1851-1900 Il progresso in scena*, Torino, Umberto Allemandi & C., 1990, fig.31.

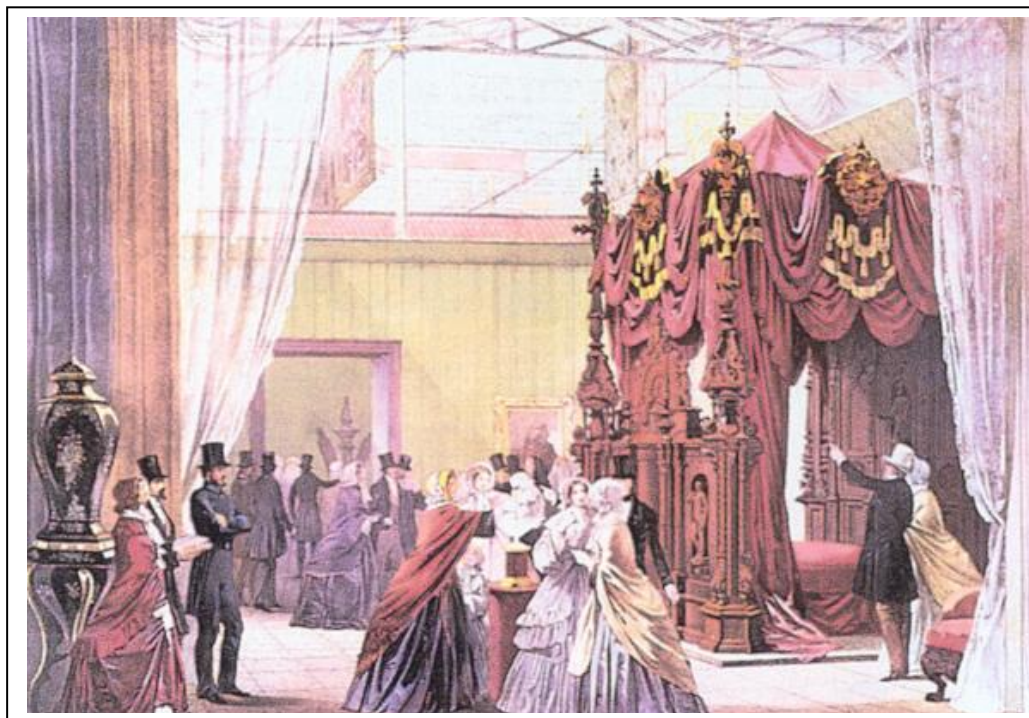


Ilustração 8: O neo-gótico em destaque na exposição londrina: a corte medieval<sup>8</sup>.

## 6. França: Paris, 1855

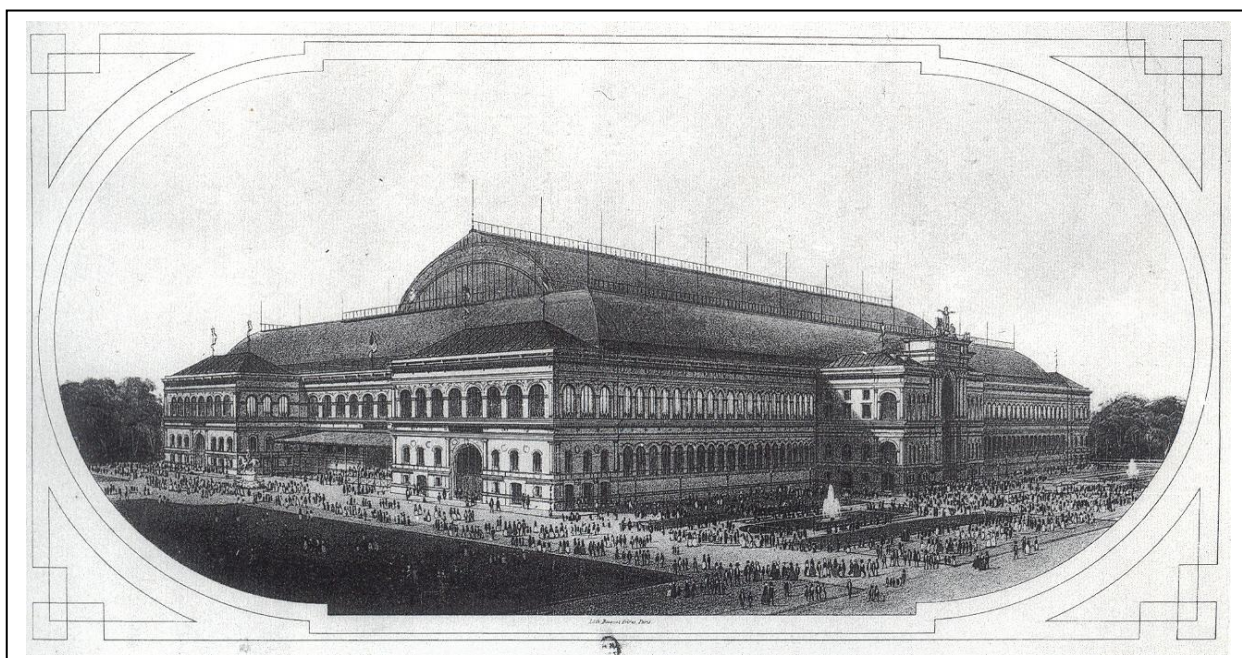


Ilustração 9: Inauguração do palácio da indústria, em Paris, em 1855<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> LEITÃO, Nicolau Andersen, *Exposições universais: Londres 1851*, Lisboa, Expo 98, 1994, p.62.

<sup>9</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Le esposizioni universali 1851-1900 Il progresso in scena*, Torino, Umberto Allemandi & C., 1990, fig.12.



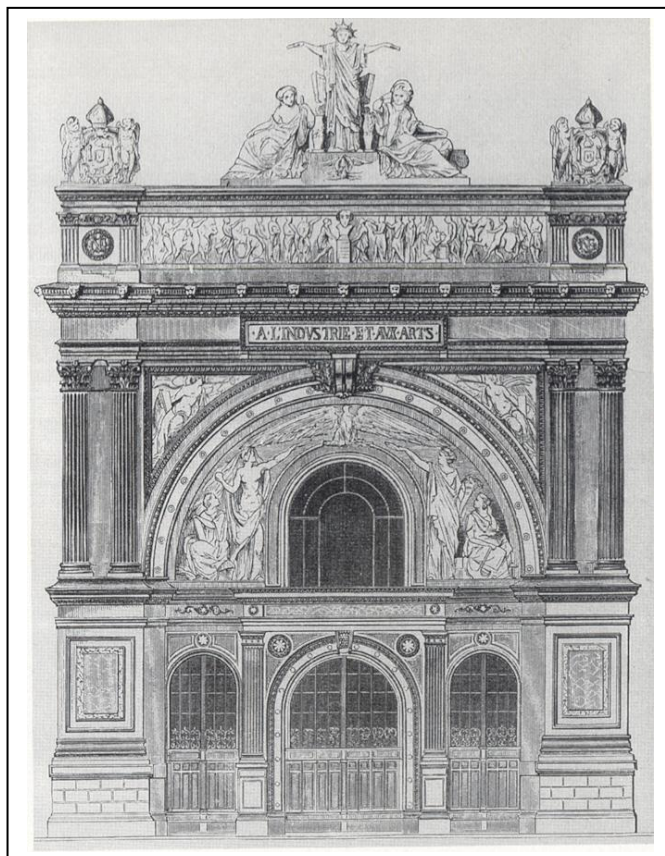


Ilustração 10: Entrada principal do palácio da indústria, em Paris 1851<sup>10</sup>.

## 7. Reino Unido: Londres, 1862

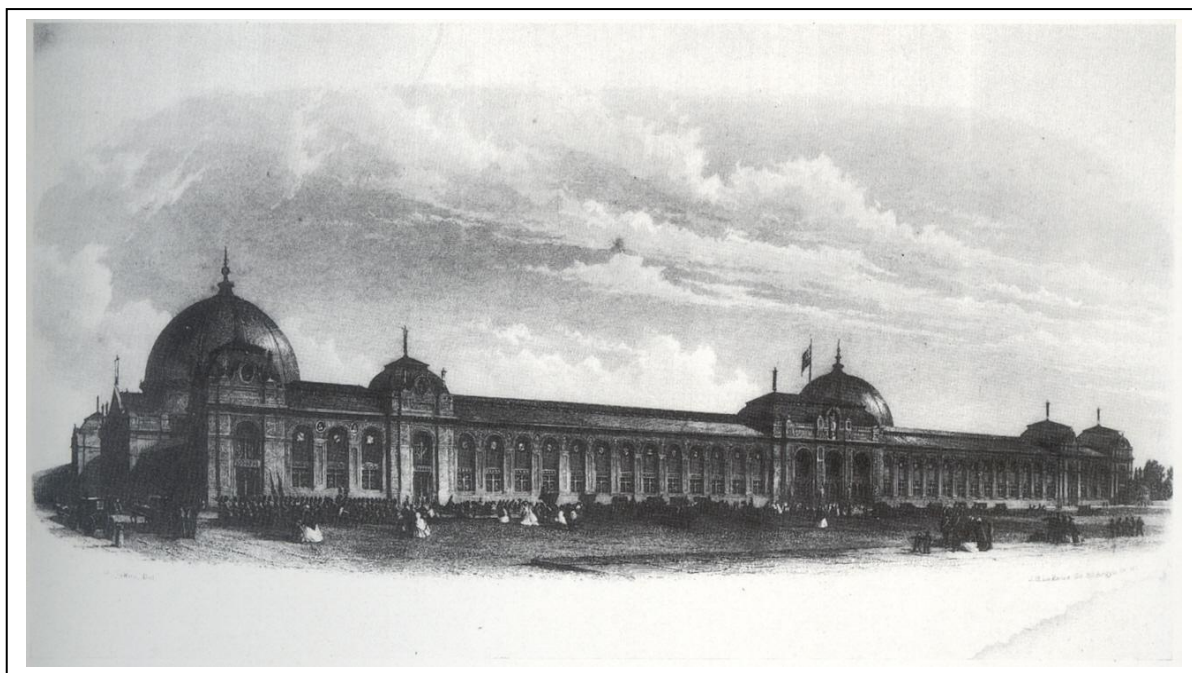


Ilustração 11: Entrada sul do palácio de exposições, em Londres, em 1867<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Le esposizioni universali 1851-1900 Il progresso in scena*, Torino, Umberto Allemandi & C., 1990, fig.34.

<sup>11</sup> Idem, fig.13.



Ilustração 12: Palácio da exposição de Londres<sup>12</sup>.



Ilustração 13: Construção da nave central do palácio da exposição de Londres 1862<sup>13</sup>.

<sup>12</sup> *Archivo Pittoresco*, Volume IV, Lisboa, Typographia de Castro e Irmão, 1861, p.73.

<sup>13</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Le esposizioni universali 1851-1900 Il progresso in scena*, Torino, Umberto Allemandi & C., 1990, fig.35.



**Ilustração 14: Transepto ocidental do palácio de exposições de Londres 1862<sup>14</sup>.**



**Ilustração 15: Galeria Nacional de Londres<sup>15</sup>.**

14 AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Le esposizioni universali 1851-1900 Il progresso in scena*, Torino, Umberto Allemandi & C., 1990, fig.14.

<sup>15</sup> *Galeria Nacional de Londres*, “O Panorama”, Volume XVI, Lisboa, Typographia Franco-portuguesa, 1866, p. 141.

## 8. Portugal: Porto, 1865

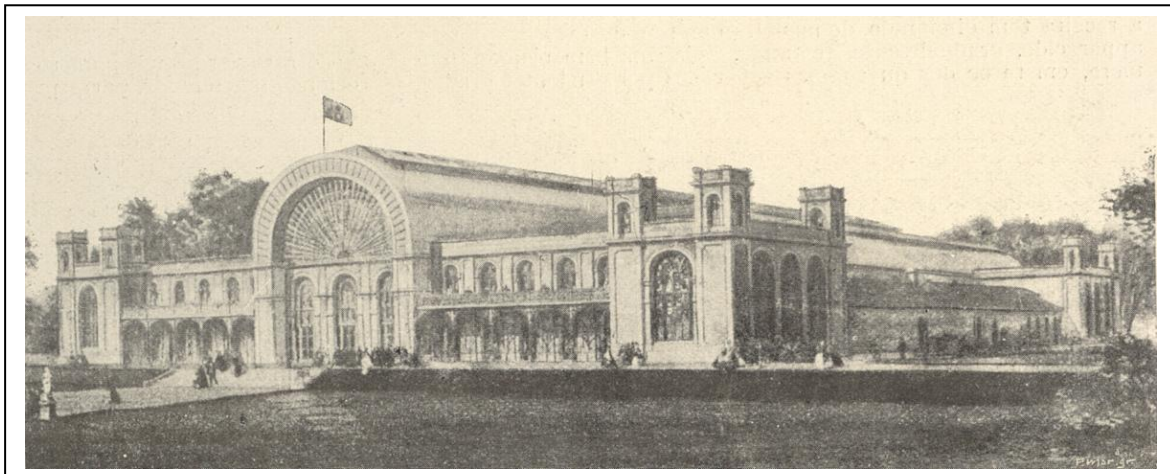


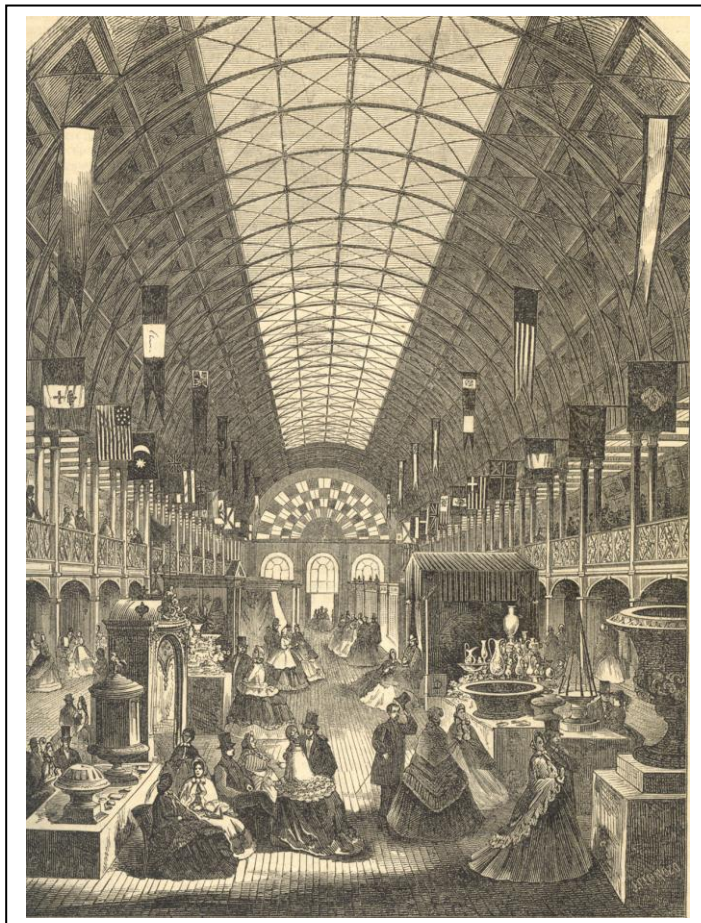
Ilustração 16: Palácio de Cristal do Porto, onde se realizou a exposição agrícola em 1903<sup>16</sup>.



Ilustração 17: Nave central do Palácio de Cristal português<sup>17</sup>.

16 A., I., *O 37º aniversário do Palácio de Crystal do Porto*, "Brasil-Portugal", nº 112, Lisboa, s/e, 1903, p.241.

<sup>17</sup> Idem, p.243.



**Ilustração 18: Nave central do Palácio de Cristal Portuense<sup>18</sup>.**



**Ilustração 19: Lago dos jardins do Palácio de Cristal<sup>19</sup>.**

<sup>18</sup> BARBOSA, I. de Vilhena, *Porto: exposição internacional portuguesa de 1865*, “Archivo Pittoresco”, Volume VIII, Lisboa, Typographia de Castro e Irmão, 1865, p.337.

<sup>19</sup> A., I., *O 37º anniversario do Palácio de Crystal do Porto*, “Brasil-Portugal”, nº 112, Lisboa, s/e, 1903, p.246.

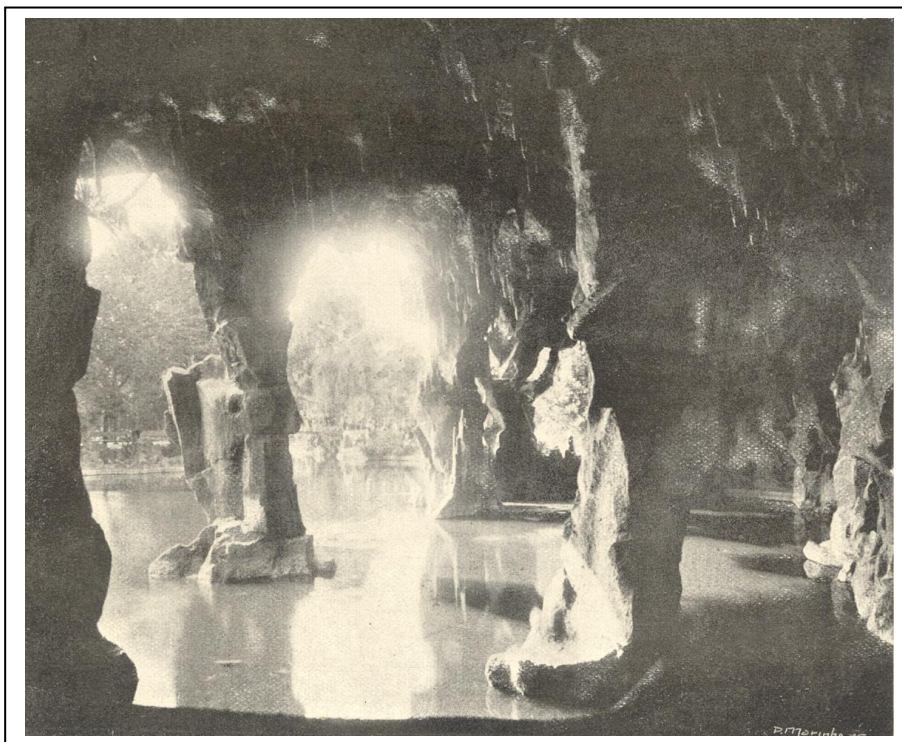


Ilustração 20: Gruta do lago do Palácio de Cristal<sup>20</sup>.

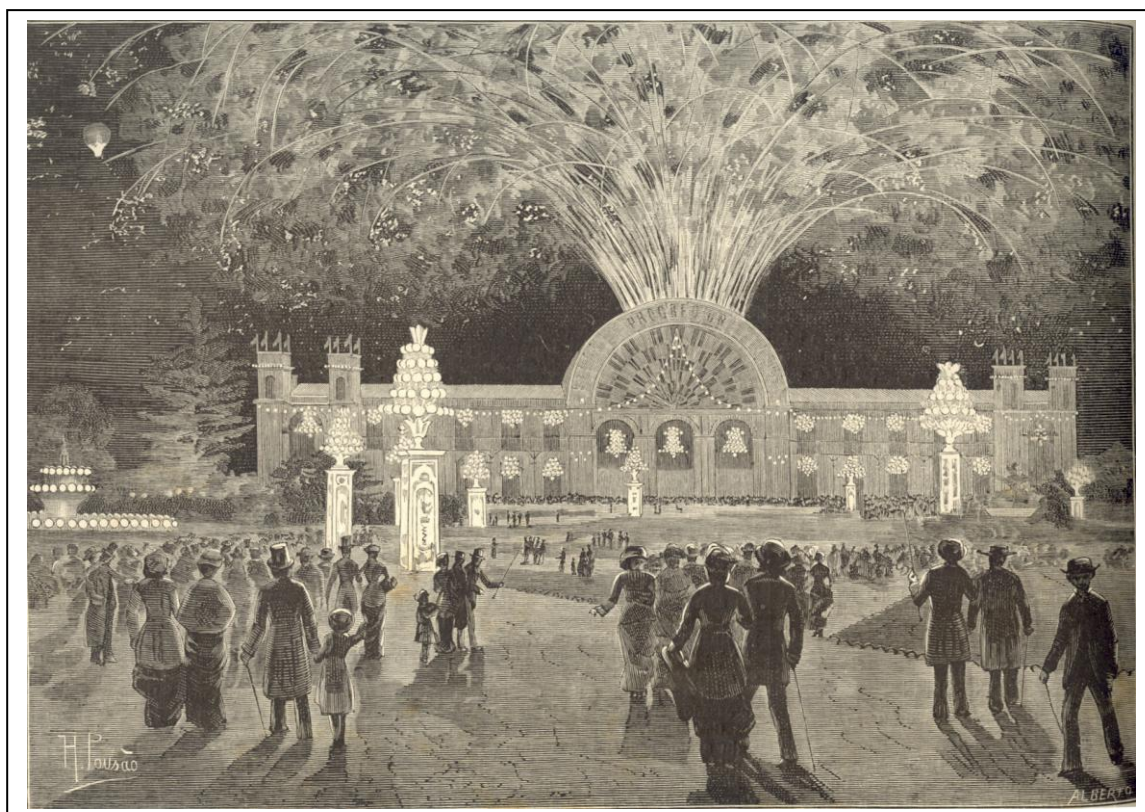


Ilustração 21: Comemorações do Tricentenário de Camões no Palácio de Cristal, em 13 de Junho de 1880<sup>21</sup>.

<sup>20</sup> A., I., *O 37º aniversário do Palácio de Crystal do Porto*, “Brasil-Portugal”, nº 112, Lisboa, s/e, 1903, p.246.

<sup>21</sup> *Festas no Palácio de Cristal do Porto*, “Occidente”, Volume 3º, 3º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1880, p.120.

## 9. França: Paris, 1867

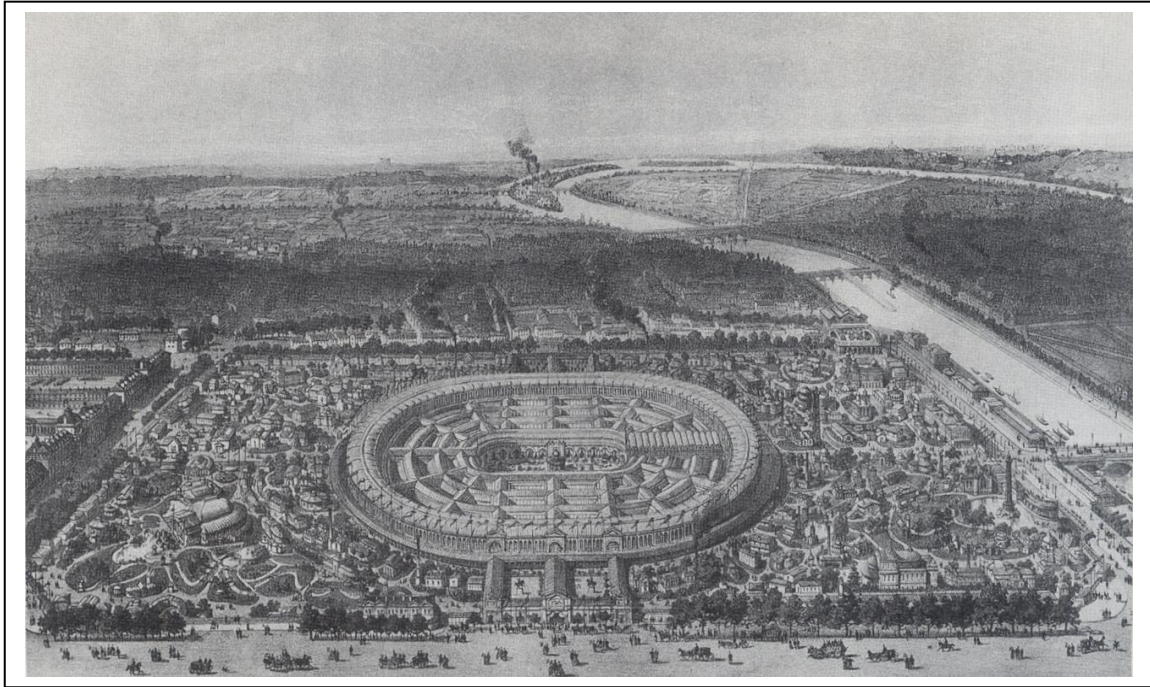


Ilustração 22: Panorama do campo de Marte, Paris 1867<sup>22</sup>.



Ilustração 23: O palácio de exposições de Paris 1867, em construção<sup>23</sup>.

<sup>22</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Le esposizioni universali 1851-1900 Il progresso in scena*, Torino, Umberto Allemandi & C., 1990, fig15.

<sup>23</sup> Idem, fig16.



Ilustração 24: O elevador de Edoux, exposto em Paris, em 1867<sup>24</sup>.



Ilustração 25: Interior do aquário de água salgada, na exposição universal de Paris<sup>25</sup>.

<sup>24</sup> *Le Livre des Expositions Universelles 1851-1889*, Paris, editions des arts décoratifs- herscher, 1983, p.54.

<sup>25</sup> *Archivo Pittoresco*, Volume X, Lisboa, Typographia de Castro e Irmão, 1867, p.101.





**Ilustração 26: Vista do exterior do aquário de água salgada, na exposição universal de Paris <sup>26</sup>.**



**Ilustração 27: Vista do exterior do aquário de água doce, na exposição universal de Paris <sup>27</sup>.**

<sup>26</sup> BARBOSA, I. de Vilhena, *Paris Exposição Universal de 1867*, "Archivo Pittoresco", Volume X, Lisboa, Typographia de Castro e Irmão, 1867, p.97.

<sup>27</sup> *Archivo Pittoresco*, Volume X, Lisboa, Typographia de Castro e Irmão, 1867, p.105.



**Ilustração 28: Creche de Santa Maria, no parque do Campo de Marte, em Paris<sup>28</sup>.**



**Ilustração 29: Pavilhão português<sup>29</sup>.**

<sup>28</sup> Idem, 1867, p.157.

<sup>29</sup> Idem, p.49.

## 10. Áustria: Viena, 1873

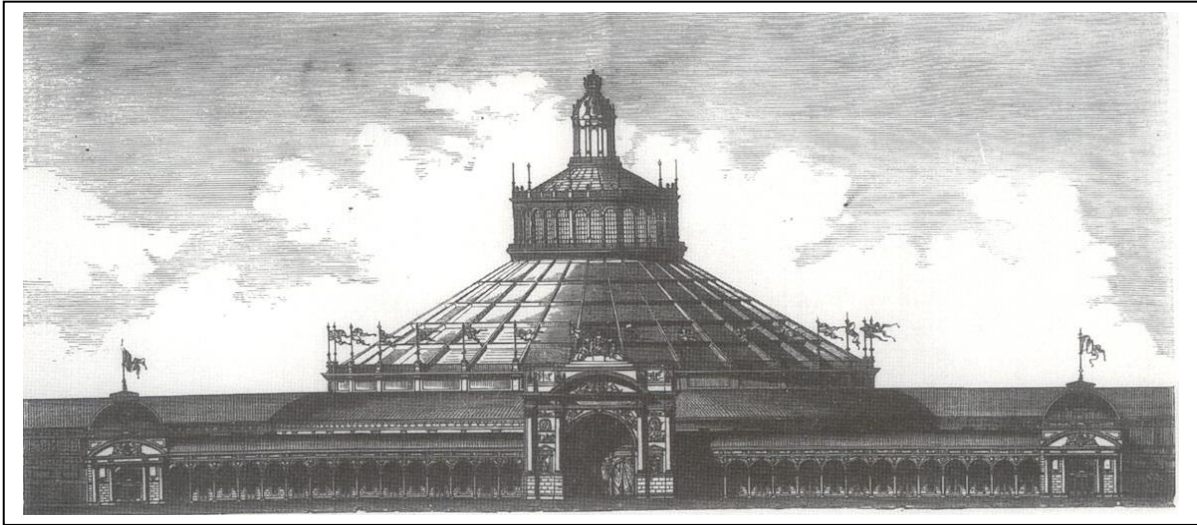


Ilustração 30: Palácio da exposição de Viena 1873, com a rotunda central<sup>30</sup>.

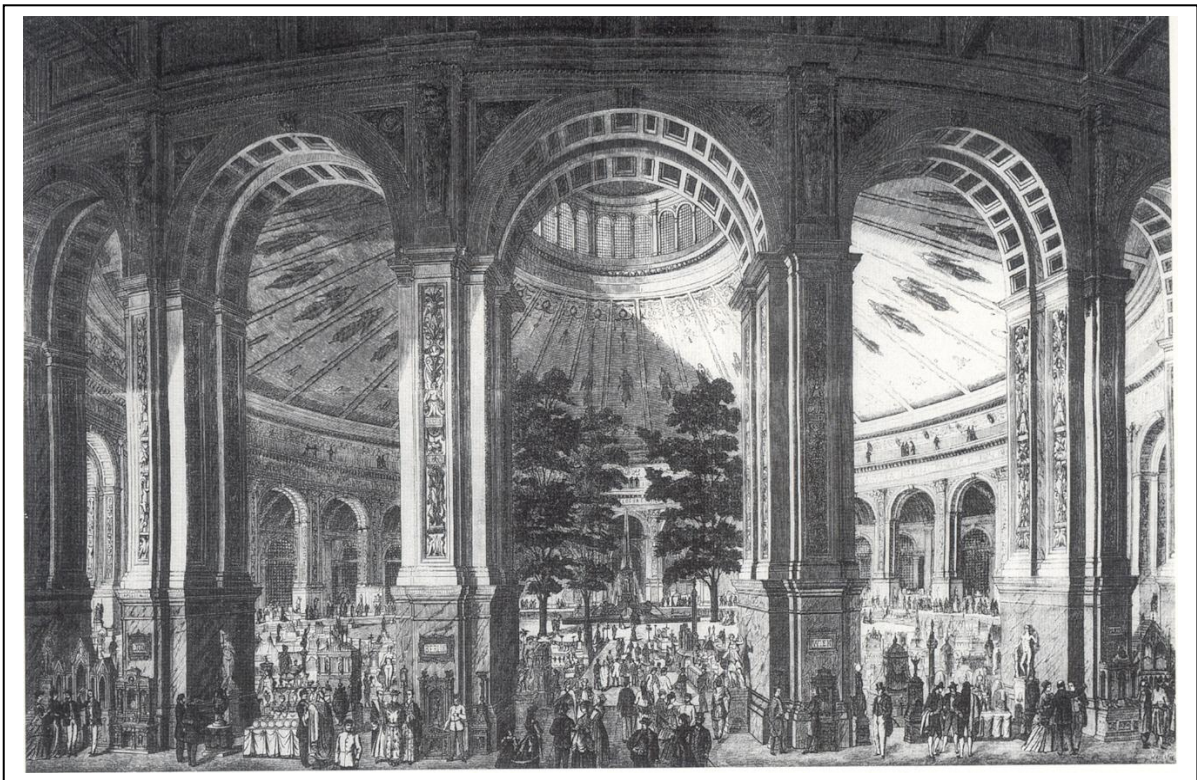


Ilustração 31: Interior da rotunda central da exposição de Viena, em 1873<sup>31</sup>.

<sup>30</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Le esposizioni universali 1851-1900 Il progresso in scena*, Torino, Umberto Allemandi & C., 1990, fig.38.

<sup>31</sup> Idem, fig.17.

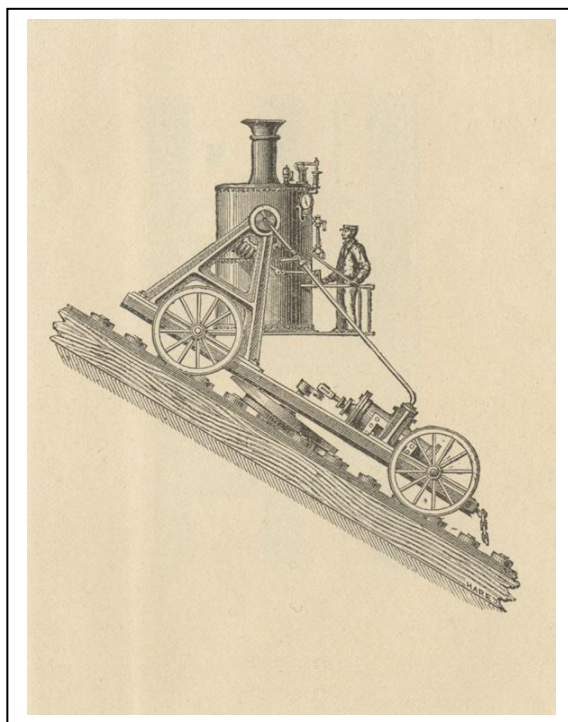


Ilustração 32: Elevador a vapor<sup>32</sup>.

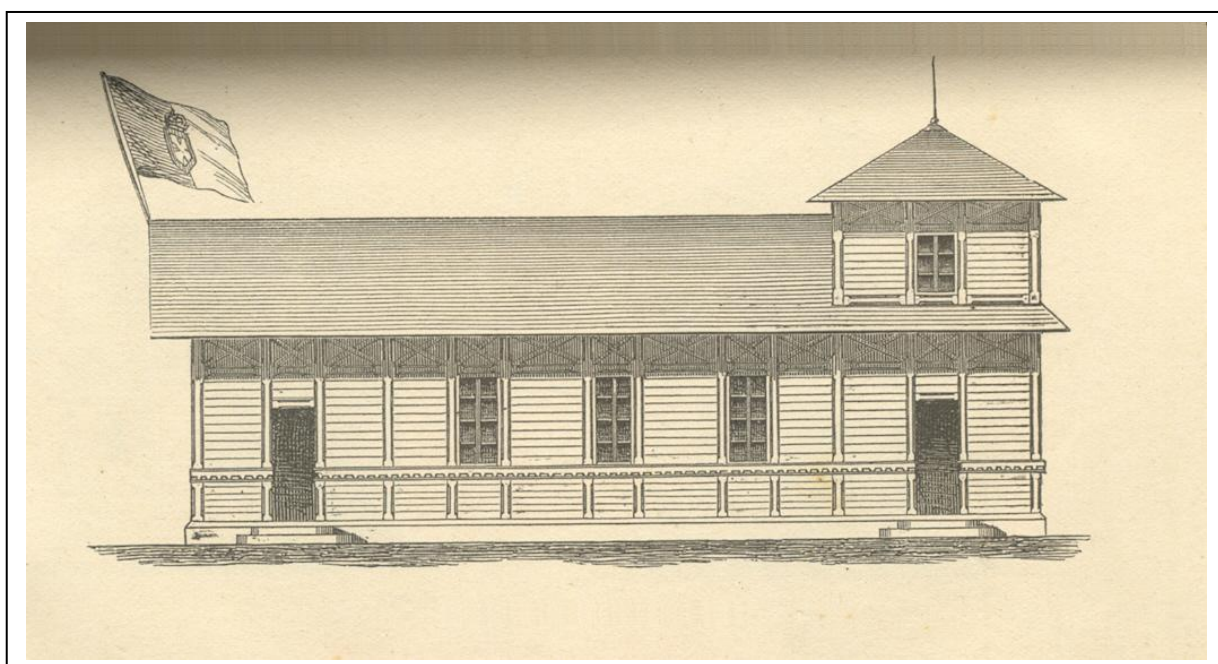


Ilustração 33: Escola primária portuguesa, apresentada na exposição de Viena<sup>33</sup>.

<sup>32</sup> SILVEIRA, Joaquim Henriques Fradesso da, *Notícia da Exposição Universal de Vienna d'Austria em 1873*, Bruxellas, Typographia e Lithographia de E. Guyot, 1873, anexo C.

<sup>33</sup> Idem, anexo C.

## 11. E.U.A. : Filadélfia, 1876

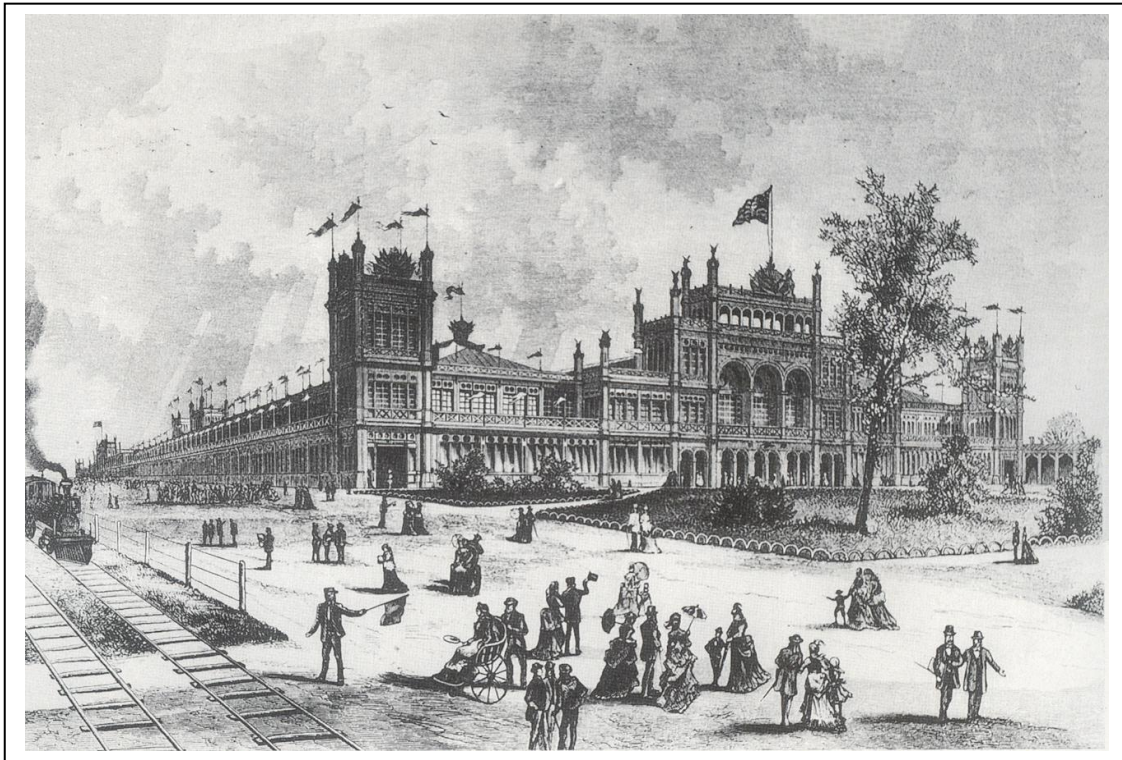


Ilustração 34: Edifício principal de Filadélfia 1876<sup>34</sup>.

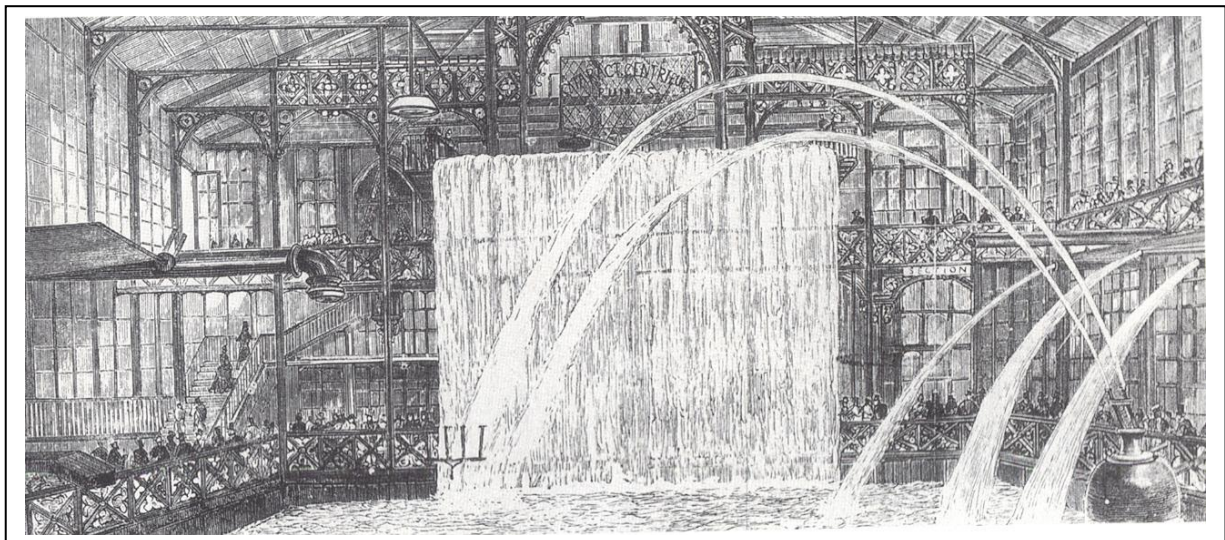


Ilustração 35: Bombas hidráulicas no hall das máquinas na exposição de Filadélfia, em 1876<sup>35</sup>.

<sup>34</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Le esposizioni universali 1851-1900 Il progresso in scena*, Torino, Umberto Allemandi & C., 1990, fig.19.

<sup>35</sup> Idem, fig.65.



Ilustração 36: Cama-armário na exposição de Filadélfia 1876<sup>36</sup>.

## 12. França: Paris, 1878

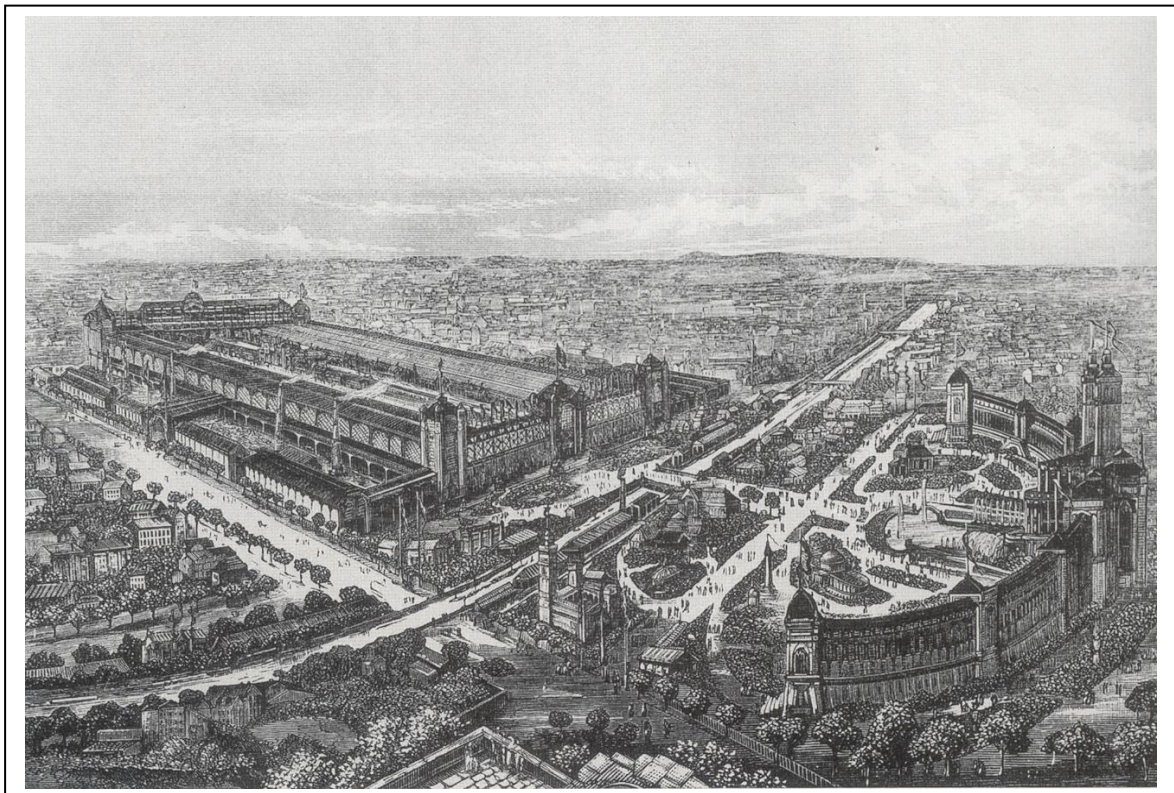


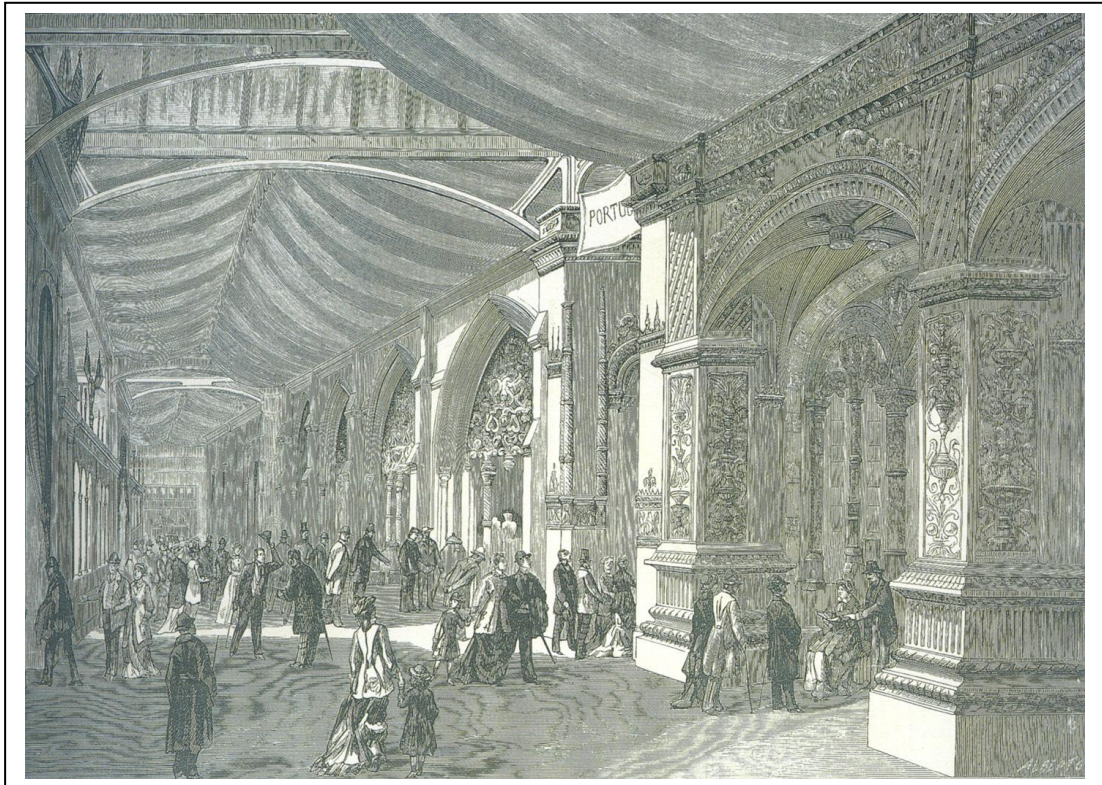
Ilustração 37: Panorama da exposição de Paris, em 1878<sup>37</sup>.

<sup>36</sup> *Le Livre des Expositions Universelles 1851-1889*, Paris, Editions des arts décoratifs- herscher, 1983, p.63.

<sup>37</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Le esposizioni universali 1851-1900 Il progresso in scena*, Torino, Umberto Allemandi & C., 1990, fig.20.



**Ilustração 38: Fachada principal do palácio do Campo de Marte em Paris 1878<sup>38</sup>.**



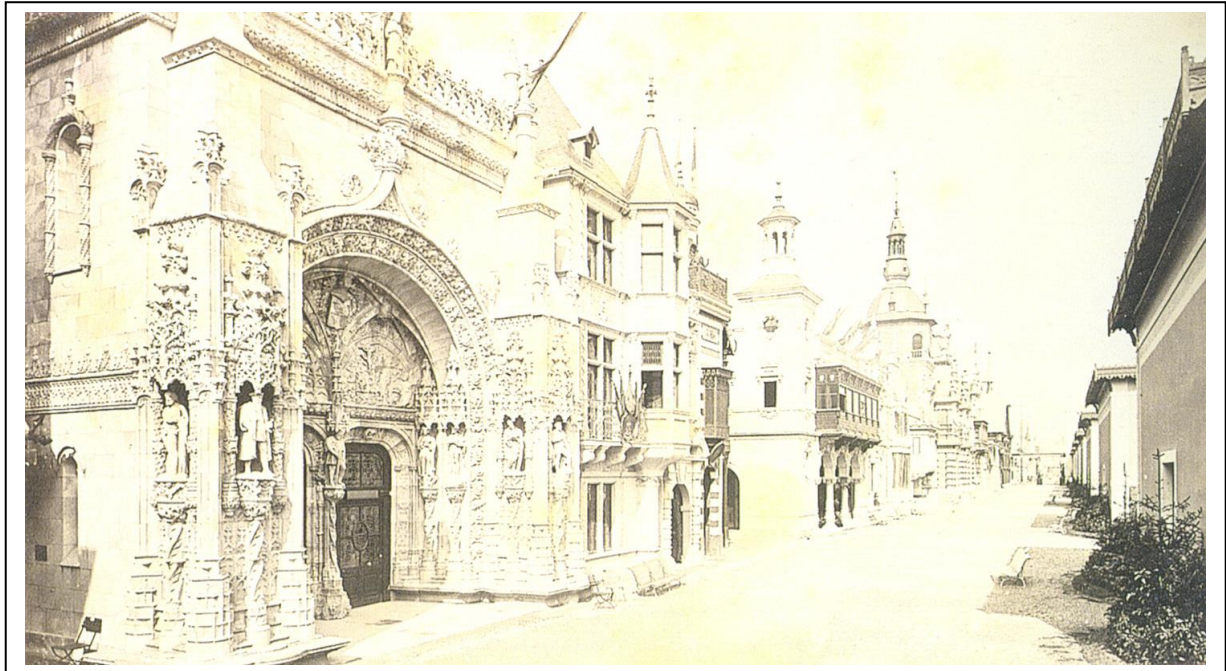
**Ilustração 39: Interior da galeria de exposição portuguesa<sup>39</sup>.**

<sup>38</sup> Idem, fig.40.

<sup>39</sup> *Arte efémera em Portugal- 13 de Dezembro a 25 de Fevereiro de 2001- Galeria de exposições temporárias do Museu Calouste Gulbenkian*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p.356.



**Ilustração 40: Fachada do pavilhão português na Rua das Nações na exposição universal de Paris de 1878<sup>40</sup>.**

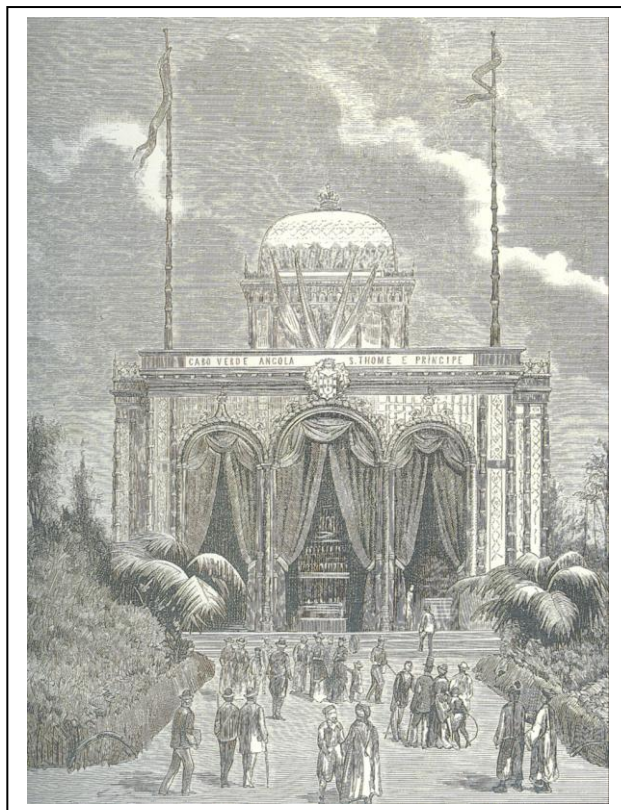


**Ilustração 41: Pavilhão português na exposição universal de Paris de 1878<sup>41</sup>.**

<sup>40</sup> *Fachada do pavilhão portuguez na rua das nações (A)*, “Occidente”, Volume 1º, 1º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1878, p.97.

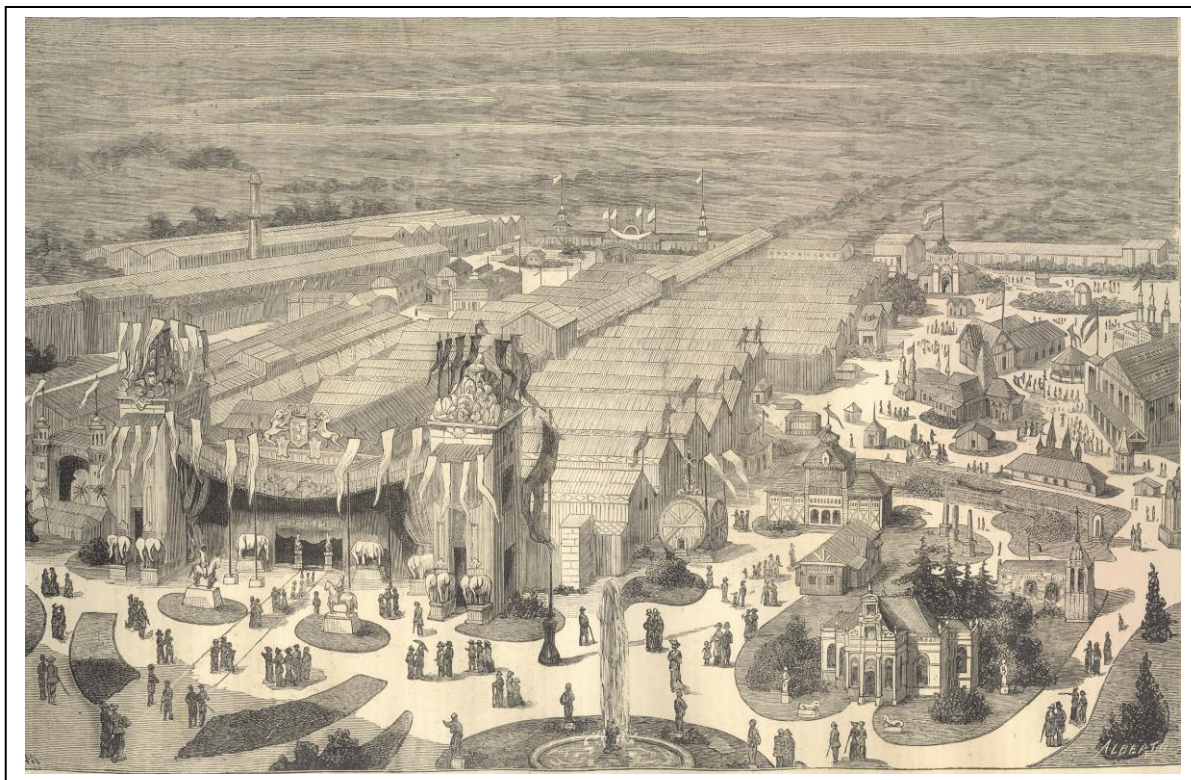
<sup>41</sup> *Arte efémera em Portugal- 13 de Dezembro a 25 de Fevereiro de 2001- Galeria de exposições temporárias do Museu Calouste Gulbenkian*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p.357.





**Ilustração 42: Pavilhão das colónias portuguesas na exposição universal de Paris de 1878<sup>42</sup>.**

### 13. Holanda: Amesterdão, 1883



**Ilustração 43: Vista geral do palácio e do parque *Exposição de Amsterdam*<sup>43</sup>.**

<sup>42</sup> Idem, p.358.

<sup>43</sup> *Occidente*, Volume 6º, 6º Anno, nº 167, 11 de Agosto, Lisboa, 1883, p.181.

## 14. Bélgica: Anvers, 1885



Ilustração 44: Vista geral do palácio da exposição<sup>44</sup>.

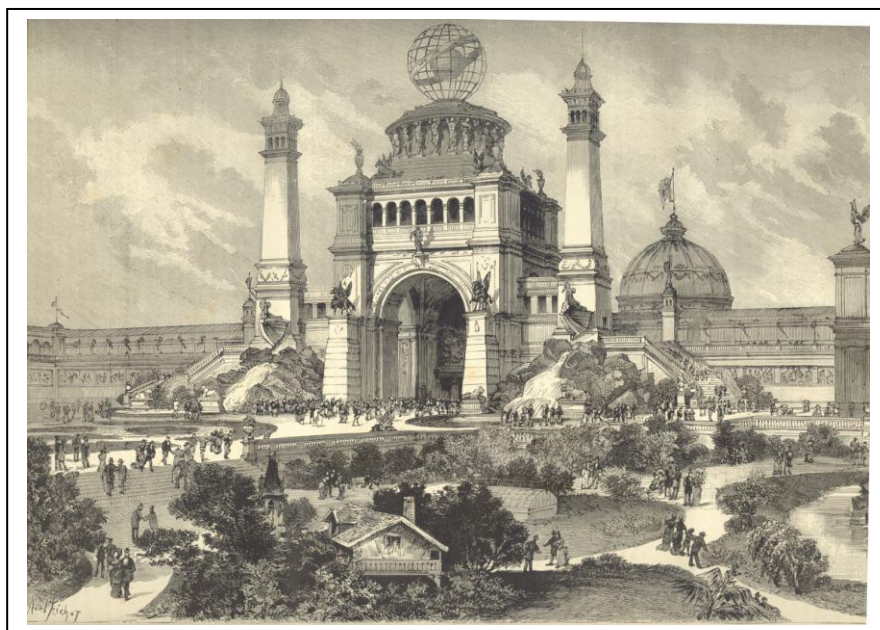


Ilustração 45: A exposição universal de Anvers<sup>45</sup>.

<sup>44</sup> CORDEIRO, Luciano, *Exposição universal de Anvers*, “Occidente”, Volume 8º, 8º Anno, nº 231, 21 de Maio, Lisboa, 1885, p.113.

<sup>45</sup> *Exposição de Anvers (A)*, “Ilustração (A)”, Volume II, Dir. Mariano Pina, Paris, s/e, 1885, p.227 p.229.

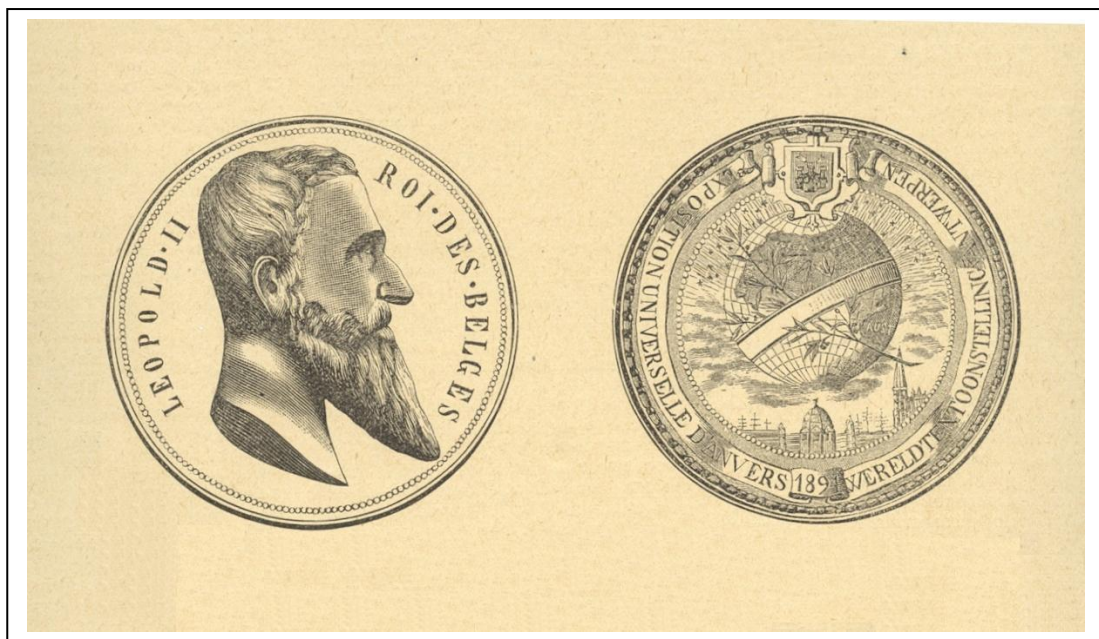


Ilustração 46: Medalha de mérito da Exposição Universal de Anvers<sup>46</sup>.

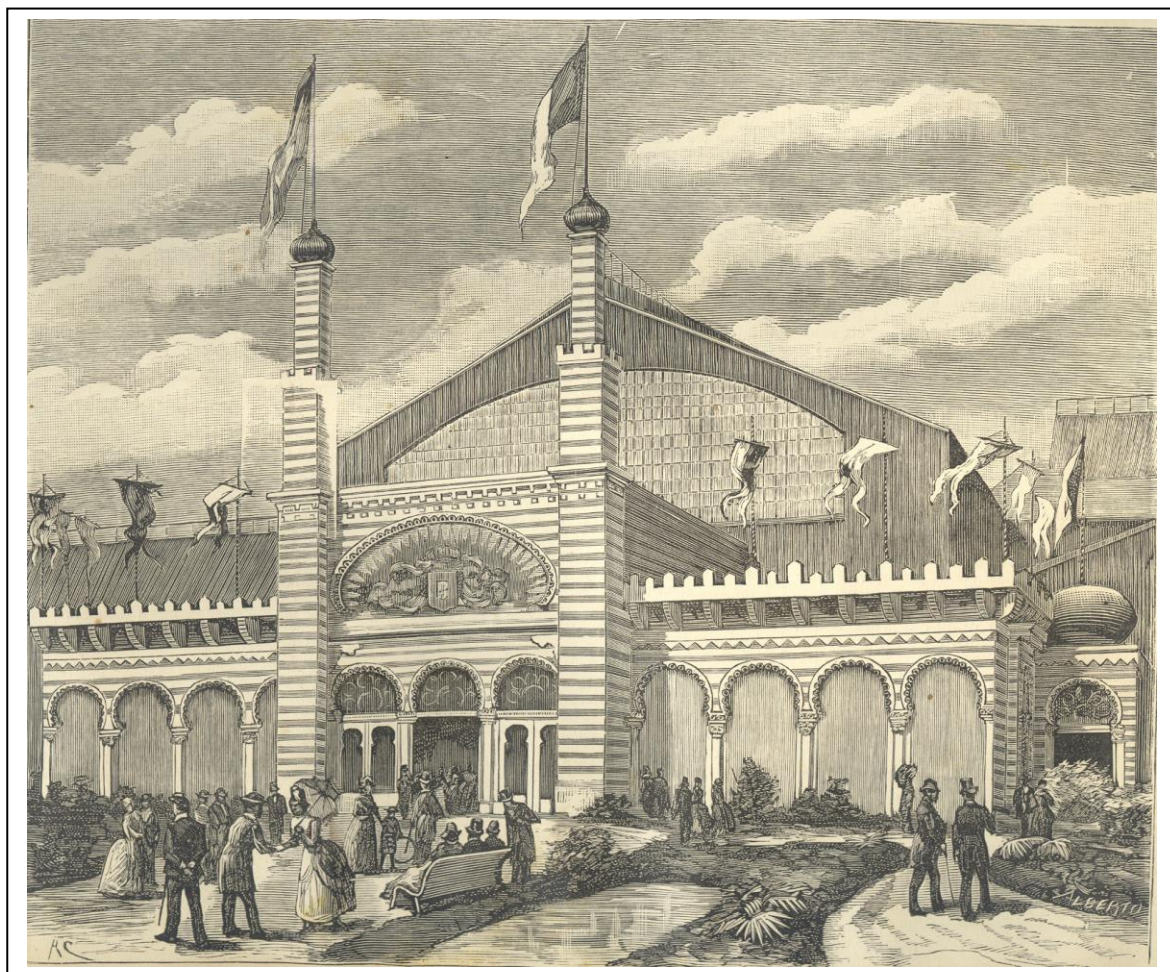
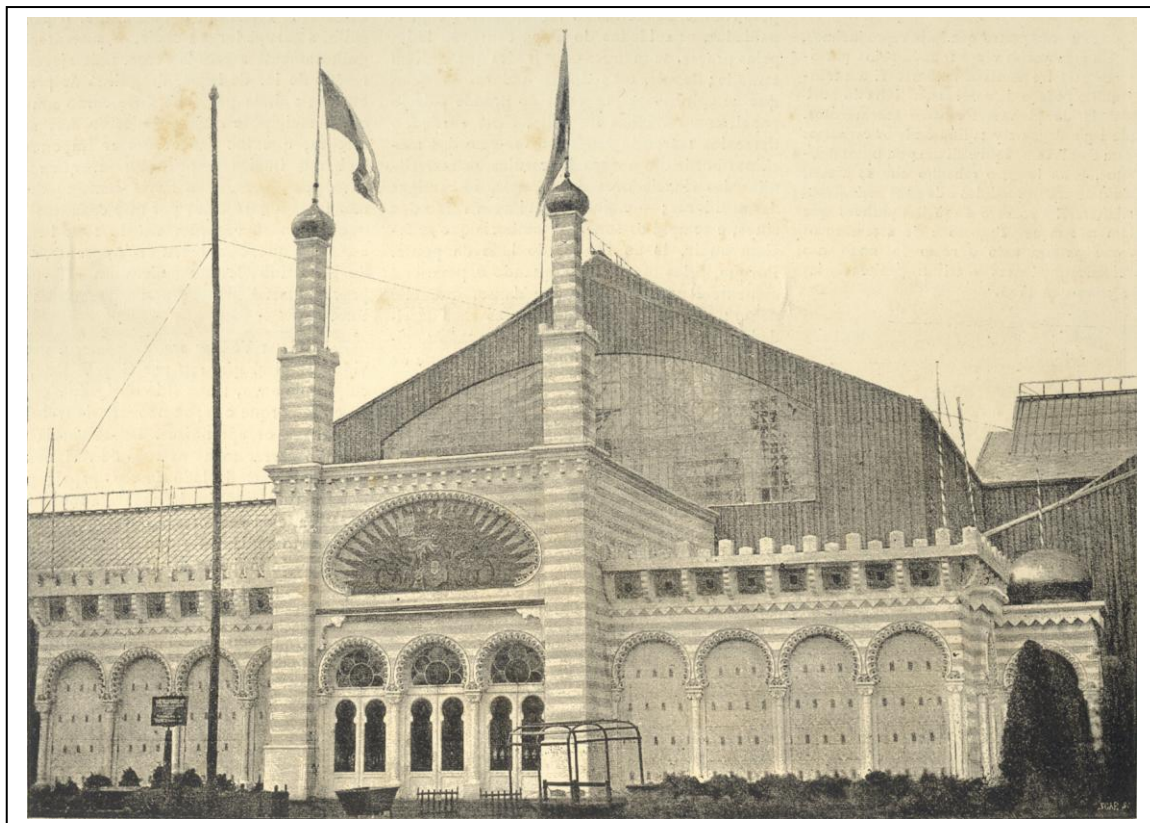


Ilustração 47: Pavilhão da Sociedade de Geografia de Lisboa<sup>47</sup>.

<sup>46</sup> *Occidente*, Volume 19º, 19º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1896, p.64.

<sup>47</sup> CORDEIRO, Luciano, *Exposição universal de Anvers*, “Occidente”, Volume 8º, 8º Anno, nº 231, 21 de Maio, Lisboa, 1885, p.193.



**Ilustração 48:** Fotogravura da fachada da exposição da Sociedade de Geografia em Anvers 1885<sup>48</sup>.



**Ilustração 49:** Banda do corpo da polícia de São Tomé, que causou sensação, uma vez que estava “*perfeitamente disciplinada e amestrada, vinda das possessões portuguesas que eram, por ventura, consideradas como terras de selvagens, onde ainda não entrara a mais tenue luz de civilização*”<sup>49</sup>.

<sup>48</sup> *Exposição portuguesa em Anvers (A)*, “Ilustração (A)”, Volume II, Dir. Mariano Pina, Paris, s/e, 1885, p.233.

<sup>49</sup> CORDEIRO, Luciano, *Exposição universal de Anvers*, “Occidente”, Volume 8º, 8º Anno, nº 231, 21 de Maio, Lisboa, 1885, p.114-116.

## 15. França: Paris, 1889

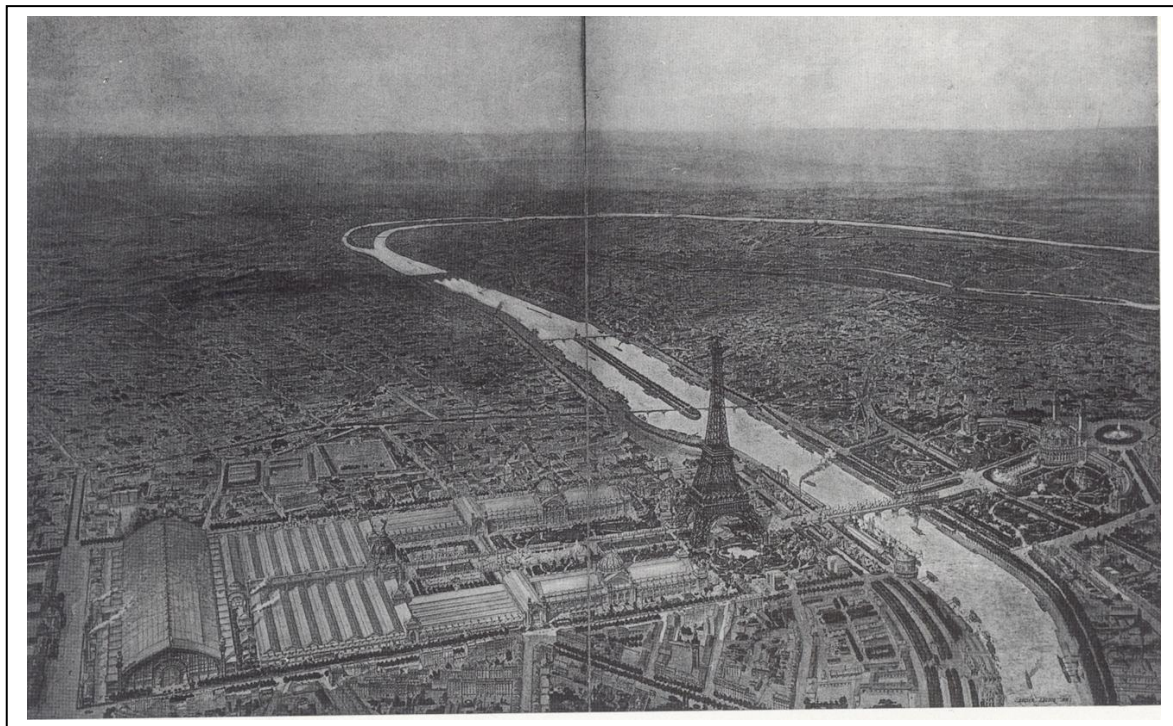


Ilustração 50: Panorama da exposição de Paris 1889<sup>50</sup>.

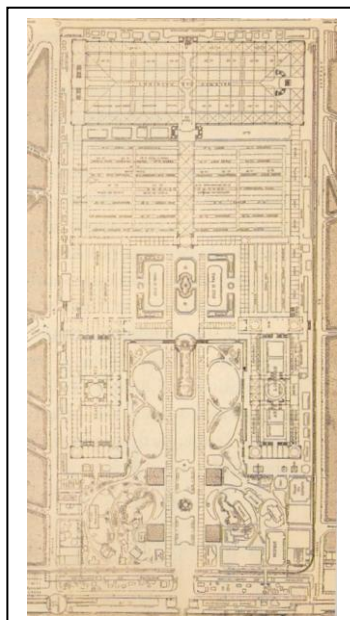
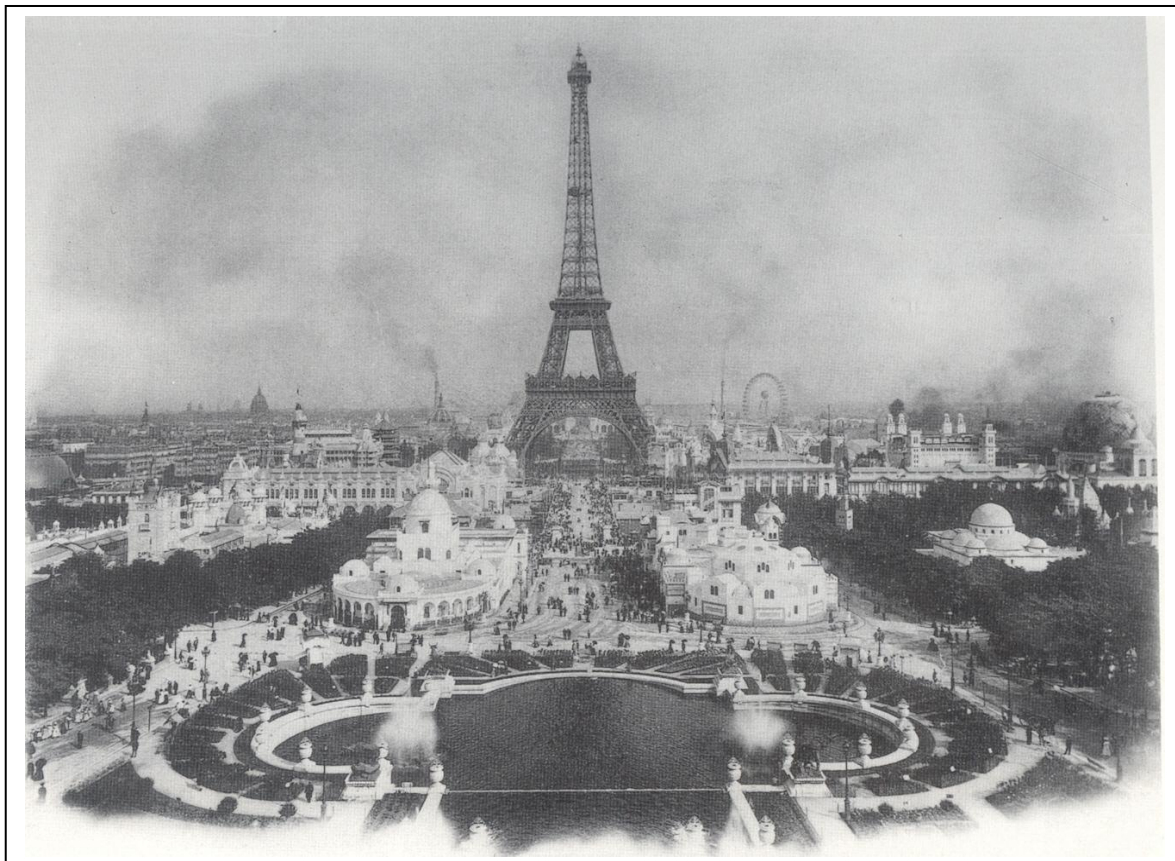


Ilustração 51: Planta da exposição universal de 1889<sup>51</sup>.

<sup>50</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Le esposizioni universali 1851-1900 Il progresso in scena*, Torino, Umberto Allemandi & C., 1990, fig.23.

<sup>51</sup> REIS, Patrícia, *Exposições universais: Paris 1889*, Lisboa, Expo'98, 1994, p.11.



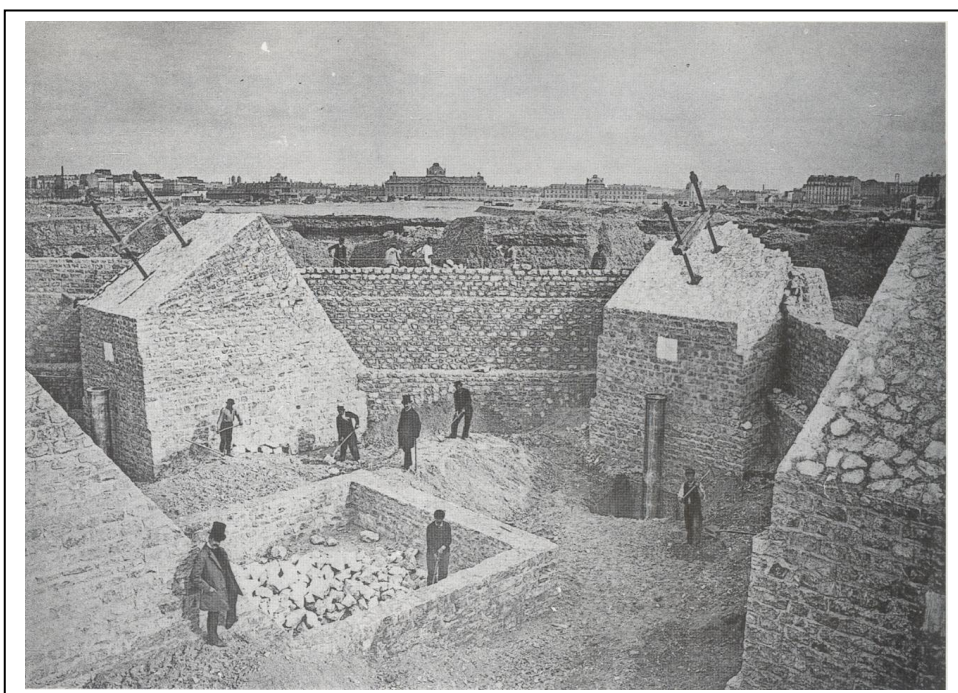
**Ilustração 52: Vista geral do Campo de Marte, Paris 1889, tirada do Trocadero<sup>52</sup>.**



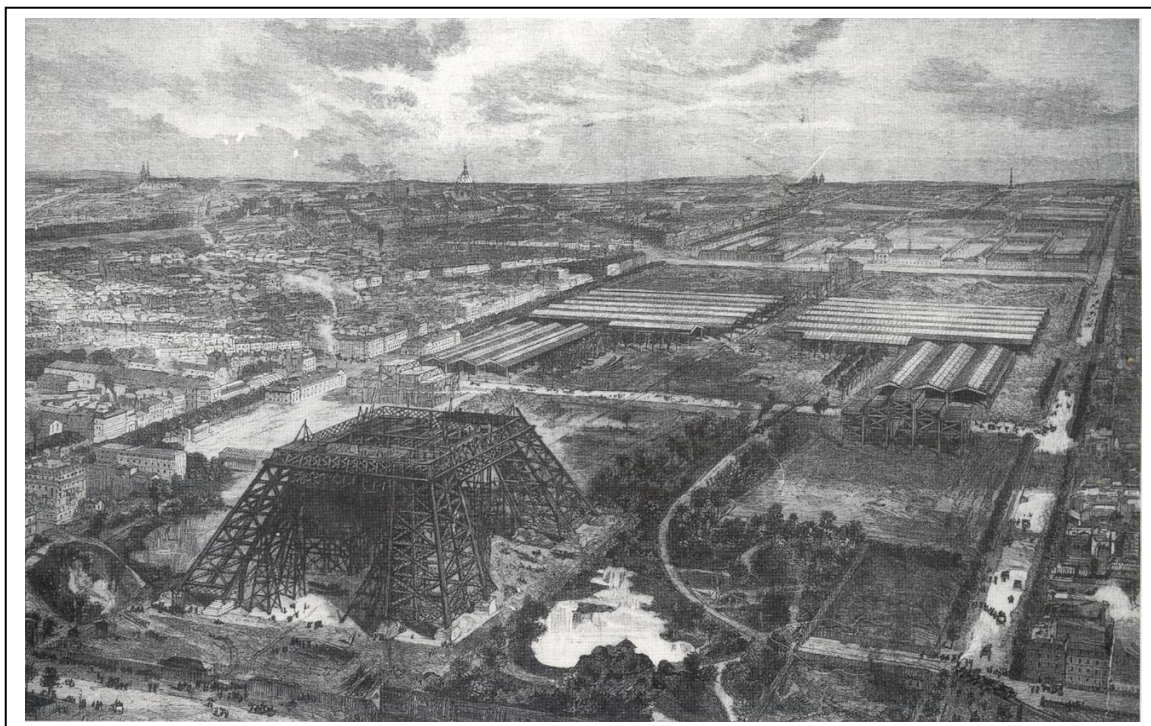
**Ilustração 53: Vista geral do Campo de Marte, a partir duma torre do Palácio do Trocadero<sup>53</sup>.**

<sup>52</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Le esposizioni universali 1851-1900 Il progresso in scena*, Torino, Umberto Allemandi & C., 1990, fig.27.

<sup>53</sup> *Exposição universal de 1889 (A)*, “Ilustração (A)”, Volume VI, 6º ano, Dir. Mariano Pina, Paris, s/e, 1889, p.181.



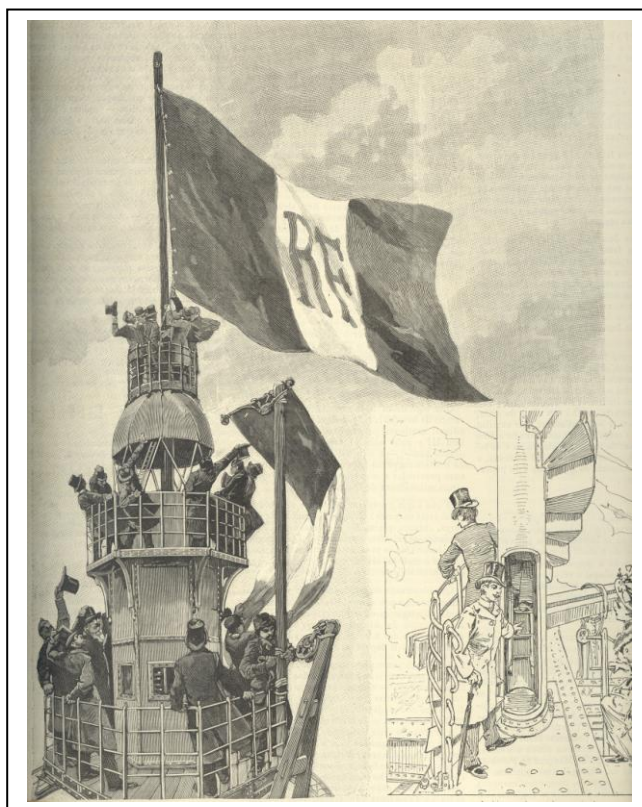
**Ilustração 54: Fundações da Torre Eiffel, em Paris, em 1889<sup>54</sup>.**



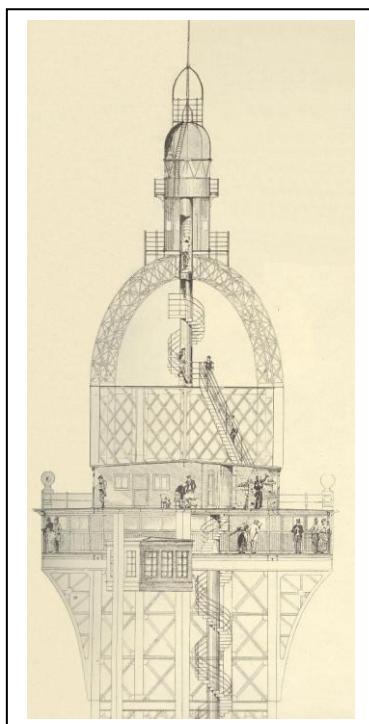
**Ilustração 55: Construção da Torre Eiffel, em Paris, em 1889<sup>55</sup>.**

<sup>54</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Le esposizioni universali 1851-1900 Il progresso in scena*, Torino, Umberto Allemandi & C., 1990, fig.43.

<sup>55</sup> Idem, fig.44.



**Ilustração 56:** Eiffel içando a bandeira tricolor no cimo da torre, em 31 de Março de 1889<sup>56</sup>.

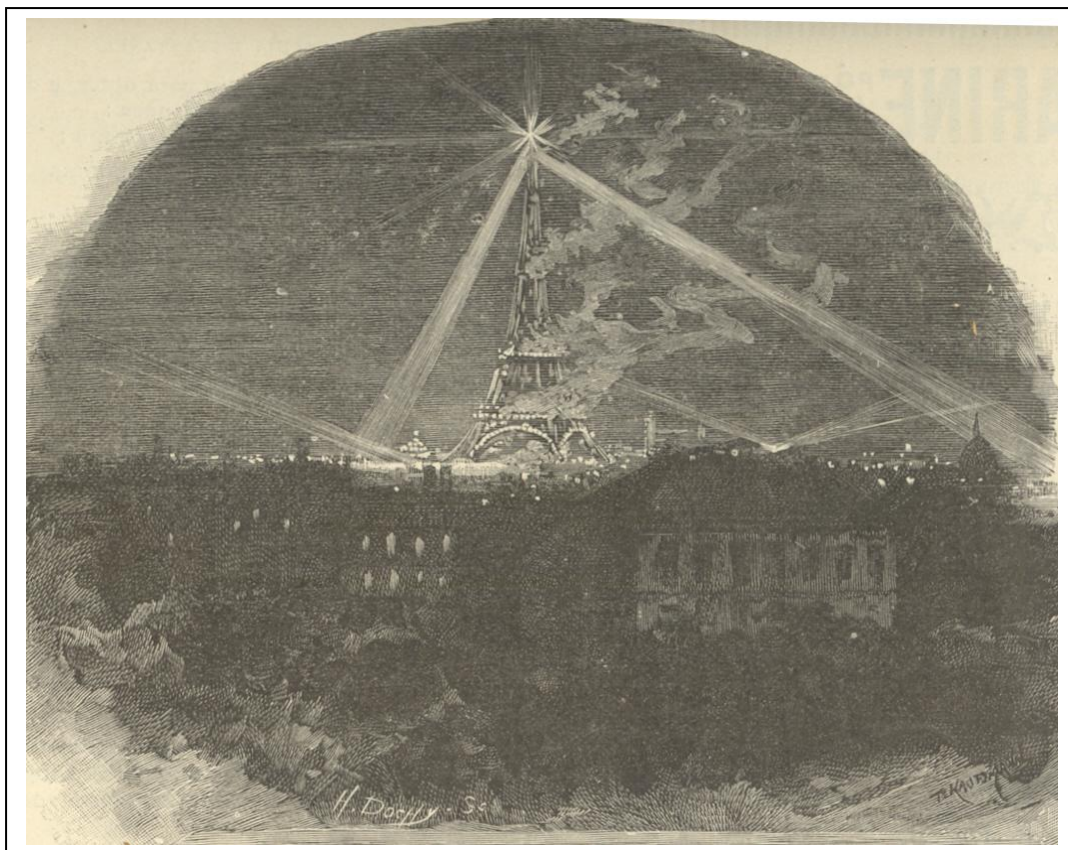


**Ilustração 57:** Corte da parte superior da Torre Eiffel<sup>57</sup>.

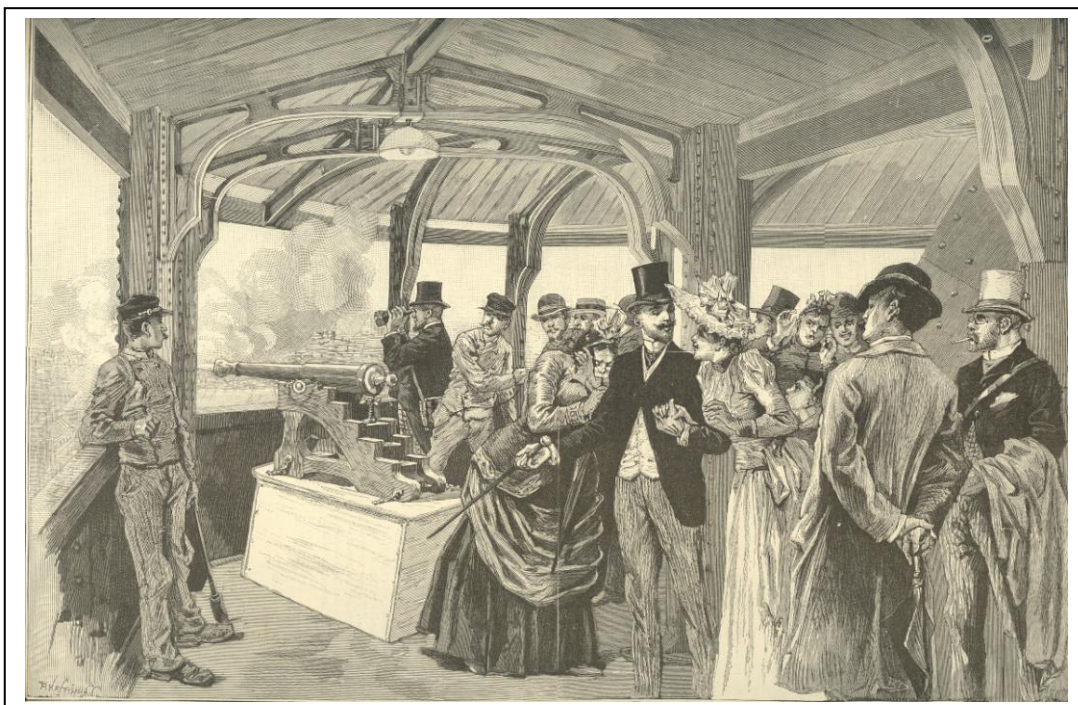
<sup>56</sup> *Exposição universal de 1889 (A)*, “Ilustração (A)”, Volume VI, 6º ano, Dir. Mariano Pina, Paris, s/e, 1889, p.129.

<sup>57</sup> *Idem*, p.295.





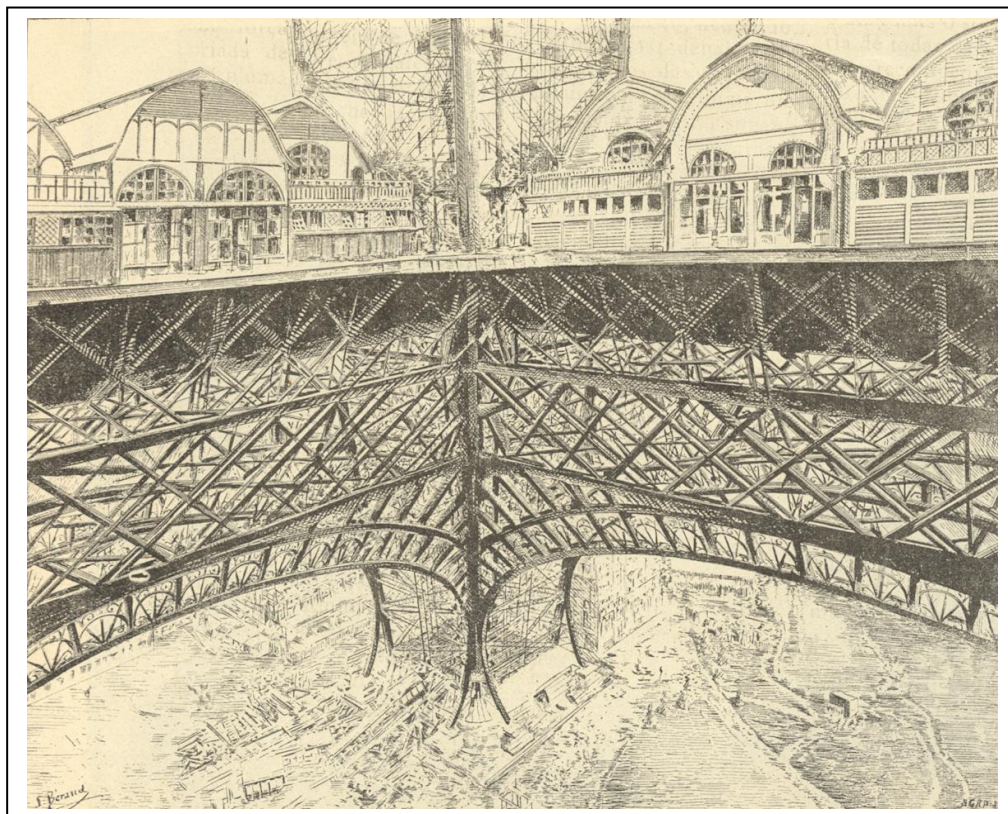
**Ilustração 58: Iluminação da torre, vista das alturas de Montmartre<sup>58</sup>.**



**Ilustração 59: No alto da torre Eiffel, o tiro da peça às seis horas da tarde<sup>59</sup>.**

<sup>58</sup> Idem, p.30.

<sup>59</sup> Idem, p.293.



**Ilustração 60: Restaurantes da primeira plataforma da Torre Eiffel<sup>60</sup>.**



**Ilustração 61: Construção da galeria das máquinas, em Paris, em 1889<sup>61</sup>.**

<sup>60</sup> *Exposição universal de 1889 (A)*, “Ilustração (A)”, Volume VI, 6º ano, Dir. Mariano Pina, Paris, s/e, 1889, p.298.

<sup>61</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Le esposizioni universali 1851-1900 Il progresso in scena*, Torino, Umberto Allemandi & C., 1990, fig.70.



**Ilustração 62: Vista geral da galeria das máquinas<sup>62</sup>.**



**Ilustração 63: Fotografura com a “Galeria das Machinas” nos fins de Fevereiro de 1889<sup>63</sup>.**

<sup>62</sup> *Revista de la exposition universal de Paris en 1889*, Barcelona, Montaner y Simón, editores, 1889, p.181.

<sup>63</sup> *Exposição universal de 1889 (A)*, “Ilustração (A)”, Volume VI, 6º ano, Dir. Mariano Pina, Paris, s/e, 1889, p.93.

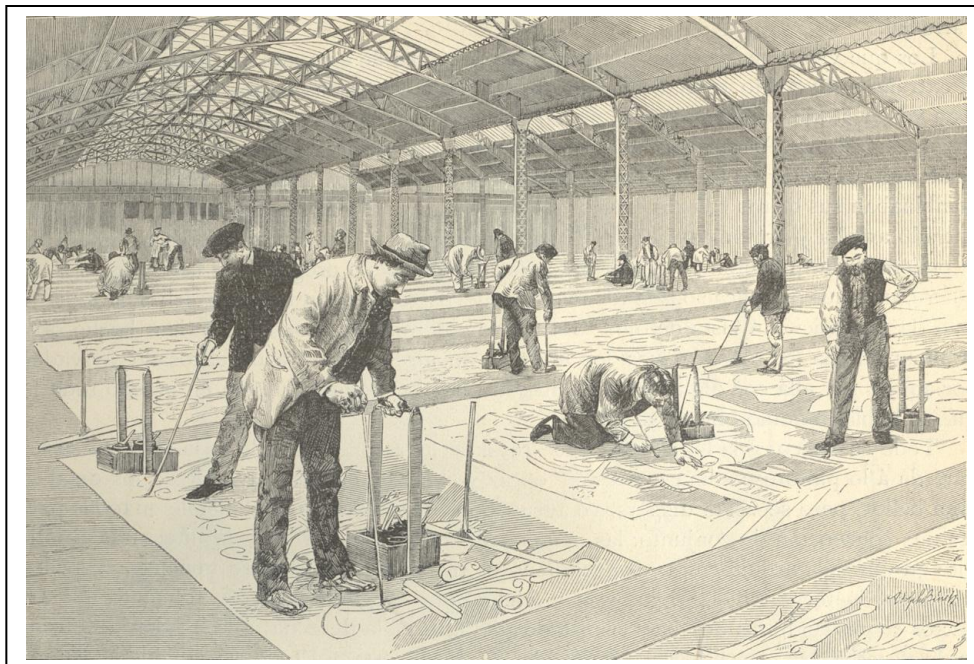


Ilustração 64: Os decoradores em acção, na Galeria das Máquinas<sup>64</sup>.



Ilustração 65: Visitantes da Galeria das Máquinas na ponte rolante<sup>65</sup>.

<sup>64</sup> *Revista de la exposition universal de Paris en 1889*, Barcelona, Montaner y Simón, editores, 1889, p.133.

<sup>65</sup> *Idem*, p.179.

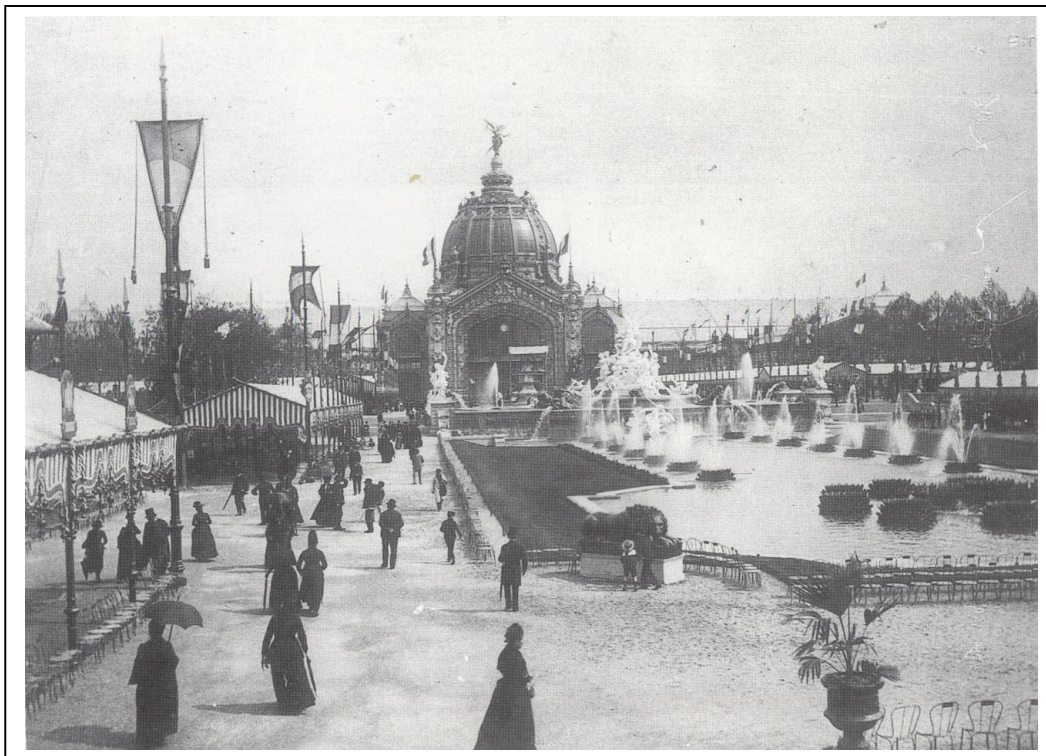


Ilustração 66: Fonte monumental e dome central do Campo de Marte, em Paris, em 1889<sup>66</sup>.

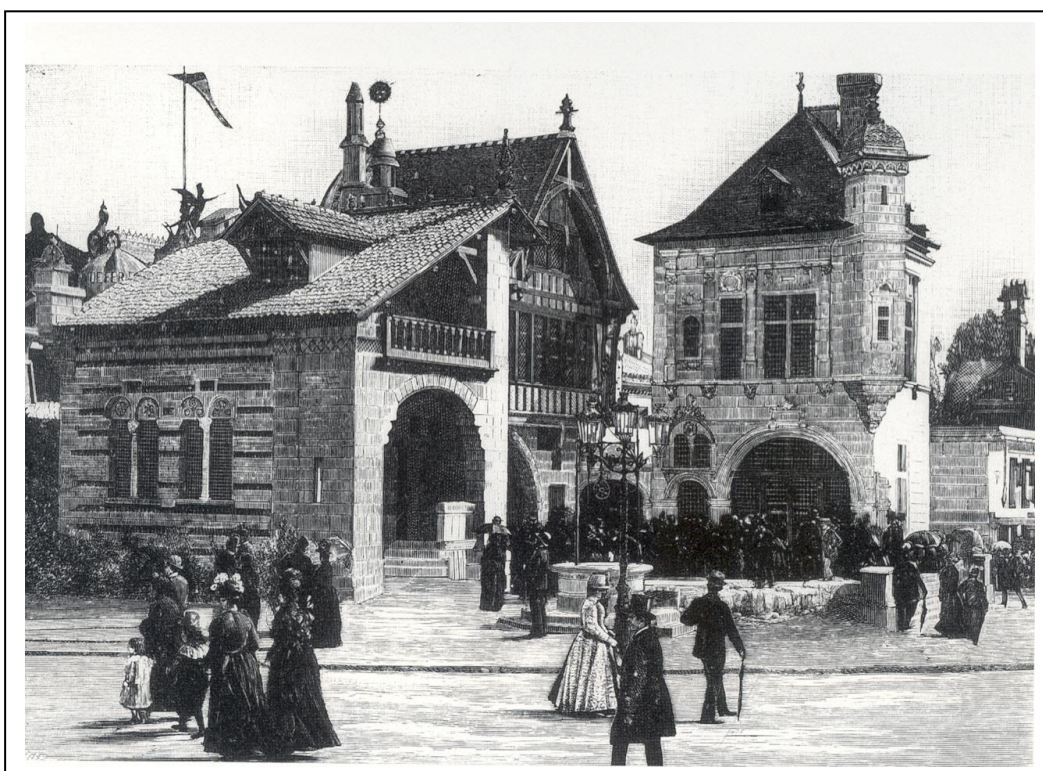
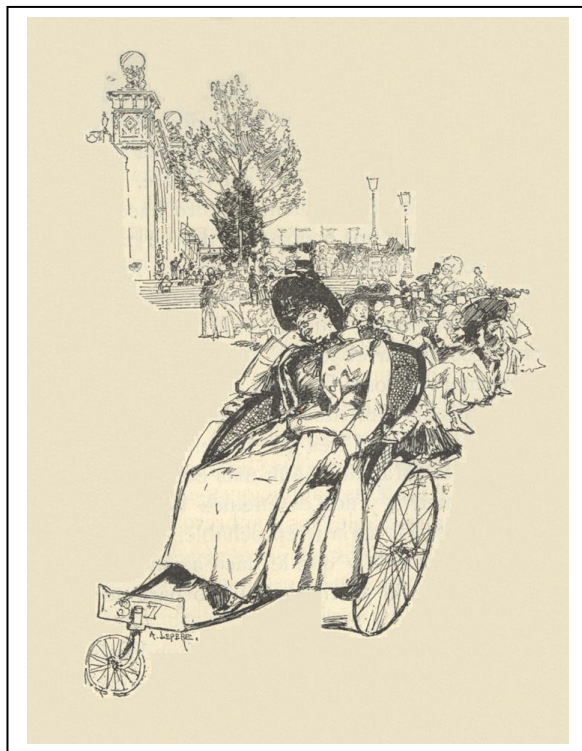


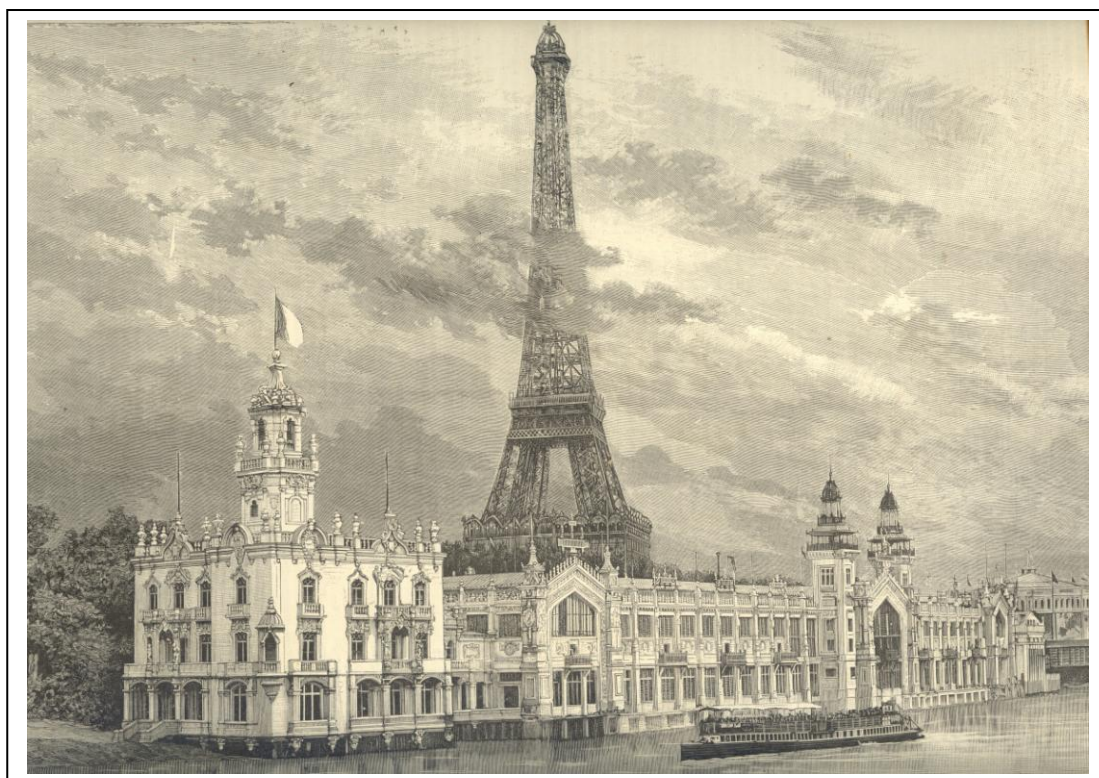
Ilustração 67: História da habitação: casa medieval e renascentista, em Paris, em 1889<sup>67</sup>.

<sup>66</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Le esposizioni universali 1851-1900 Il progresso in scena*, Torino, Umberto Allemandi & C., 1990, fig.24.

<sup>67</sup> Idem, fig.48.



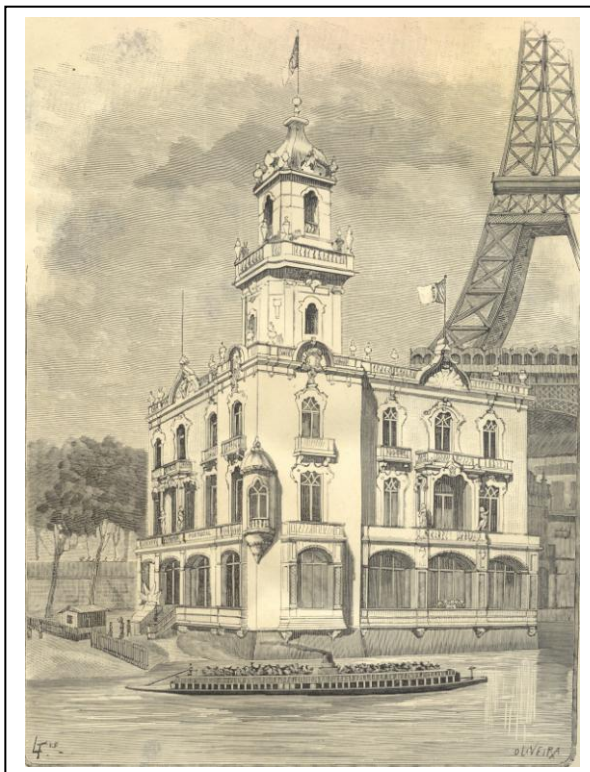
**Ilustração 68: Uma visitante exausta** <sup>68</sup>.



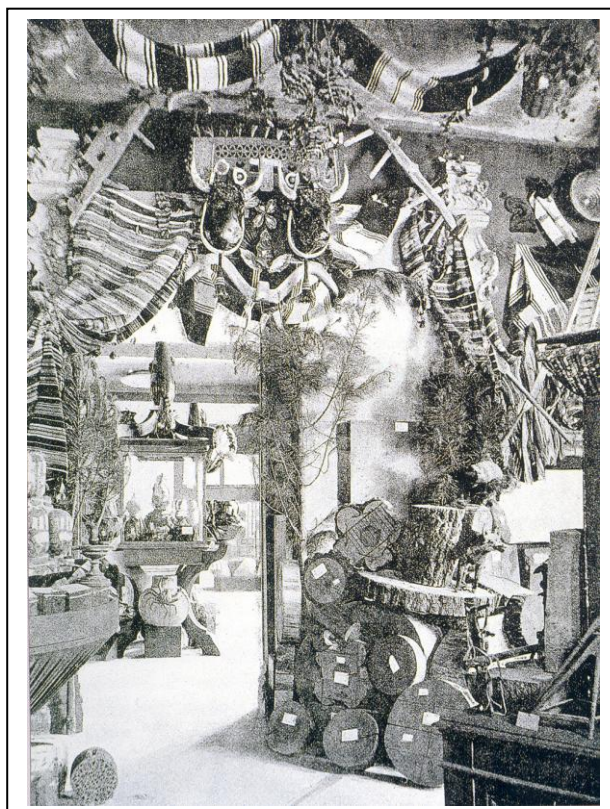
**Ilustração 69: O palácio português do Quai d'Orsay, visto do lado do Sena** <sup>69</sup>.

<sup>68</sup> *Revista de la exposition universal de Paris en 1889*, Barcelona, Montaner y Simón, editores, 1889, p.122.

<sup>69</sup> *Portugal em Paris*, “Ilustração (A)”, Volume VI, 6º ano, Dir. Mariano Pina, Paris, s/e, 1889, p.232.



**Ilustração 70: O pavilhão português<sup>70</sup>.**



**Ilustração 71: Pavilhão português na exposição universal de Paris 1889<sup>71</sup>.**

<sup>70</sup> SILVA, A. da, *Exposição universal de Paris 1889, “Occidente”, Volume 12º, 12º Anno, nº 378, 30 de Novembro, Lisboa, 1899, p.212.*

<sup>71</sup> *Arte efêmera em Portugal - 13 de Dezembro a 25 de Fevereiro de 2001- Galeria de exposições temporárias do Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p.361.*



Ilustração 72: Pessoal do pavilhão português em Paris<sup>72</sup>.

## 16. França: Paris, 1900



Ilustração 73: O palácio do Trocadero<sup>73</sup>.

<sup>72</sup> *Exposição universal de 1889 (A)*, “Ilustração (A)”, Volume VI, 6º ano, Dir. Mariano Pina, Paris, s/e, 1889, p.384.

<sup>73</sup> *Exposição Universal de Paris*, “Occidente”, Volume 23º, 23º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1900, p.176.





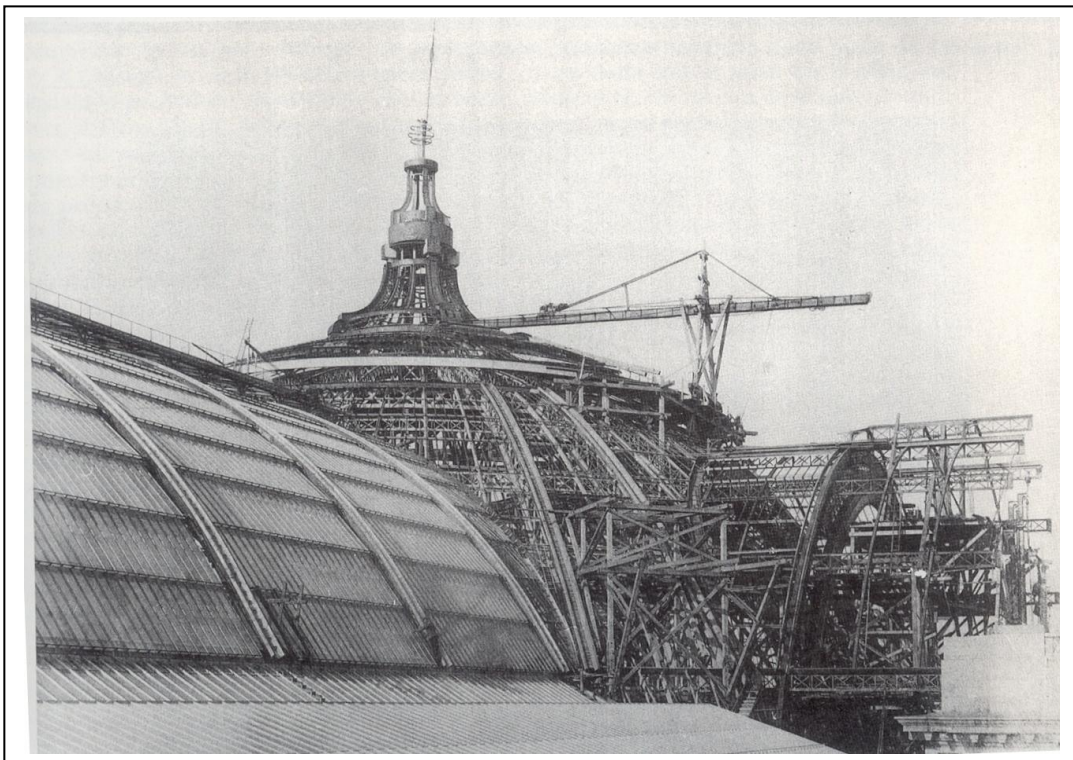
**Ilustração 74: A porta monumental da exposição universal de Paris 1900<sup>74</sup>.**



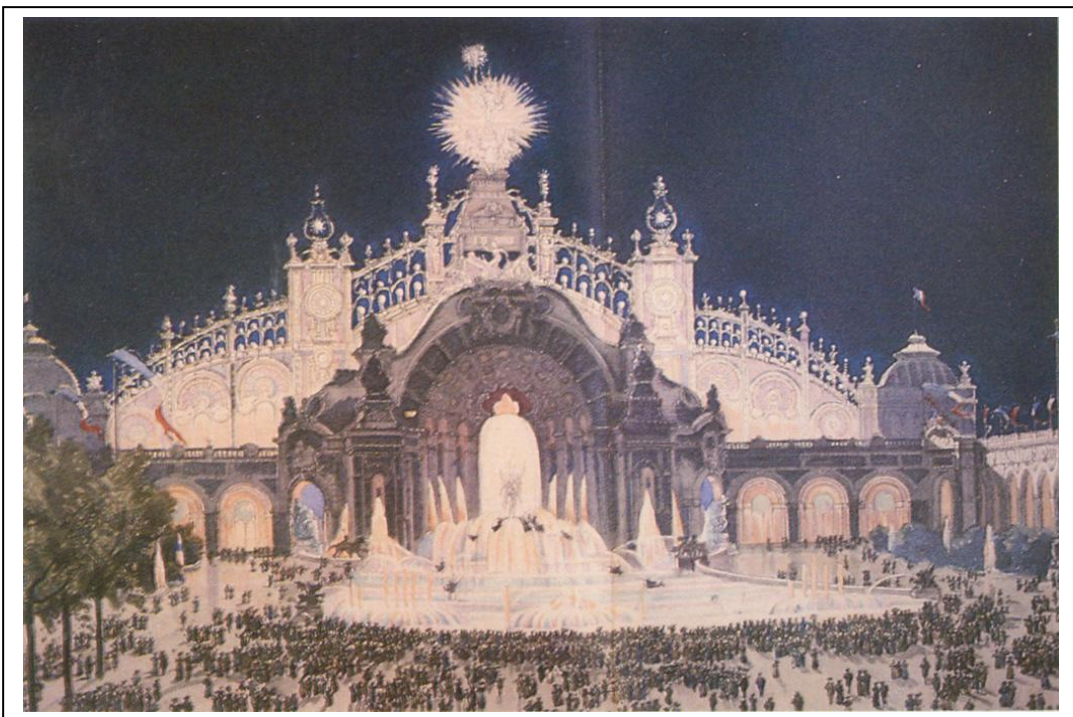
**Ilustração 75: Construção do Grand Palais Paris 1900<sup>75</sup>.**

<sup>74</sup> Idem, p.176.

<sup>75</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Le esposizioni universali 1851-1900 Il progresso in scena*, Torino, Umberto Allemandi & C., 1990, fig.52.



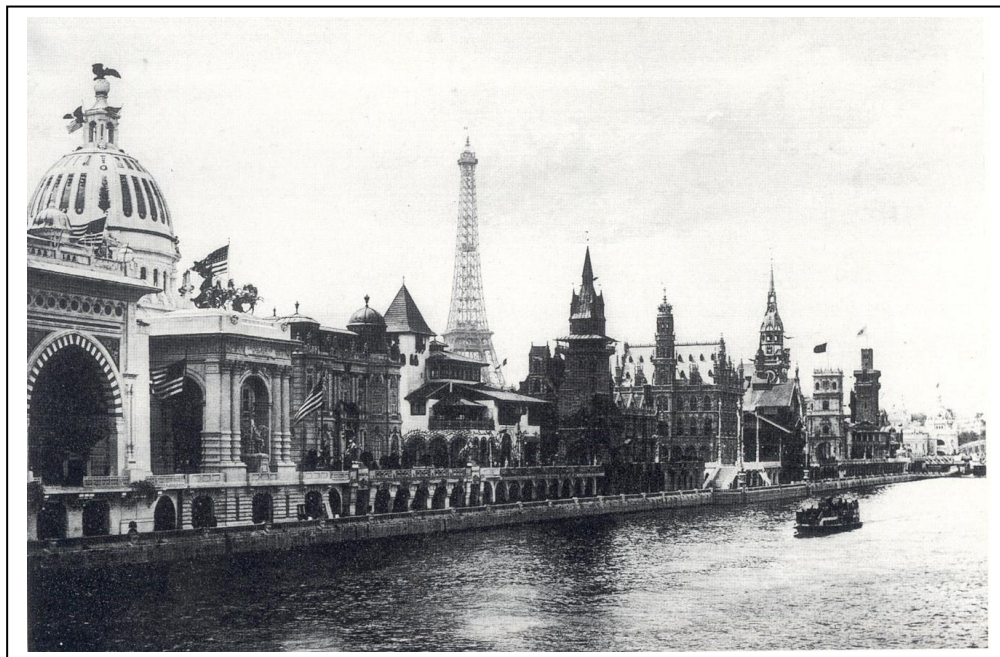
**Ilustração 76: Construção do Grand Palais Paris 1900<sup>76</sup>.**



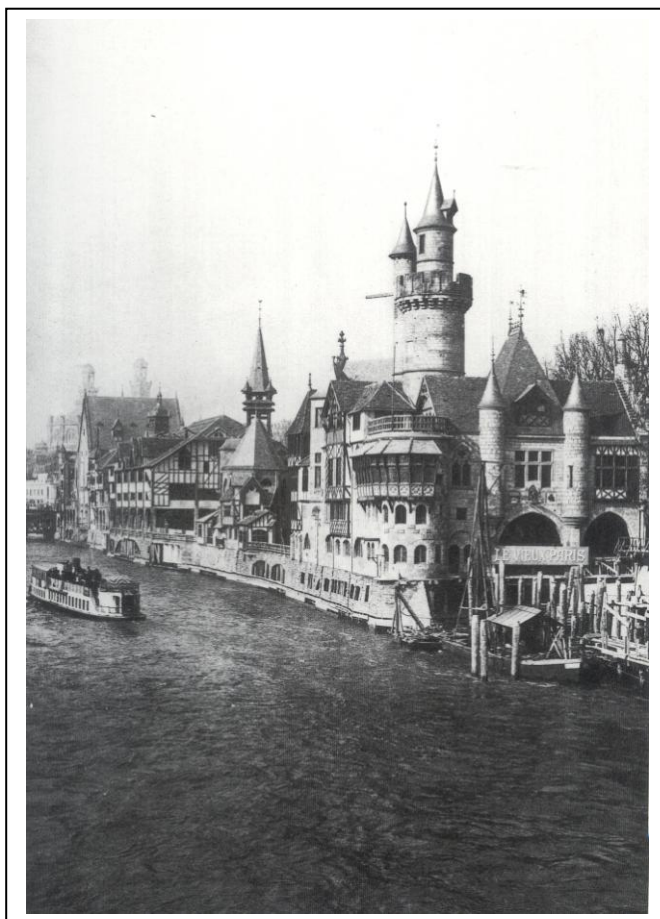
**Ilustração 77: O Palácio da Electricidade e o Castelo de Água na exposição de Paris em 1900<sup>77</sup>.**

<sup>76</sup> Idem, fig.51.

<sup>77</sup> CANOGAR, Daniel, *Ciudades Efímeras. Exposiciones universales: espectáculo y tecnología*, Madrid, Júlio Ollero editor, 1992, fig.40.



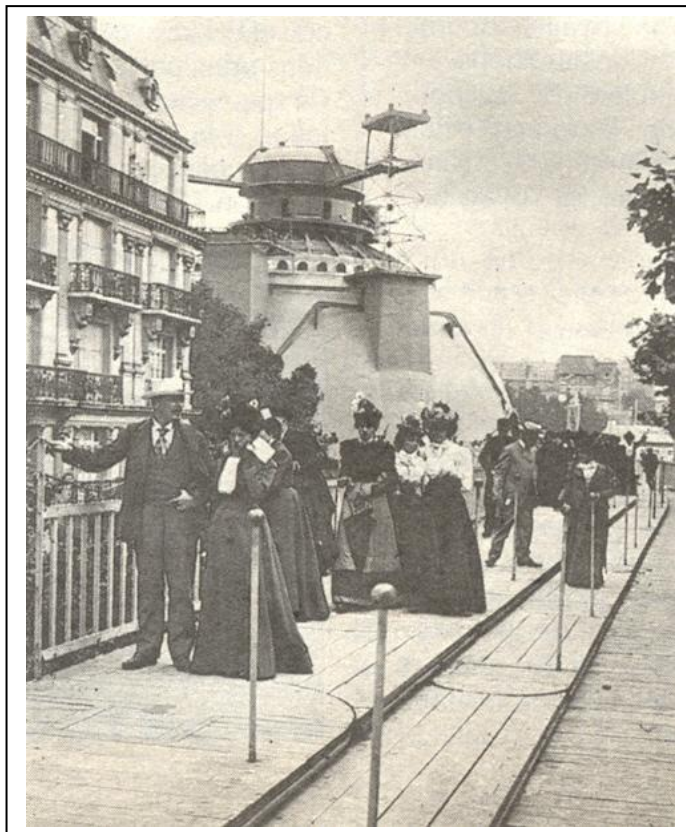
**Ilustração 78: Rua das nações Paris 1900<sup>78</sup>.**



**Ilustração 79: Representação da velha Paris, na exposição de 1900<sup>79</sup>.**

<sup>78</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Le esposizioni universali 1851-1900 Il progresso in scena*, Torino, Umberto Allemandi & C., 1990, fig.28.

<sup>79</sup> Idem, fig.29.



**Ilustração 80: O tapete rolante na Rua do futuro<sup>80</sup>.**



**Ilustração 81: A entrada e a saída da passadeira rolante<sup>81</sup>.**

<sup>80</sup> *Le Livre des Expositions Universelles 1851-1989*, Paris, edition des arts décoratifs- herscher, 1983.

<sup>81</sup> GUERREIRO, António, *Exposições universais: Paris 1900*, Lisboa, Expo 98, 1995, p.52.

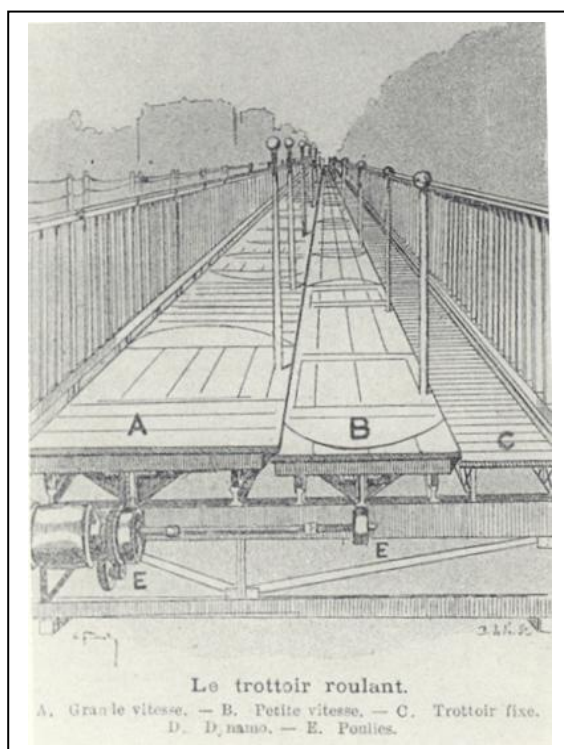


Ilustração 82: Um corte da passareira rolante<sup>82</sup>.

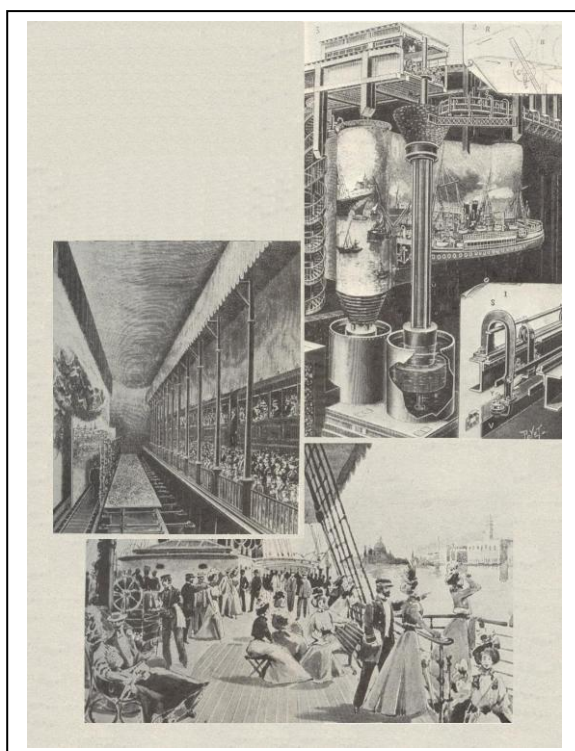
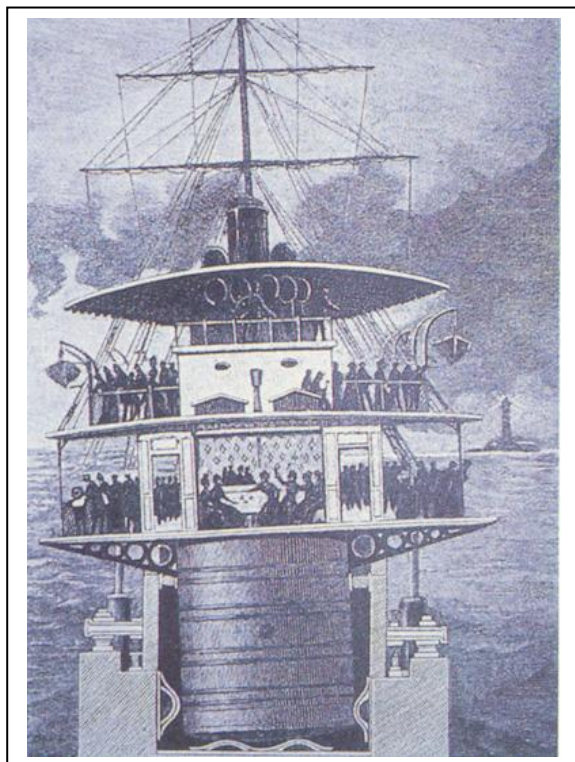


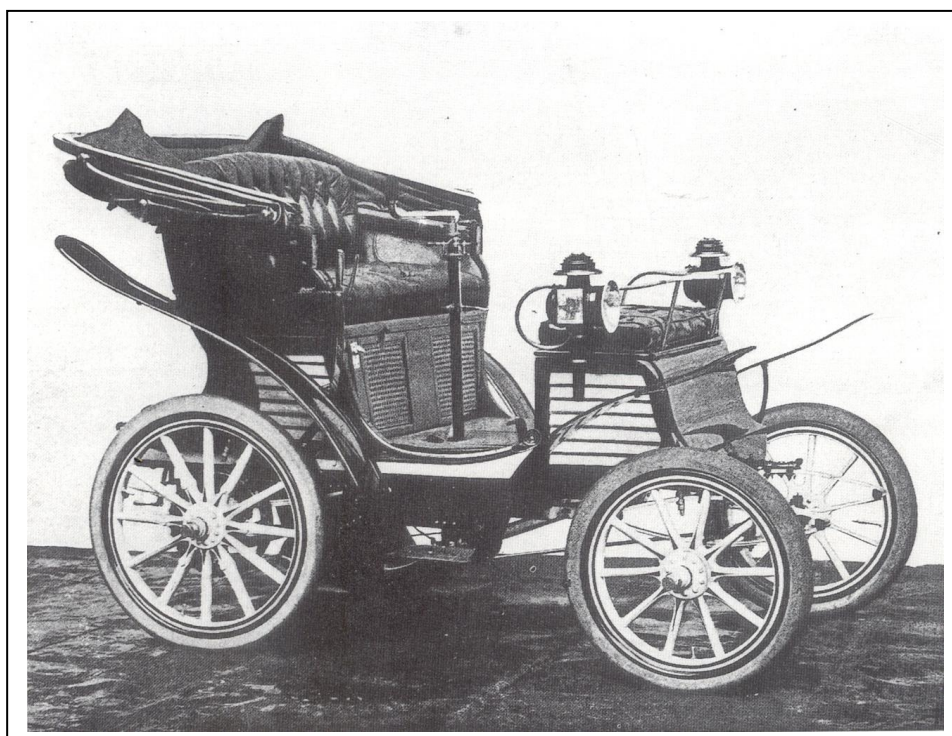
Ilustração 83: Cinéramas de Alesi<sup>83</sup>.

<sup>82</sup> CANOGAR, Daniel, *Ciudades efímeras. Exposiciones universales: espectáculo y tecnología*, Madrid, Julio Ollero Editor, 1992, figura 44.

<sup>83</sup> *Le Livre des Expositions Universelles 1851-1989*, Paris, edition des arts décoratifs- herscher, 1983, p.111.



**Ilustração 84: Mareorama no Champs de Mars<sup>84</sup>.**



**Ilustração 85: Automóvel “Duc” Fiat (Torino) com motor a 4 cavalos Paris 1900<sup>85</sup>.**

<sup>84</sup> CANOGAR, Daniel, *Ciudades efímeras. Exposiciones universales: espectáculo y tecnología*, Madrid, Julio Ollero Editor, 1992, figura 43.

<sup>85</sup> AIMONE, Linda, OLMO, Carlo, *Le esposizioni universali 1851-1900 Il progresso in scena*, Torino, Umberto Allemandi & C., 1990, fig.75.

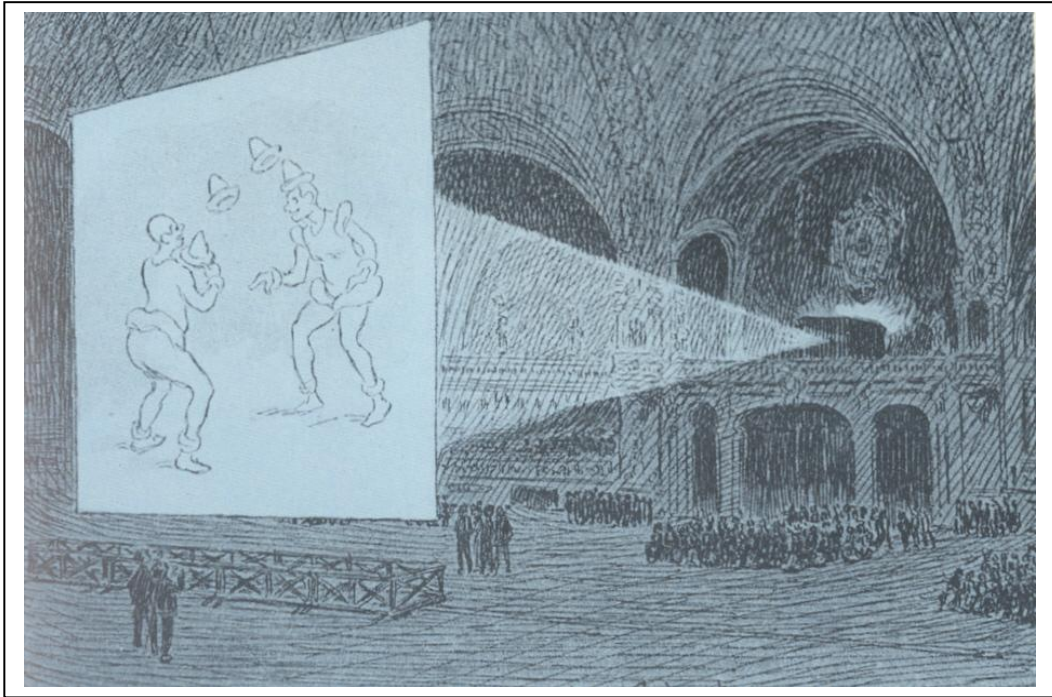


Ilustração 86: O cinematógrafo gigante dos irmãos Lumière<sup>86</sup>.

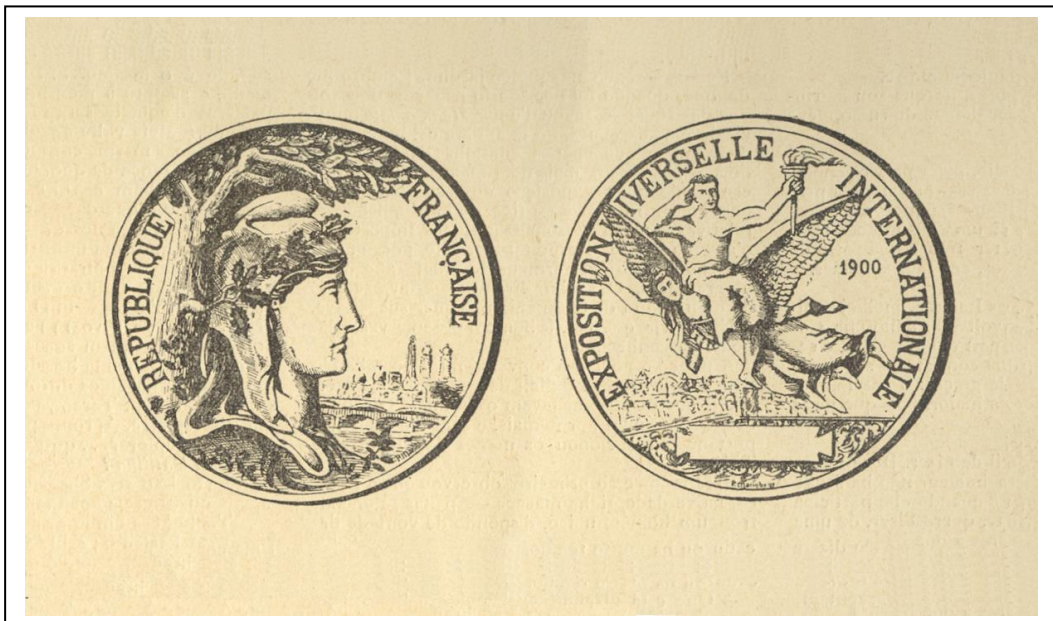


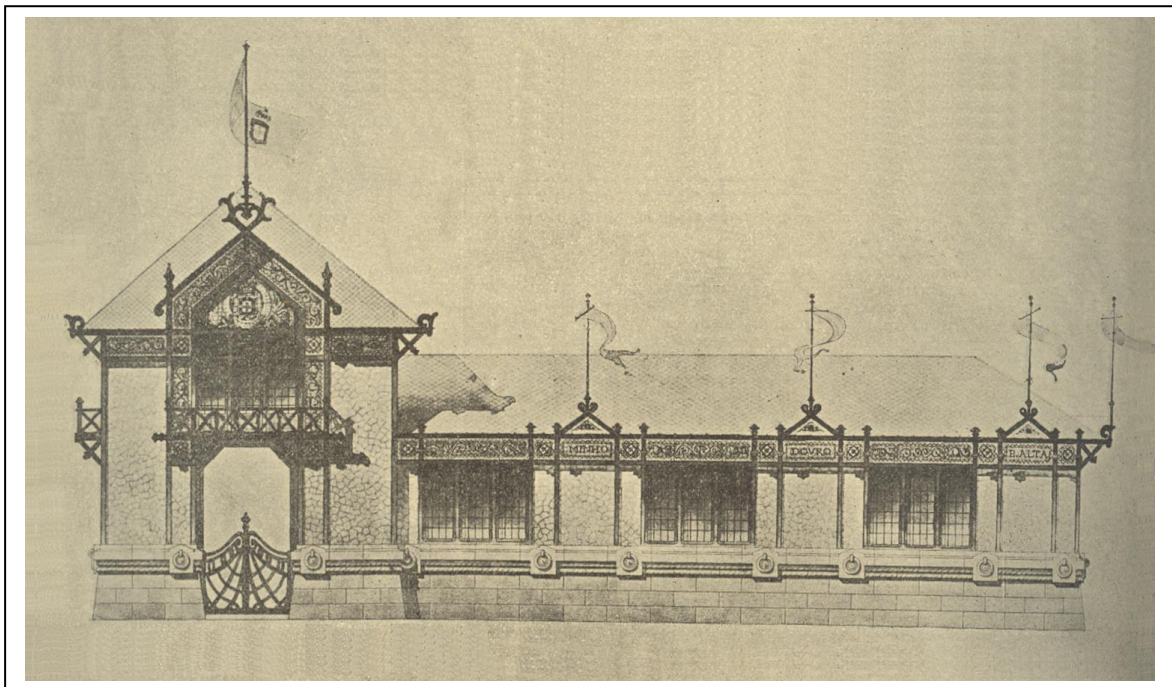
Ilustração 87: Medalha de mérito da exposição universal de Paris 1900<sup>87</sup>.

<sup>86</sup> CANOGAR, Daniel, *Ciudades Efímeras. Exposiciones universales: espectáculo y tecnología*, Madrid, Júlio Ollero editor, 1992, fig.41.

<sup>87</sup> *Medalha da exposição universal de Paris de 1900*, "Occidente", Volume 24º, 24º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1901, p.32.



**Ilustração 88: Pavilhão das colónias portuguesas, Paris 1900<sup>88</sup>.**

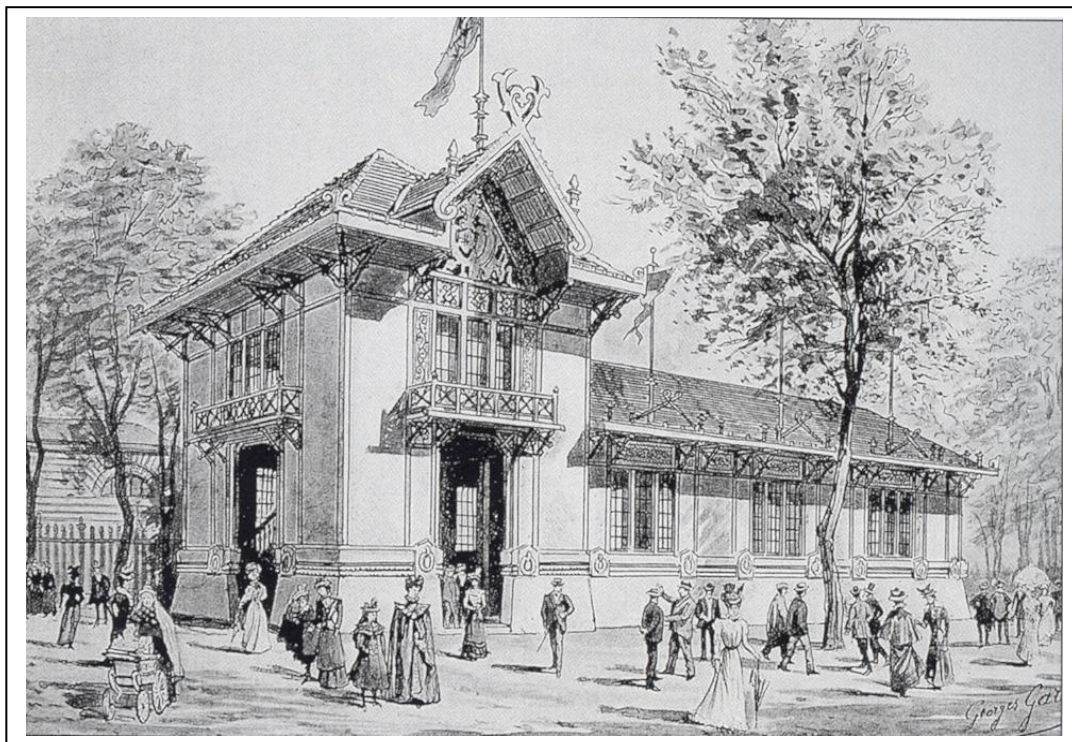


**Ilustração 89: Pavilhão português das Mattas, Caça e Pesca da Exposição Universal de Paris em 1900<sup>89</sup>.**

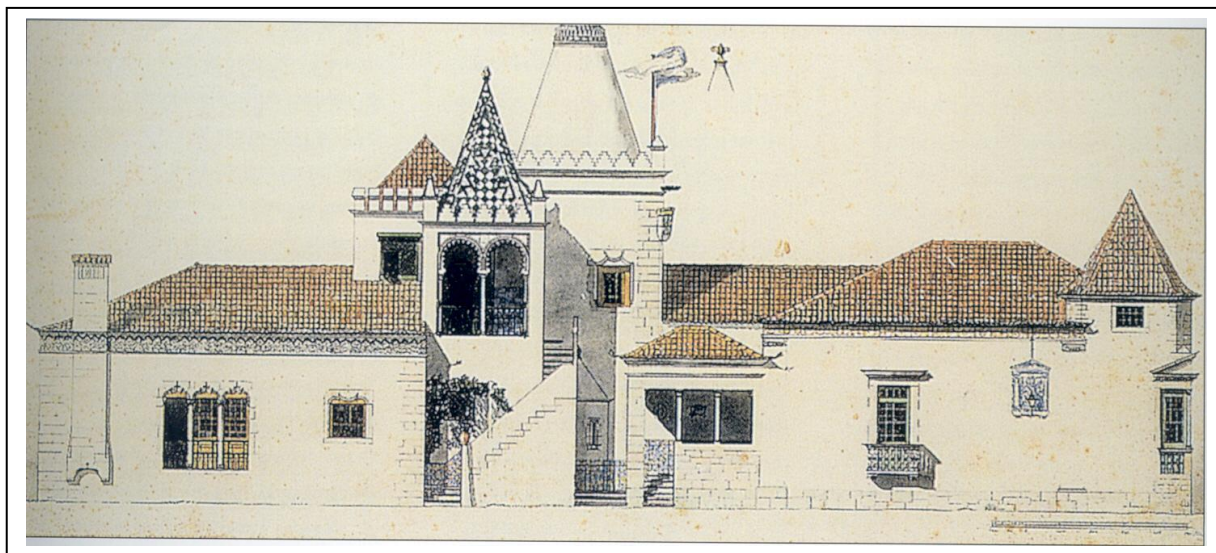
<sup>88</sup> *Arte efémera em Portugal - 13 de Dezembro a 25 de Fevereiro de 2001- Galeria de exposições temporárias do Museu Calouste Gulbenkian*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p.364, e, *Exposição Universal de Paris em 1900. Projectos para os pavilhões portugueses*, "Occidente", Volume 22º, 22º Anno, nº 753, 30 de Novembro, Lisboa, 1899, p.261.

<sup>89</sup> *Exposição Universal de Paris em 1900. Projectos para os pavilhões portugueses*, "Occidente", Volume 22º, 22º Anno, nº 753, 30 de Novembro, Lisboa, 1899, p.264.





**Ilustração 90: Projecto de pavilhão para Portugal de Miguel Ventura Terra para a exposição de Paris 1900 (vencedor)<sup>90</sup>.**

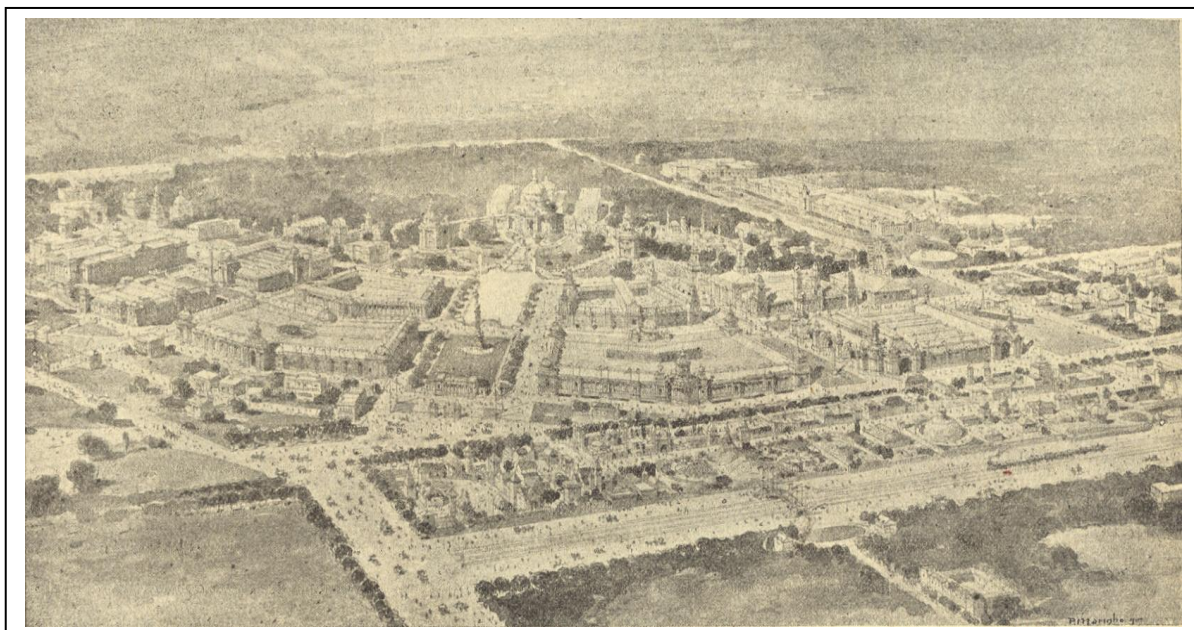


**Ilustração 91: Projecto de pavilhão para Portugal de Raul Lino para a exposição de Paris 1900 (recusado)<sup>91</sup>.**

<sup>90</sup> *Arte efémera em Portugal- 13 de Dezembro a 25 de Fevereiro de 2001- Galeria de exposições temporárias do Museu Calouste Gulbenkian*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p.366.

<sup>91</sup> *Ibidem*.

## 17. E.U.A. : São Luís, 1904



**Ilustração 92:** A exposição de São Luiz em 1904<sup>92</sup>.



**Ilustração 93:** Vista da exposição de S. Luiz em 1904<sup>93</sup>.

<sup>92</sup> *Exposição de S. Luiz (A)*, “Occidente”, Volume 27º, 27º Anno, Lisboa, Empreza do Occidente, 1904, p.190.

<sup>93</sup> *A arte portugueza na exposição de S. Luiz*, “Ilustração Portugueza”, 1ºanno 1ºsemestre, Lisboa, José Joubert Chaves editor, 1903, p.312.

## 18. E.U.A. : São Francisco, 1915



Ilustração 94: Vista noturna da exposição<sup>94</sup>.



Ilustração 95: Detalhe do diorama do Canal de Panamá<sup>95</sup>.

<sup>94</sup> CANOGAR, Daniel, *Ciudades Efímeras. Exposiciones universales: espectáculo y tecnología*, Madrid, Júlio Ollero editor, 1992, fig.47.

<sup>95</sup> Idem, fig.50.

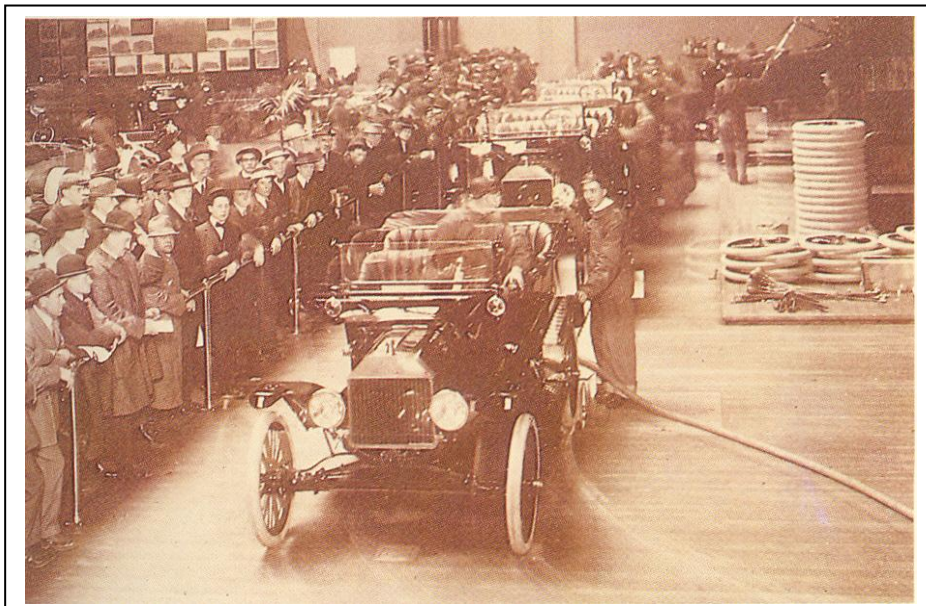


Ilustração 96: Montagem em série do modelo T de Ford, na exposição de S. Francisco<sup>96</sup>.

## 19. Brasil: Rio de Janeiro, 1922

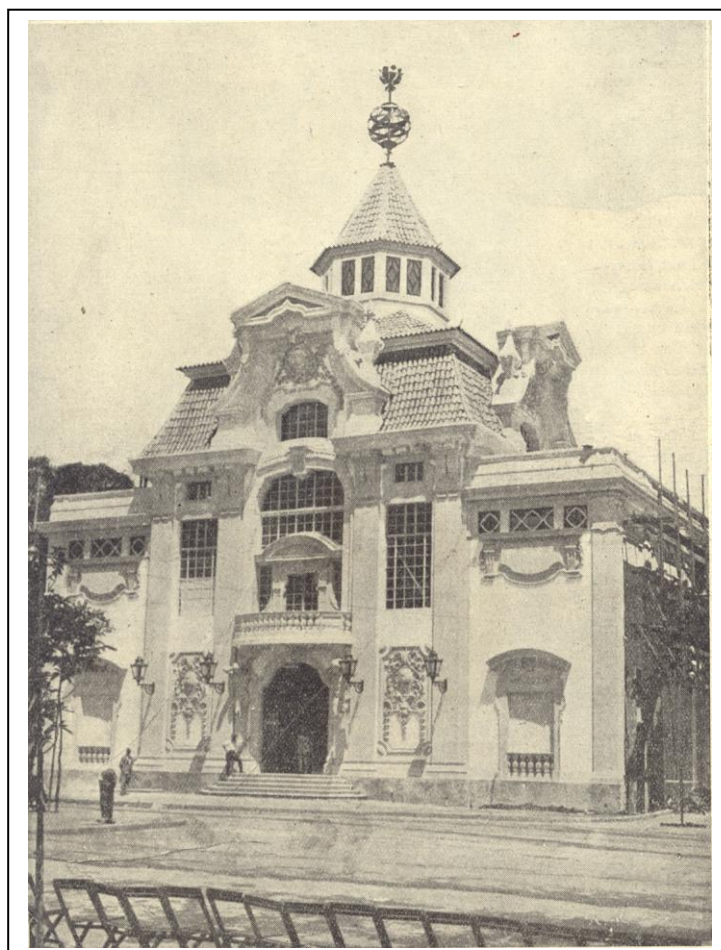


Ilustração 97: Pavilhão de Portugal na exposição do Rio de Janeiro em 1922<sup>97</sup>.

<sup>96</sup> Idem, fig.51.

<sup>97</sup> *Exposição do Rio de Janeiro (A)*, “Ilustração Portuguesa”, Volume 34°, Lisboa, Empreza do jornal O Século, 1922, p.697.

## 20. Espanha: Sevilha, 1929



Ilustração 98: Praça de Espanha da Exposição Ibero-Americana em Sevilha<sup>98</sup>.



Ilustração 99: Pavilhão de Portugal da Exposição Ibero-Americana em Sevilha<sup>99</sup>.

<sup>98</sup> Sevilha - Exposición ibero-americana, Barcelona, Foto Ducker, s/d.

<sup>99</sup> Idem.

## 21. Espanha: Barcelona, 1929

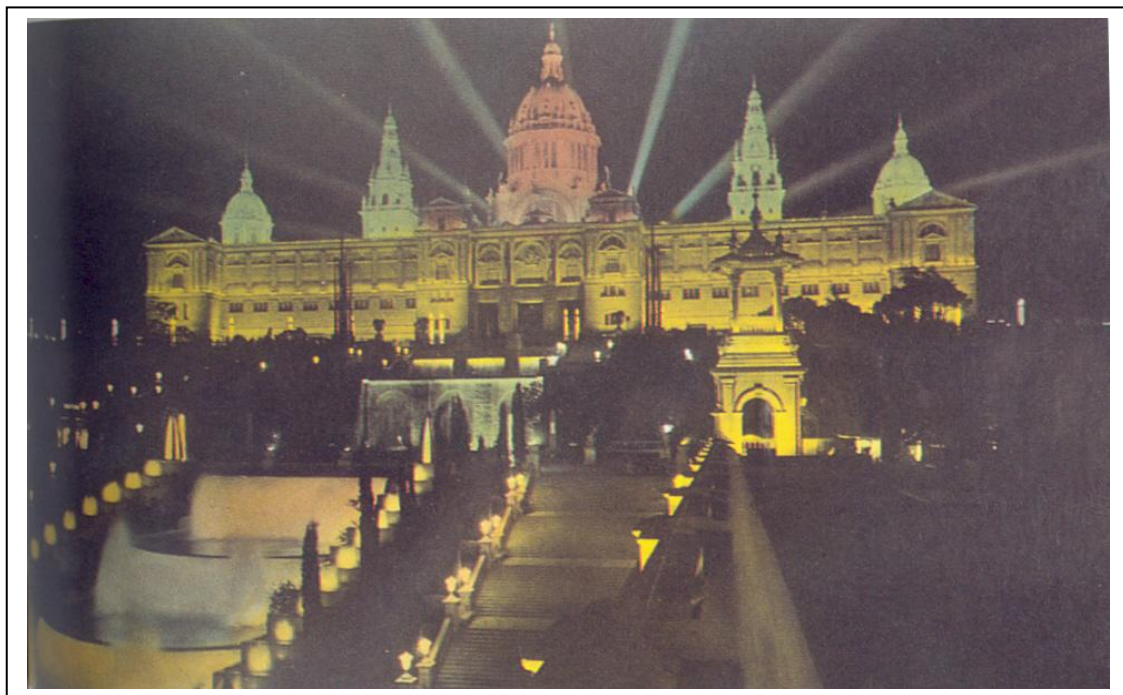


Ilustração 100: Exposição de Barcelona em 1929<sup>100</sup>.

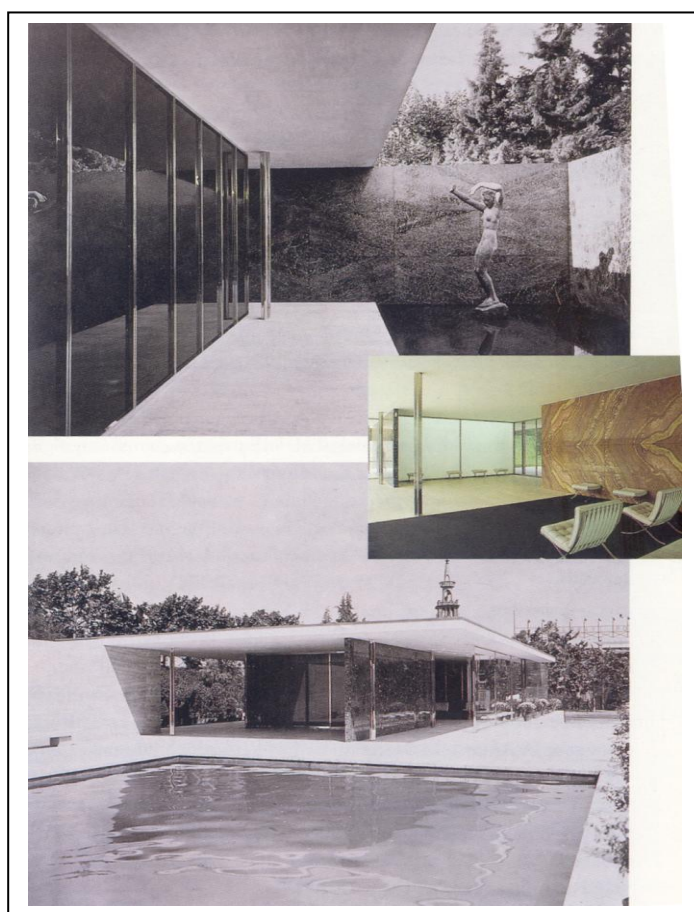


Ilustração 101: O pavilhão alemão da autoria de Mies van der Rohe e L. Reich, actualmente reconstituído<sup>101</sup>.

<sup>100</sup> ALMEIDA, Cristina Ferreira de, *Exposições universais: Barcelona 1929*, Lisboa, Expo'98, 1995, p.61.

<sup>101</sup> Idem, p.45.

## 22. França: Paris, 1937



Ilustração 102: Vista noturna da exposição de Paris 1937<sup>102</sup>.

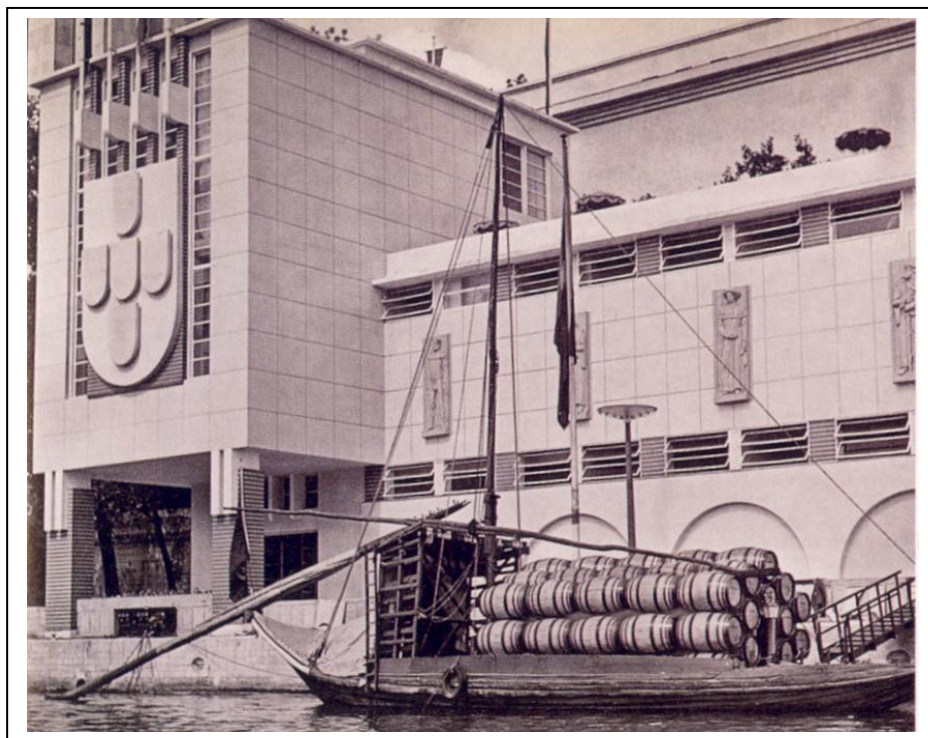
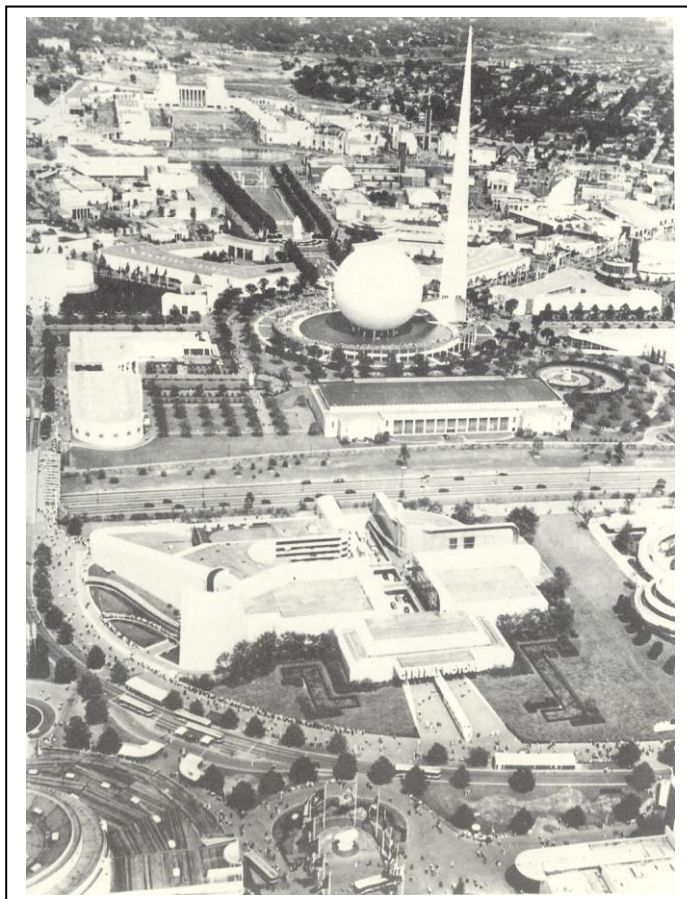


Ilustração 103: Pavilhão de Portugal na exposição de Paris 1937<sup>103</sup>.

<sup>102</sup> OLIVEIRA, Rosa Neves de, *Exposições universais: Paris 1937*, Lisboa, Expo'98, 1996, p.27.

<sup>103</sup> Idem, p.95.

## 23. E.U.A. : Nova Iorque, 1939



**Ilustração 104:** Fotografia aérea da exposição de Nova Iorque<sup>104</sup>.

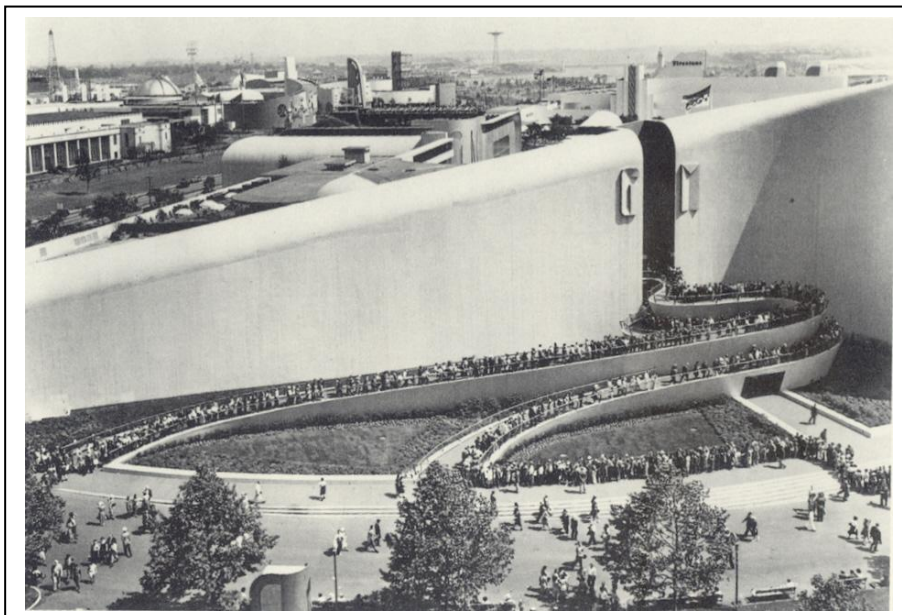


**Ilustração 105:** Enterro da Cápsula do Tempo<sup>105</sup>.

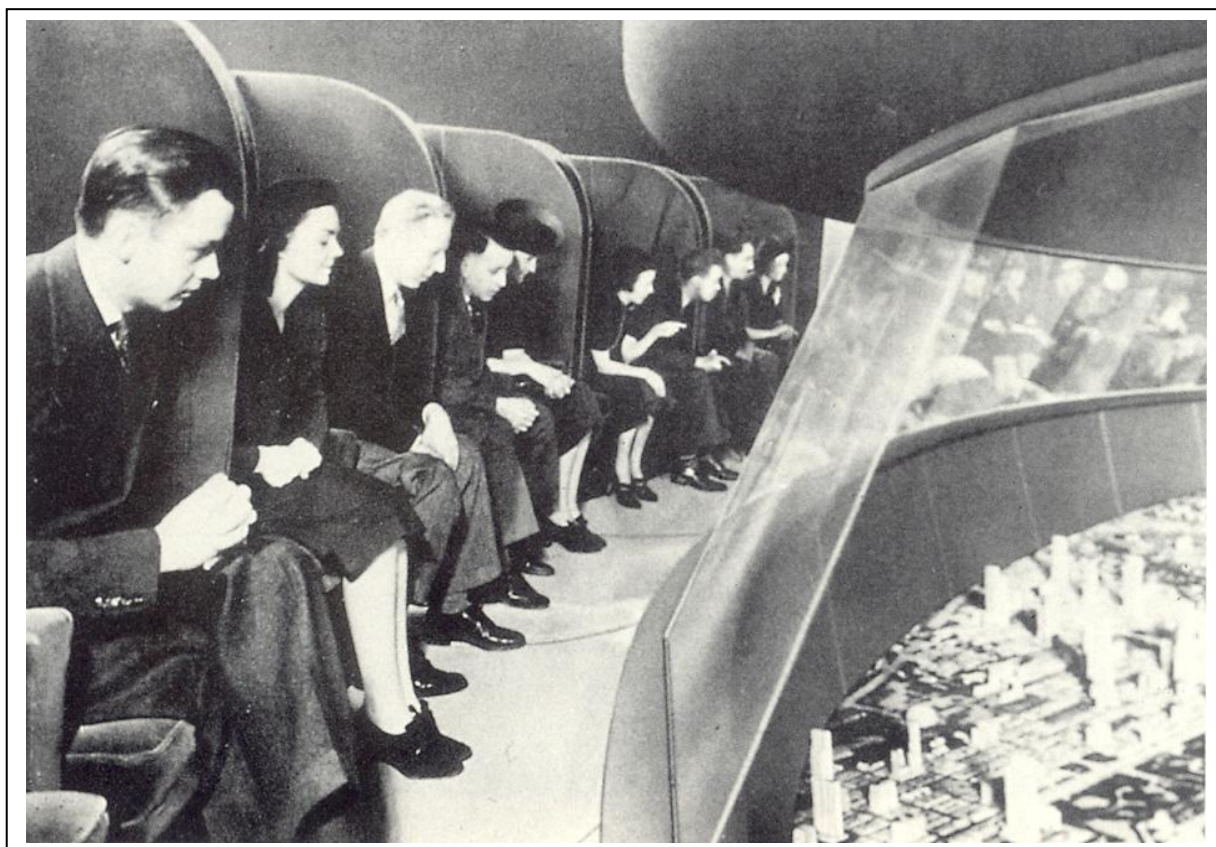
<sup>104</sup> CANOGAR, Daniel, *Ciudades Efímeras. Exposiciones universales: espectáculo y tecnología*, Madrid, Júlio Ollero editor, 1992, fig.53.

<sup>105</sup> Idem, fig.52.





**Ilustração 106: Filas na entrada do Futurama, o pavilhão da General Motors<sup>106</sup>.**

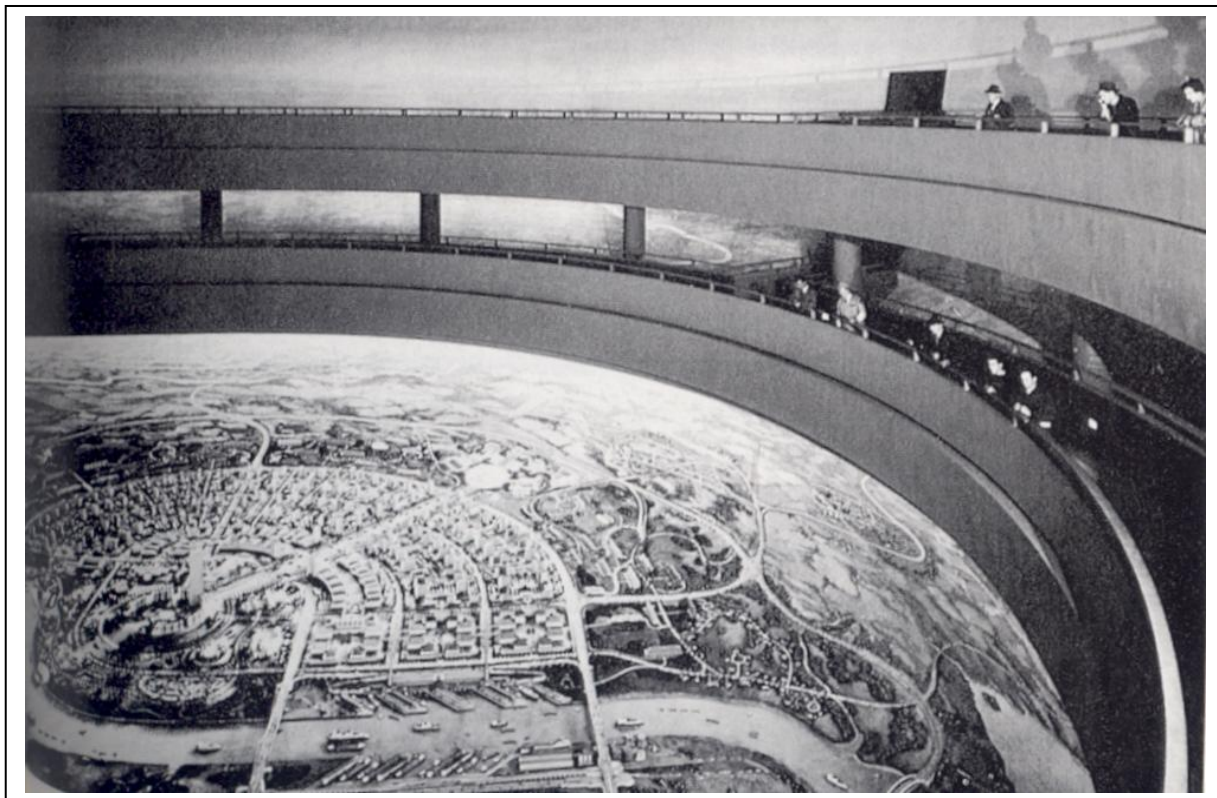


**Ilustração 107: Interior do Futurama no pavilhão da General Motors<sup>107</sup>.**

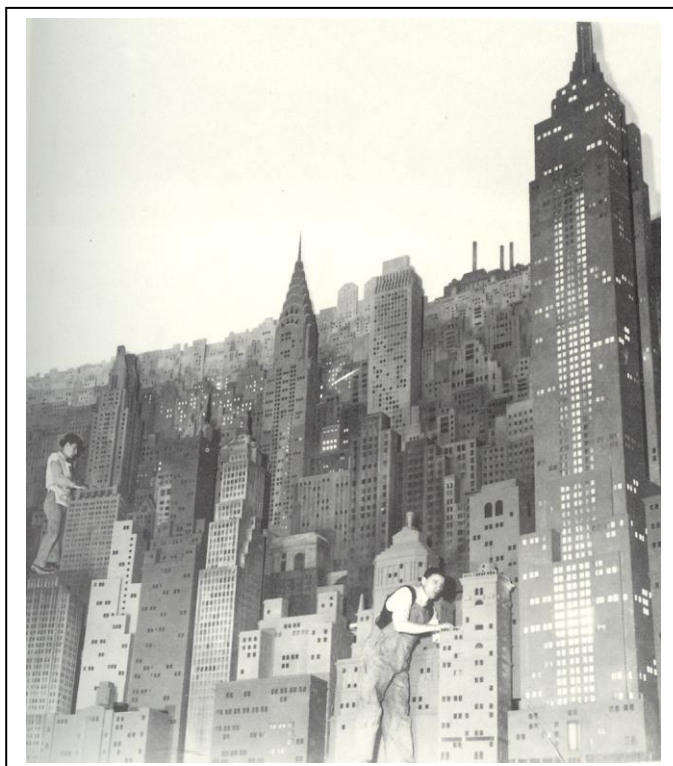
---

<sup>106</sup> Idem, fig.60.

<sup>107</sup> Idem, fig.61.



**Ilustração 108: Dentro do Perisfério, a Democracidade, uma visão utópica da metrópole perfeita daí a um século<sup>108</sup>.**



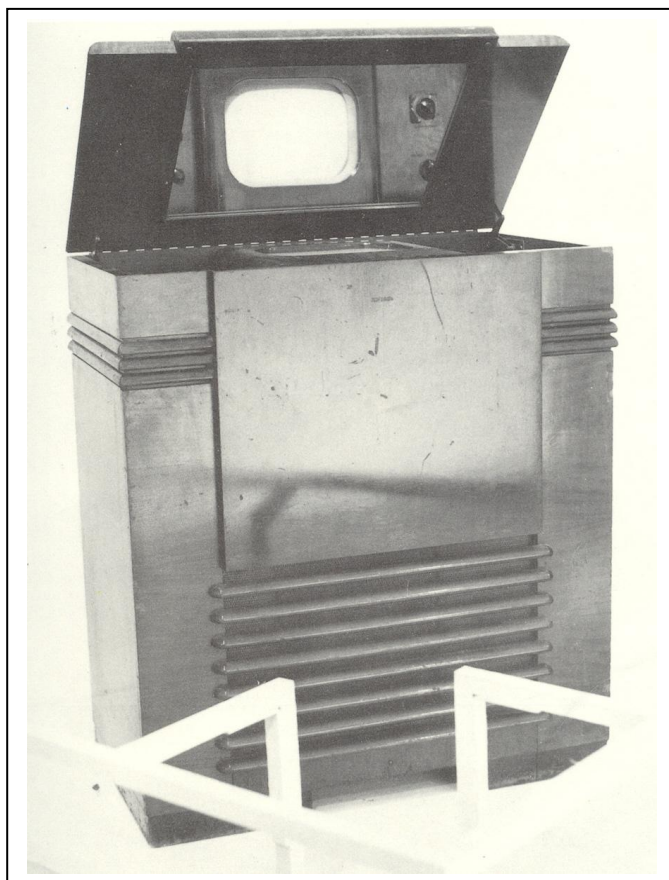
**Ilustração 109: Últimos retoques no diorama a Cidade das Luzes<sup>109</sup>.**

<sup>108</sup> MARTINS, Rui Cardoso, *Exposições universais: Nova Iorque 1939*, Lisboa, Expo 98, 1996, p.41.

<sup>109</sup> CANOGAR, Daniel, *Ciudades Efímeras. Exposiciones universales: espectáculo y tecnología*, Madrid, Júlio Ollero editor, 1992, fig.57.



**Ilustração 110: Primeiras fotografias a cores<sup>110</sup>.**



**Ilustração 111: Televisor da RCA<sup>111</sup>.**

<sup>110</sup> Idem, fig.59.

<sup>111</sup> Idem, fig.66.



Ilustração 112: Pavilhão de Portugal<sup>112</sup>.

## 24. Bélgica: Bruxelas, 1958



Ilustração 113: Perspectiva nocturna do pórtico da Bélgica<sup>113</sup>.

<sup>112</sup> MARTINS, Rui Cardoso, *Exposições universais: Nova Iorque 1939*, Lisboa, Expo 98, 1996, p.61.

<sup>113</sup> CARDOSO, Rui, *Exposições universais: Bruxelas 1958*, Lisboa, Expo 98, 1997, p.33.

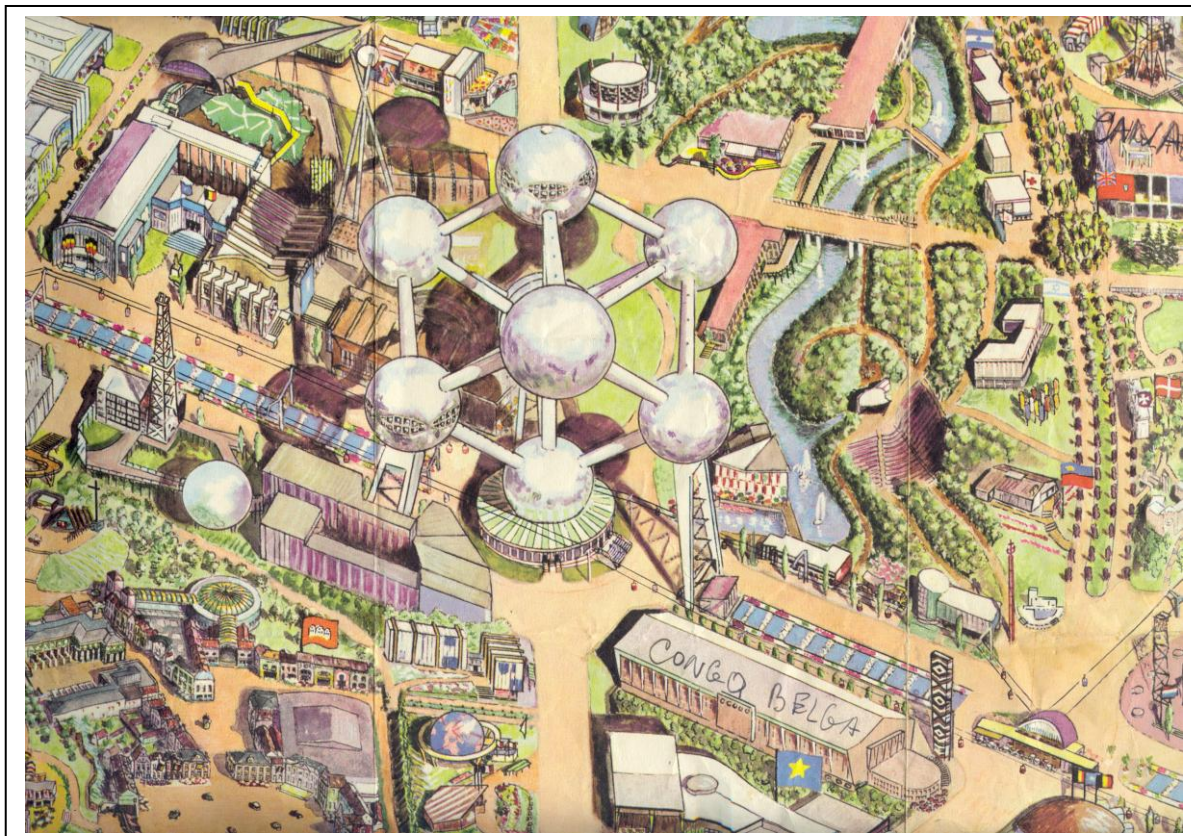


Ilustração 114: O ex-libris Atomium no mapa da exposição de Bruxelas, em 1958<sup>114</sup>.

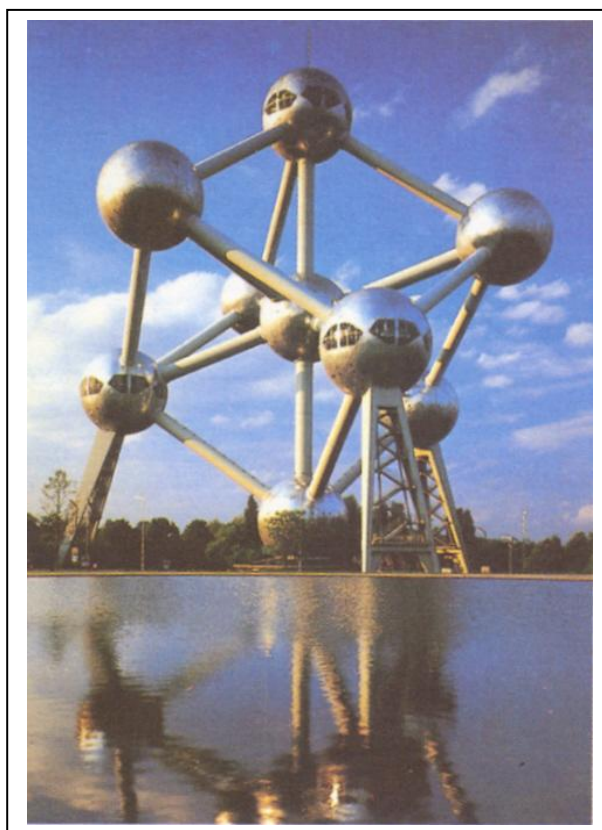
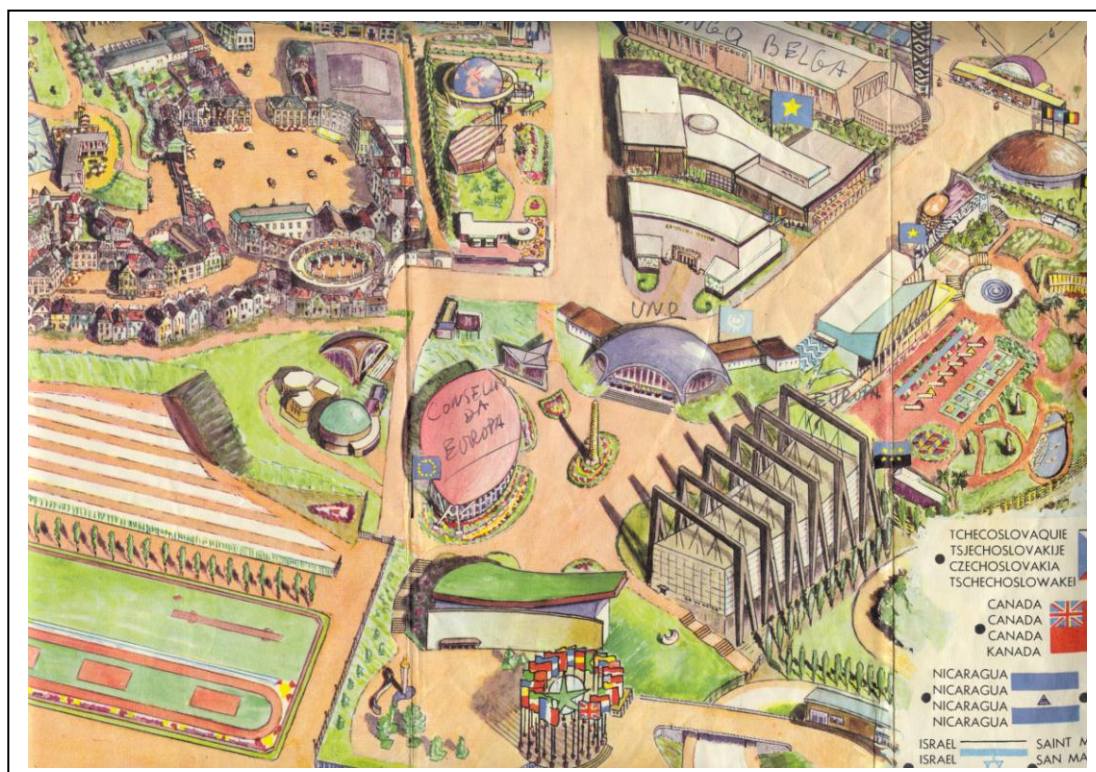


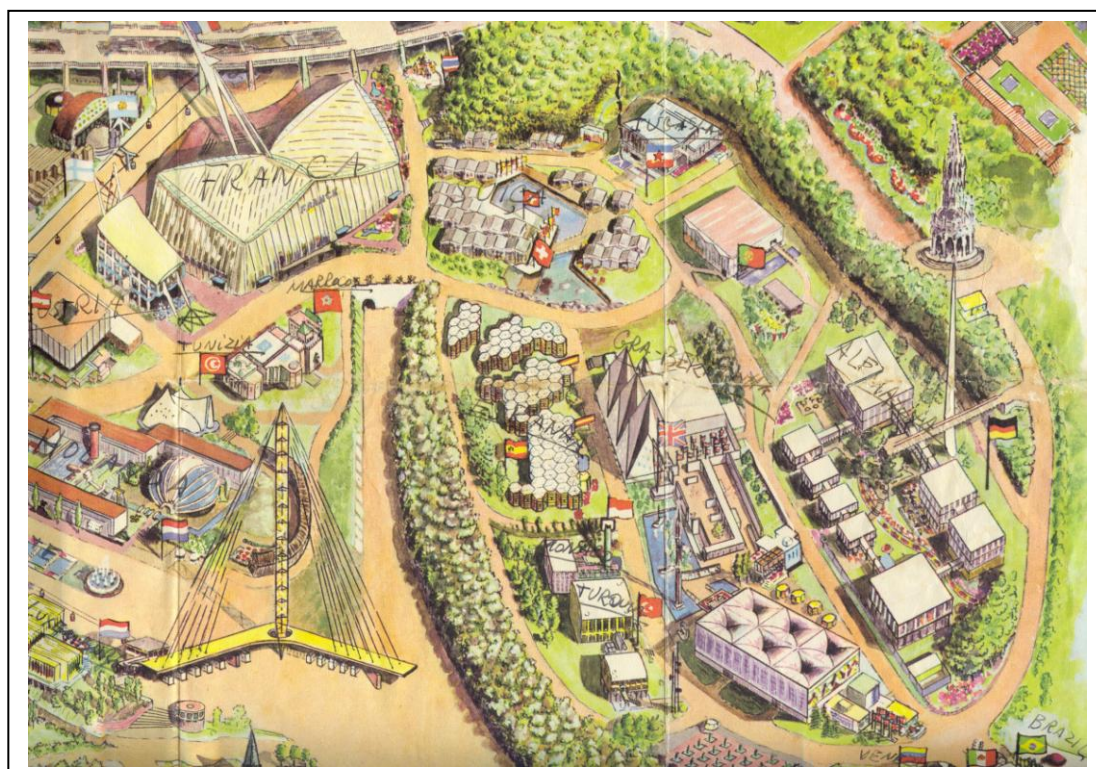
Ilustração 115: Bruxelas 1958. Atomium<sup>115</sup>.

<sup>114</sup> Mapa da exposição de Bruxelas em 1958, propriedade da autora.

<sup>115</sup> *Guia oficial Expo '92*, Sevilha, Expo'92, 1992, p.18.



**Ilustração 116: Pavilhão do conselho da Europa no mapa da exposição de Bruxelas, em 1958<sup>116</sup>.**



**Ilustração 117: O pavilhão de Portugal no mapa da exposição de Bruxelas, em 1958<sup>117</sup>.**

<sup>116</sup> Mapa da exposição de Bruxelas em 1958, propriedade da autora.

<sup>117</sup> Idem.



Ilustração 118: O pavilhão de Portugal de Pedro Cid<sup>118</sup>.

## 25. Japão: Osaka, 1970

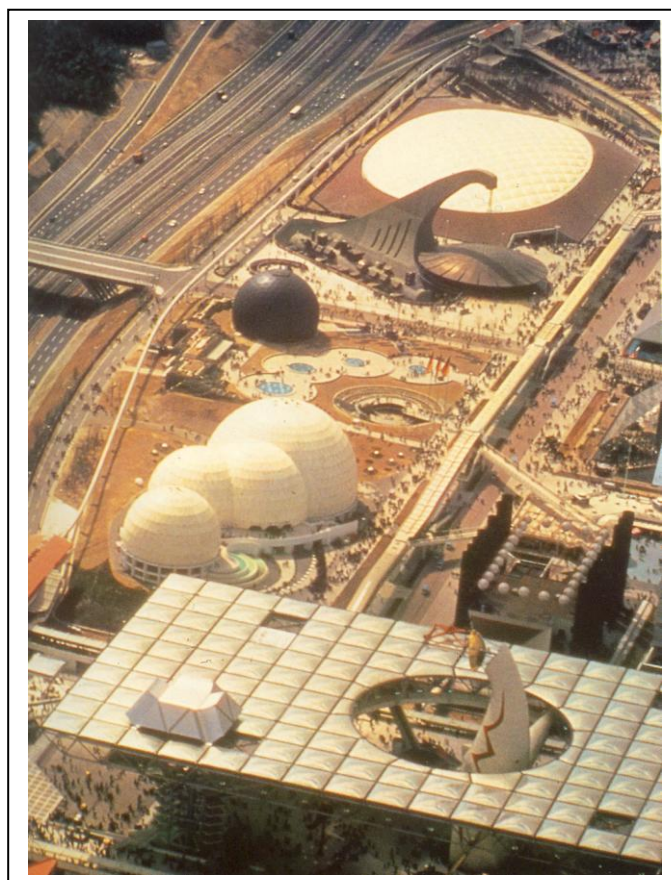


Ilustração 119: Vista aérea de Osaka1970<sup>119</sup>.

<sup>118</sup> CARDOSO, Rui, *Exposições universais: Bruxelas 1958, Lisboa, Expo 98, 1997*, p.51.

<sup>119</sup> CANOGAR, Daniel, *Ciudades Efímeras. Exposiciones universales: espectáculo y tecnología*, Madrid, Júlio Ollero editor, 1992, fig.75.

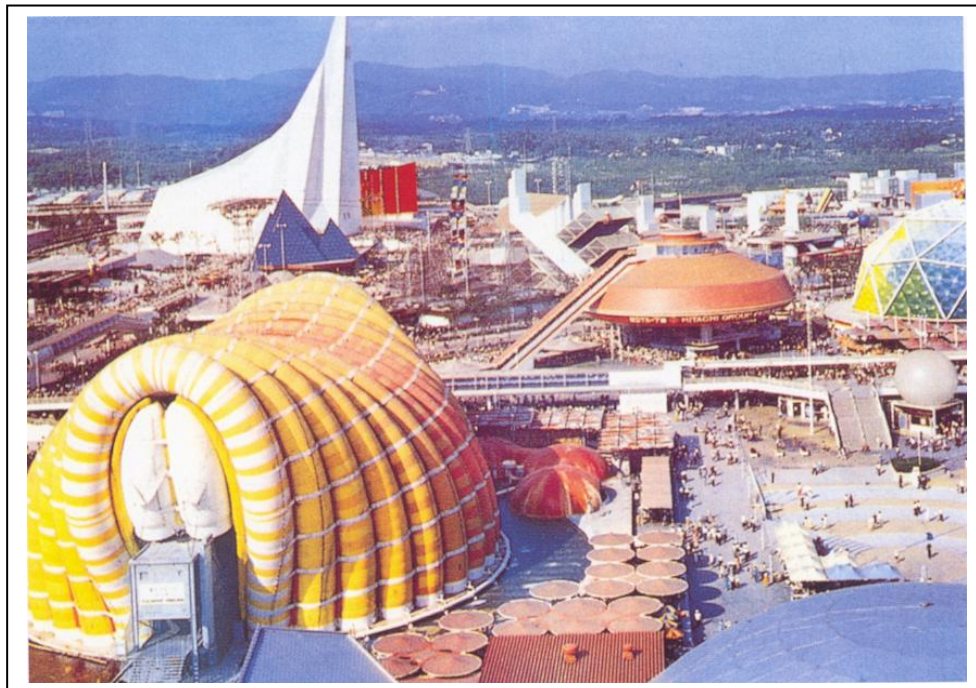


Ilustração 120: Vista geral do recinto da exposição de Osaka 1970<sup>120</sup>.



Ilustração 121: Aspecto do pavilhão português na exposição de Osaka em 1970<sup>121</sup>.

<sup>120</sup> FONTOURA, Miguel, *Exposições universais: Osaka 1970*, Lisboa, Expo'98, 1997, p.20.

<sup>121</sup> Idem, p.56.



## 26. Espanha: Sevilha, 1992



Ilustração 122: Vista da exposição de Sevilha em 1992<sup>122</sup>.

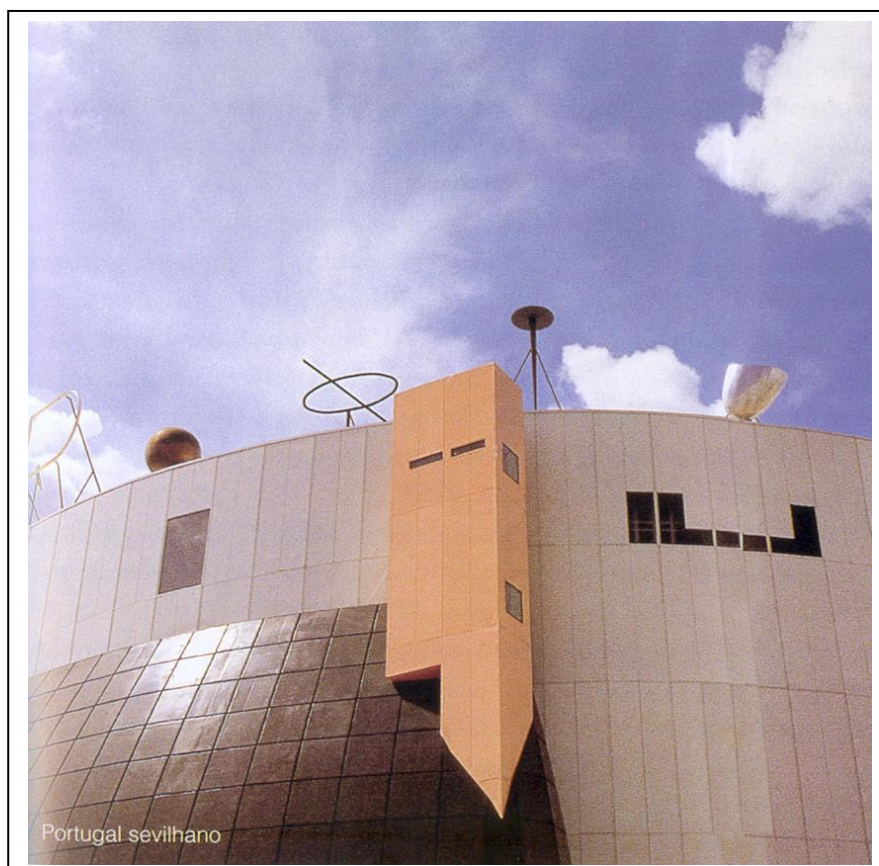


Ilustração 123: O pavilhão de Portugal da exposição de Sevilha em 1992<sup>123</sup>.

<sup>122</sup> SILVA, João Alfacinha da, *Exposições universais: Sevilha 1992*, Lisboa, Expo 98, 1998, p.45.

<sup>123</sup> Idem, p.47.

## 27. Portugal: Lisboa, 1998

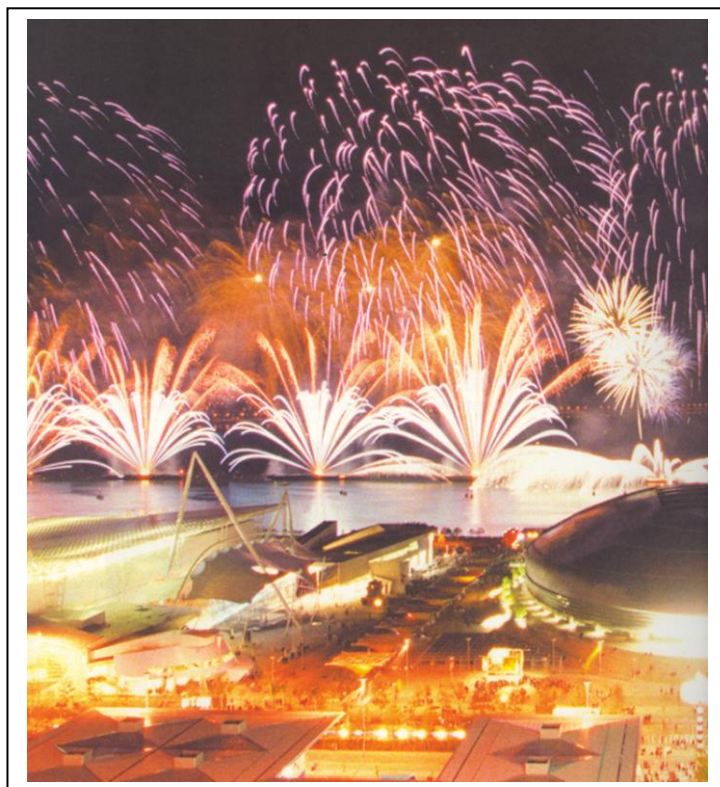


Ilustração 124: Fogo de artifício no último dia da Expo'98<sup>124</sup>.

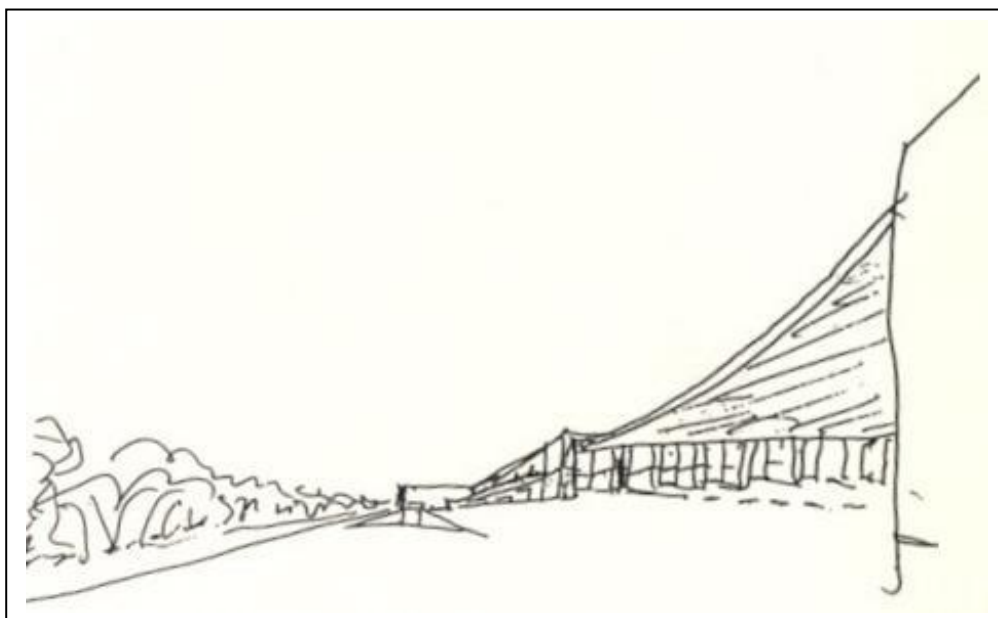
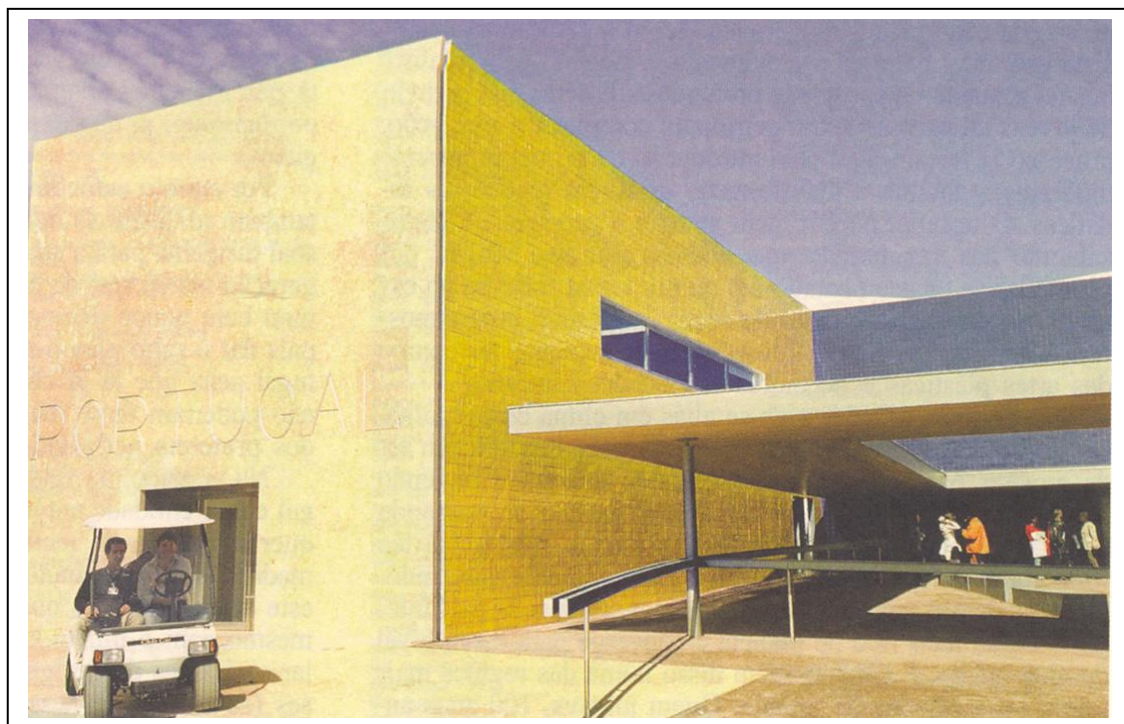


Ilustração 125: Esquício de Alvaro Siza do pavilhão de Portugal<sup>125</sup>.

<sup>124</sup> VIEIRA, Joaquim, *Portugal. Século XX. Crónica em imagens 1990-2000*, Lisboa, Circulo de Leitores, 2001, p.210.

<sup>125</sup> *Pavilhão de Portugal. Catálogo oficial*, Lisboa, Expo'98, 1998, p.39.

**28. Alemanha: Hanôver, 2000**

**Ilustração 126: Pavilhão de Portugal, dos arquitectos Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura, na exposição universal de Hanôver, em 2000<sup>126</sup>.**

<sup>126</sup> VIEIRA, Joaquim, *Portugal. Século XX. Crónica em imagens 1990-2000*, Lisboa, Circulo de Leitores, 2001, p.229.